

Universidade de Évora – Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Linguística

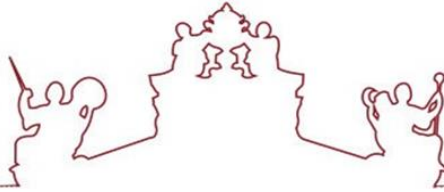
Tese de Doutoramento

**Operadores de sequencialização do discurso. Estudo de caso
nos relatórios de fim de curso no Instituto Médio Politécnico
Pascoal Luvualu**

Jesus Gonçalves João da Silva

Orientadores(es) | Ana Alexandra Lázaro Vieira da Silva

Évora 2021



Universidade de Évora – Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Linguística

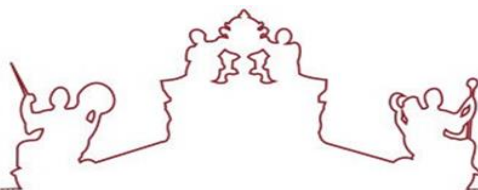
Tese de Doutoramento

**Operadores de sequencialização do discurso. Estudo de caso
nos relatórios de fim de curso no Instituto Médio Politécnico
Pascoal Luvualu**

Jesus Gonçalves João da Silva

Orientadores(es) | Ana Alexandra Lázaro Vieira da Silva

Évora 2021



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

Presidente | Maria do Céu Fonseca (Universidade de Évora)

Vogais | Afonso João Miguel (Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda)
Ana Alexandra Silva (Universidade de Évora) (Orientador)
Ana Luísa da Piedade Melro Blazer Gaspar Costa (Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de educação de Setúbal)
Ana Rita de Sousa Aguiar Carrilho (Universidade da Beira Interior)
Maria João Marçalo (Universidade de Évora)

Évora 2021

EPÍGRAFE

A língua existe na memória colectiva como saber e como prática, como “capacidade” e como “acção linguística”, como conjunto de produtos (= textos) e como “acto ilocutório”, o discurso.

(Mário Vilela, 1999:5)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais (em memória)

À minha querida esposa, Joana Elias, por suportar, sabiamente, a minha ausência, os meus momentos de silêncio para concluir esta pesquisa.

Aos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus pela força e equilíbrio interiores que me fizeram continuar no caminho reto, mesmo quando as adversidades se fizeram presentes.

À minha esposa, Joana Elias, agradeço pelo carinho, cumplicidade e compreensão pela ausência prolongada durante a formação.

Aos meus filhos e irmãos pela presença marcante em cada passo desta caminhada.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Alexandra Silva, exemplo de entrega profissional, dedicando-se a este trabalho com leituras e comentários minuciosos, discussões críticas, indicações bibliográficas, paciência e segurança que nos fizeram acreditar que tudo daria certo. A minha gratidão pela sua sapiência e humanismo.

Ao Governo de Angola pelo acompanhamento e pelo apoio financeiro, sem o qual não teria sido possível a nossa formação. À Professora Paula Henriques, coordenadora do projeto no qual se insere a presente pesquisa, pela maneira sábia como conduziu o processo.

À Direção, aos professores e alunos do Instituto Médio Politécnico Pascoal Luvualu, pela colaboração.

Aos amigos que nas horas difíceis apoiaram os familiares na nossa ausência, eterna gratidão, em especial ao Tchitchi e Cazombo. Aos colegas do projeto, amigos e “filhos” feitos em Évora, pelo contributo que nos brindaram neste percurso, em especial à Filomena Silva, ao Gabriel Ganga, ao Luís Chimuku, ao Tunga Samuel, aos “putos” Carlos Santos, Yanick e Flávio Lutete.

RESUMO

O foco desta pesquisa centra-se no uso dos operadores de sequencialização de discurso nos relatórios de fim de curso de alunos do Instituto Médio Politécnico Pascoal Luvualu (IMPPL), uma escola do 2º Ciclo do Ensino Secundário.

O estudo tem como objetivo analisar, numa perspetiva semântico-pragmática, os articuladores textuais, assim como explorar possíveis desdobramentos de valores expressos por esses articuladores. Para isso, empreendemos uma pesquisa de caráter, fundamentalmente, qualitativo, embora tenhamos feito também uma abordagem quantitativa. A junção de ambas as perspetivas permitiu identificar o nível de proficiência linguística dos alunos, no que respeita o uso dos operadores discursivos.

Este estudo está ligado à área da Linguística Textual, pois entendemos que o texto / discurso, sendo «(...) produto efetivo do uso da língua, nas diversas situações de comunicação humana.» (Raposo, 2020:2667), deve ser considerado como núcleo central para o desenvolvimento das pesquisas linguísticas.

Os procedimentos metodológicos foram de cunho bibliográfico, explicativo e de investigação de campo. Os Projetos Tecnológicos (Relatórios) dos alunos do IMPPL eram a prova das dificuldades sentidas, ao nível da articulação, coesa e coerente, dos seus discursos. Desta forma, procedemos à análise dos referidos relatórios no que respeita o uso dos operadores discursivos. O intuito seria perceber se os alunos desta Instituição possuíam conhecimento destas estruturas linguísticas e as relações lógico-semânticas que se estabelecem no texto.

A análise dos resultados permitiu identificar o nível de proficiência linguístico de cada um dos alunos envolvidos nesta pesquisa, através da definição de critérios, não só de teor quantitativo, mas sobretudo de teor qualitativo.

PALAVRAS-CHAVE: operadores discursivos, operadores de sequencialização, texto/discurso, ensino

ABSTRACT

Speech Sequencing Operators. Case Study in the end-of-course Reports of the Instituto Médio Politécnico Pascoal Luvualu

The focus of this research is on the use of speech sequencing operators in end-of-course reports. These reports were written by students who attended the Instituto Médio Politécnico Pascoal Luvualu (IMPPL), a Secondary Education School.

This study aims to analyse textual connectors from a semantic-pragmatic perspective. It also seeks to explore possible valuable ramifications expressed by these textual connectors. To do that we undertake a qualitative research, even though a quantitative approach was also taken into consideration. The union of both perspectives allowed the identification of student's level of language proficiency, in the specific matter of speech connectors. The research we undertook was mostly qualitative, but a quantitative approach also taken into consideration. The union of both perspectives allowed us to better determine a student's level of language proficiency, specifically in the use of speech connectors.

This research is relevant in the area of text linguistics, as we understand text/speech (to be) a «(...) produto efetivo do uso da língua, nas diversas situações de comunicação humana. » (Raposo, 2020:2667). This should be considered the main focus for linguistic research development.

The methodological procedures were bibliographical, explanatory, and field research. The Technological Projects (Reports) of IMPPL students were proof of the difficulties felt, at the level of articulation, cohesive and coherent, of their speeches. Thus, we proceeded to analyse these reports regarding the use

of discursive operators. The objective was to understand whether the students of this institution had knowledge of these linguistics structures and the logical-semantic relationships established in the text.

Using the criteria defined, the analysis of the results allowed us to identify the language proficiency level of each Report, both qualitatively and quantitatively.

KEY WORDS: speech connectors, sequencing operators, text/speech, teaching

LISTA DE ABREVIATURAS

ETP – Ensino Técnico Profissional

IMPPL – Instituto Médio Politécnico Pascoal Luvualu

L1 – Primeira língua

L2 – Segunda língua

LAA – Línguas Angolanas de origem Africana

LE – Língua Estrangeira

LM – Língua Materna

MD – Marcador (es) Discursivos (s)

PA – Português Angolano

PAP – Prova de Aptidão Profissional

PE – Português Europeu

PT – Projeto Tecnológico

QECR – Quadro Europeu Comum de Referência das línguas

R – Relatório (s)

RETEP – Reforma do Ensino Técnico Profissional

S – Sintagma

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Adaptada de Martín e Portolés (1999:4081-2).....	93
Tabela 2. Operadores mais frequentes R1	172
Tabela 3: Frequência dos operadores R1.....	175
Tabela 4. Operadores mais frequentes R2.....	176
Tabela 5: Frequência dos operadores R2.....	178
Tabela 6: Operadores mais frequentes R3.....	179
Tabela 7: Frequência dos operadores R3.....	180
Tabela 8: Operadores mais frequentes R4.....	181
Tabela 9: Frequência dos operadores R4.....	183
Tabela 10: Operadores mais frequentes R5	185
Tabela 11: Frequência dos operadores R5.....	186
Tabela 12: Operadores mais frequentes R6	187
Tabela 13: Frequência dos operadores R6.....	189
Tabela 14: Operadores mais frequentes R7	190
Tabela 15: Frequência dos operadores R7.....	192
Tabela 16: Operadores mais frequentes R8	193
Tabela 17: Frequência dos operadores R8.....	195
Tabela 18: Operadores mais frequentes R9	196
Tabela 19: Frequência dos operadores R9.....	197
Tabela 20: Operadores mais frequentes R10	198
Tabela 21: Frequência dos operadores R10.....	200
Tabela 22: Frequência global dos 10 relatórios	203
Tabela 23: QECR (2001:178).	210

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Mateus et al., 1983:190.....	70
Gráfico 3: Síntese R1.....	175
Gráfico 4: Síntese R2.....	178
Gráfico 5: Síntese R3.....	181
Gráfico 6: Síntese R4.....	184
Gráfico 7: Síntese R5.....	187
Gráfico 8: Síntese R6.....	190
Gráfico 9: Síntese R7.....	193
Gráfico 10: Síntese R8.....	195
Gráfico 11: Síntese R9.....	198
Gráfico 12: Síntese R10.....	201
Gráfico 13: Operadores do discurso em %.....	215

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE.....	4
DEDICATÓRIA	5
AGRADECIMENTOS.....	6
RESUMO	7
ABSTRACT.....	9
ÍNDICE DE TABELAS.....	12
ÍNDICE DE GRÁFICOS	13
INTRODUÇÃO	18
JUSTIFICAÇÃO DO TEMA	19
PROBLEMA DE PESQUISA.....	21
OBJETIVOS	21
HIPÓTESES	22
CAPÍTULO I – A LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA	25
1.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-LINGUÍSTICO.....	26
1.1.1 <i>Pós-independência</i>	30
1.2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DO PORTUGUÊS EM ANGOLA COMO LÍNGUA SEGUNDA	33
1.2.1 <i>Língua Materna (L1) / Língua Segunda (L2)</i>	33
1.2.2 <i>A Análise Diferencial no Ensino do Português Língua Segunda</i>	38
1.3 SÍNTESE.....	42
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	44
2.1 COMUNICAÇÃO ORAL E COMUNICAÇÃO ESCRITA	45
2.2 COMPETÊNCIA COMUNICATIVA / COMPETÊNCIA PRAGMÁTICA.....	49
2.2.1 <i>Contexto discursivo</i>	53
2.3 SEMÂNTICA / PRAGMÁTICA	57
2.4 ASPETOS LINGUÍSTICOS DA ORGANIZAÇÃO DO TEXTO	61

2.4.1	<i>Texto / Discurso</i>	61
2.4.2	<i>Textualidade, coesão e coerência</i>	66
2.4.2.1	Deixis e Anáfora.....	76
2.5	NOÇÃO DE SEQUÊNCIA	79
2.5.1	<i>Sequências prototípicas de Adam</i>	80
2.5.2	Sequência explicativa.....	81
2.5.3	Sequência argumentativa	82
2.6	A CONEXÃO E OS CONECTORES	84
2.7	OPERADORES / MARCADORES SEQUENCIALIZAÇÃO DE DISCURSO	94
2.7.1	<i>Marcadores de reformulação</i>	99
2.8	SÍNTESE	101
CAPÍTULO III - METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO		104
3.1	CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA	107
3.2	CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	109
3.2.1	<i>Natureza científica dos textos do corpus</i>	111
3.2.2	<i>Breve descrição do local da pesquisa</i>	115
3.3	PROCEDIMENTOS	117
3.4	SÍNTESE.....	119
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS		121
4.1	ANÁLISE DOS RELATÓRIOS.....	122
4.1.1	<i>Relatório 1</i>	122
4.1.2	<i>Relatório 2</i>	126
4.1.3	<i>Relatório 3</i>	132
4.1.4	<i>Relatório 4</i>	138
4.1.5	<i>Relatório 5</i>	143
4.1.6	<i>Relatório 6</i>	148
4.1.7	<i>Relatório 7</i>	155
4.1.8	<i>Relatório 8</i>	160

4.1.9	Relatório 9	164
4.1.10	Relatório 10	167
4.2	A FREQUÊNCIA DOS OPERADORES DISCURSIVOS	171
4.2.1	Relatório 1	172
4.2.2	Relatório 2	175
4.2.3	Relatório 3	178
4.2.4	Relatório 4	181
4.2.5	Relatório 5	184
4.2.6	Relatório 6	187
4.2.7	Relatório 7	190
4.2.8	Relatório 8	193
4.2.9	Relatório 9	196
4.2.10	Relatório 10	198
4.3	OCORRÊNCIAS DE OPERADORES DISCURSIVOS NOS RELATÓRIOS	201
4.4	PROFICIÊNCIA LINGUÍSTICA	203
4.4.1	Operadores discursivos e o QECR	209
4.4.2	Os dados do corpus e o nível de proficiência	211
4.5	SÍNTESE	215
CONCLUSÃO		218
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		224
APÊNDICES		236
APÊNDICE I – CONTEXTO DE OCORRÊNCIA DO OPERADOR E VALOR SEMÂNTICO/PRAGMÁTICO		237
RELATÓRIO 1		237
RELATÓRIO 2		242
RELATÓRIO 3		246
RELATÓRIO 4		249
RELATÓRIO 5		254
RELATÓRIO 6		258

RELATÓRIO 7.....	261
RELATÓRIO 8.....	264
RELATÓRIO 9.....	266
RELATÓRIO 10.....	268
APÊNDICE II - QUADRO DOS OPERADORES, OCORRÊNCIAS E FREQUÊNCIAS DOS 10 RELATÓRIOS.....	272

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, o assunto principal que nos vai ocupar prende-se com a análise semântico-pragmática dos operadores de sequencialização do discurso, nos trabalhos de fim de curso dos alunos do Ensino Técnico Profissional.

Neste sentido, vamos falar da relevância dessas unidades linguísticas e aferir o grau de proficiência dos alunos na sua utilização. No Ensino Médio Técnico, onde estamos inseridos, o ensino da elaboração de textos dissertativos continua a ser uma preocupação. Muitos professores recorrem a técnicas artificiais de organização de textos, que não ajudam o aluno a refletir e desenvolver a sua competência textual. A importância do ensino /aprendizagem desses operadores e sua utilização podem contribuir para o desenvolvimento das competências da expressão escrita, da leitura e da oralidade.

A Língua Portuguesa, reconhecida como língua oficial, é, simultaneamente, a língua de escolaridade e de comunicação nacional e internacional; é também a língua veicular e a base de aquisição de conhecimentos técnico-científicos, valores cívicos e culturais.

Este trabalho será um estudo de caso, na medida em que vamos fazer a análise de relatórios de fim de curso dos alunos do Instituto Médio Politécnico Pascoal Luvualu, situado no bairro Palanca, Distrito Urbano do Kilamba Kiaxi em Luanda.

Justificação do Tema

O ensino da elaboração de textos dissertativos continua a ser uma preocupação para os professores. Ensinamos no Ensino Médio a disciplina de

Língua Portuguesa e, todos os dias, sentimos as dificuldades dos alunos. É necessário que o professor estimule, em sala de aula, o estudo dos elementos linguísticos que servem para relacionar as várias partes do texto, os parágrafos entre si e as ideias no interior dos períodos. Estes irão permitir ao aluno uma reflexão sobre como se constrói um texto coeso.

Sabemos que essas unidades linguísticas são invariáveis e contribuem para a coesão de um texto, englobam diversos elementos e não desempenham qualquer função sintática na frase. Fazem parte destas unidades os conectores, que incluem segmentos linguísticos que pertencem a diferentes classes de palavras (conjunções, advérbios ou interjeições). Segundo Mira Mateus e Esperança Cardeira (2008: 13), a língua portuguesa é o instrumento utilizado para compreendermos o que está ao nosso redor e transmitirmos os nossos sentimentos. Ela é apreendida na perspectiva da língua-padrão, quando soubermos distinguir a noção do correto. Noção que é imposta pela comunidade a que pertencemos.

Ainda sobre a língua, Morais (2011: 9), salienta:

Ter consciência de uma língua e do funcionamento dos discursos é condição para melhor ler o mundo, conhecer-se a si mesmo e dar-se a conhecer aos outros.

Assim sendo, pretendemos com este trabalho, verificar se os alunos do Instituto em causa utilizam corretamente os diferentes operadores do discurso, garante de uma harmonia discursiva coerente, concisa e coesa, nos vários segmentos dos textos.

Problema de pesquisa

O problema surge devido a fatores de natureza linguística e a nosso ver, uma pedagogia produtiva e eficaz da língua portuguesa não poderá centrar-se apenas na noção de língua como um sistema formal. No exercício das nossas atividades constatámos frequentemente imprecisões no uso dos operadores de sequencialização do discurso em relação à norma-padrão do português por parte dos alunos. É importante realçar que a norma de que nós, angolanos, nos servimos é a europeia¹. Para Castro (2006:3), a norma consiste:

(...) na variedade escrita e falada que é usada pela população escolarizada e reconhecida como a variedade que mais facilmente se presta a ser reproduzida, seus erros evidentes, mas também sem formas demasiado cultas, incompreensíveis e rebuscadas.

Neste contexto, a língua é uma atividade sujeita a regras, como as de construir e interpretar as expressões, podendo as regras conduzir ao estabelecimento de interação entre os interlocutores.

Objetivos

Um dos aspetos fundamentais do texto, e que não tem merecido suficiente atenção por parte dos gramáticos, é a questão dos operadores do discurso. Sobre isso Vilela (1999:265) diz:

A inclusão deste item na Gramática da Palavra não se trata de equívoco: pretendemos fazer o levantamento das unidades da língua, daquelas

¹ Referimo-nos à sintaxe, à semântica e a pragmática, na medida em que o Acordo Ortográfico ainda não foi ratificado por Angola.

unidades que a gramática disponibiliza para construir frases e enunciados.

É consabido que as unidades linguísticas, habitualmente designadas por operadores ou conetores, têm a função de encadear as ideias de um discurso, conferindo-lhes uma relação de sequencialidade, desempenhando, portanto, a missão de especificar e precisar a relação semântica entre os vários segmentos linguísticos. Esta função é desempenhada por conjunções, advérbios, locuções adverbiais, ou mesmo por orações inteiras, porque contribuem para a clareza da mensagem; contribuem para a fluência do discurso; e podem contribuir para o prazer do texto e da leitura. Tendo em conta esse facto, traçámos à volta do assunto, objetivos que vão delinear a nossa pesquisa:

1. Analisar a utilização dos operadores de sequencialização do discurso nos relatórios dos alunos;
2. Fazer propostas de melhoramento da coesão do texto, sempre enquadradas no estudo dos operadores de sequencialização do discurso;
3. Verificar o grau de proficiência na utilização desses operadores, tendo como ponto de referência o QECR;
4. Verificar se os alunos do Instituto possuem um conhecimento adequado dos marcadores do discurso.

Hipóteses

Definimos como hipóteses de trabalho as seguintes:

1. Será que os alunos finalistas desta instituição conhecem /

dominam os operadores do discurso?

2. Será que os alunos finalistas desta instituição têm ou não dificuldades em empregar estas unidades linguísticas?

3. Qual será o grau de proficiência destes alunos na utilização dos operadores do discurso?

Tendo em consideração o que expusemos acima, procedeu-se ao desenvolvimento deste estudo que se encontra estruturado em quatro capítulos.

No primeiro, far-se-á um enquadramento histórico-linguístico da língua portuguesa em Angola. Procuramos contextualizar e clarificar o papel da língua oficial e entender que caminhos trilhar para que o seu ensino seja eficaz. Como se sabe, o português coabita com as línguas angolanas e cada uma reúne, nas mais variadas zonas onde é potencialmente falada, um conjunto de variantes dialetais, o que demonstra a grande diversidade linguística nacional.

No segundo, apresentaremos uma reflexão sobre os estudos feitos por vários investigadores em relação ao tópico em estudo, utilizando propostas de Zorraquino e Portolés (1999), Adam (1992), Vilela (1999), Anscombre e Ducrot (1983) e muitos outros.

No terceiro, procede-se à explicação do desenho metodológico subjacente à investigação, ou seja, qual a abordagem predominante, o procedimento adotado na recolha dos dados, a constituição do *corpus* e as características do local da pesquisa.

No quarto, procede-se à análise e tratamento dos dados. Primeiro, faremos uma análise semântico-pragmática dos operadores discursivos para depois determinar a frequência dessas unidades linguísticas.

Deste modo, será possível aferir o grau de proficiência linguística dos alunos em relação ao seu uso, com base em critérios do QECR. Por fim, tecem-se as considerações finais e algumas sugestões.

**CAPÍTULO I – A LÍNGUA
PORTUGUESA EM ANGOLA**

Ao longo deste capítulo, dedicamo-nos a fazer um enquadramento histórico, mas também atual, sobre as relações entre várias línguas nacionais e a língua portuguesa. Procuraremos contextualizar e clarificar o papel de língua oficial no ensino. Todas as línguas estão sujeitas às condições impostas pela dinâmica sociolinguística de um determinado contexto.

1.1 Enquadramento histórico-linguístico

Um estudo sobre a língua portuguesa, em Angola, implica uma reflexão e um exame prévios das condicionantes históricas, sociais e linguísticas que caracterizam este país, ainda que através de traços gerais.

O desembarque dos primeiros navegadores, nos finais do século XV, deu origem a uma longa colonização do território que se arrastou por um período de quase cinco séculos. Fruto dessa colonização, o povo angolano não escapou ao fenómeno da aculturação, cujos reflexos se impuseram com especial incidência no domínio da língua, a exemplo do que aconteceu com outros povos do continente africano. As línguas pré-existentes resistiram ao processo de glotofagia e continuaram vivas, mesmo não sendo escritas e não dispendo de um alfabeto próprio. Como refere Miguel (2014:14):

No momento da colonização, a grande maioria das línguas africanas eram ágrafas. A inexistência de textos escritos pelos africanos nas suas línguas originou a catalogação do continente como “incivilizado”, sem história e sem cultura. Isto legitimou a colonização que assim surgia como sinónimo de “civilização”.

Desta forma, é importante realçar que a língua portuguesa se impôs um pouco por todo o lado em Angola, não só nos meios urbanos, mas também nos

rurais, por métodos compulsivos que visavam quebrar o ímpeto da resistência cultural e da afirmação da consciência do colonizado.

O governo colonial não hesitou em impor o uso da língua portuguesa no ensino, hostilizando as línguas africanas, estabelecendo assim uma acérrima oposição entre a língua portuguesa e as línguas locais africanas.

Em 1921, Norton de Matos, alto-comissário em Angola, emitiu um Decreto, que seria um dos diplomas legislativos de carácter mais coercivo no domínio da língua. Deste transcrevemos os pontos mais importantes:²

Art. 2º Não é permitido ensinar nas escolas das missões línguas indígenas.

Art. 3º O uso da língua indígena só é permitido em linguagem falada na catequese e, como auxiliar, no período do ensino da língua portuguesa.

Art. 4º As condições dos dois artigos antecedentes não impedem os trabalhos linguísticos ou quaisquer outros de investigação científica, reservando-se, porém, o Governo o direito de proibir a sua circulação quando mediante inquérito administrativo, se reconhecer que ela pode prejudicar a ordem pública e a sua liberdade ou a segurança dos cidadãos e das populações indígenas. Outras disposições do Decreto têm por finalidade proibir por completo o uso e o emprego das línguas indígenas escritas, quer no ensino, quer com qualquer outro fim.

Com este decreto verifica-se a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa em qualquer situação, em detrimento, quer das línguas locais, quer de línguas estrangeiras. Também não eram permitidos nos livros de ensino religioso, concedendo-se apenas a possibilidade de uma versão paralela. Acerca desse impedimento coercivo, Cabral (2015: 15), faz a seguinte

² Decreto nº77, de 9 de dezembro de 1921, constante do **Boletim Oficial de Angola**, nº50, 1ª série.

constatação:

Embora se refira no artigo 3º que o uso da língua endógena era permitido em linguagem falada na catequese e como auxiliar no período de ensino elementar da língua portuguesa, esta disposição não se efetivou, ou seja, procurou-se sempre impedir o uso das línguas endógenas.

A língua portuguesa nunca se misturou com as línguas locais, consideradas indígenas e inferiores. A língua portuguesa impôs-se não pela convivência, não pela procura de uma língua de mistura (como um crioulo, por exemplo), mas pela exclusão forçada das línguas africanas. Consequentemente, a sua zona de influência, no conjunto do país, é largamente periférica, sendo igualmente periférica a participação dos seus falantes nas tarefas de desenvolvimento nacional.

Estas medidas legislativas de pendor coercitivo utilizadas pelos governantes colonialistas provocaram um agravamento da situação linguística de Angola, que, já é, por si só, complexa, visto que vive uma situação de plurilinguismo, onde coabitam três grandes famílias linguísticas, genética e estruturalmente diferentes. Trata-se:

- das línguas africanas, de origem não Bantu;
- das línguas africanas, de origem Bantu;
- da língua portuguesa, de origem neolatina.

As línguas não Bantu e Bantu, tidas como nacionais, não usufruem de um estatuto definido, servem como línguas de comunicação a micro nível, isto é, entre os membros de um mesmo grupo etnolinguístico ou de uma mesma comunidade. Dentro da família das línguas bantu encontramos o ambundu, bakongo, ovimbundu, tucokue, vangangela, ovanyaneka-nkumbi, ovahelelo e

ovambo. Já dentro das línguas não bantu existem o khoisan e vátwa.

A língua portuguesa, gozando do estatuto de língua oficial, tem variadíssimas funções nos domínios da vida social, político, económico e cultural no país. Possibilita a comunicação entre os vários grupos etnolinguísticos que ocupam o espaço nacional. (cf. Fernandes & Ntongo, 2002).

Como se pode ler em Mingas (1988:110-111):

(...) graças ao fenómeno colonial que foram criadas condições objetivas para que o português, língua neolatina, integrasse o grupo de línguas faladas em Angola, embora tivesse sido imposta num dado momento, a dinâmica histórica permitiu que esta língua coexistisse, durante mais de cinco séculos, com as línguas africanas e fosse até adotada pela nova sociedade angolana.

Todavia, conforme refere Inverno (2008:42):

Só a partir da década de 50, com o afluxo massivo de colonos portugueses e as deslocações massivas de angolanos do campo para as cidades com o início da luta pela independência, um sector significativo da população começou a ter contato frequente com o português e a necessidade de o aprender.

Apesar deste afluxo, como mencionado por Inverno, a língua portuguesa não se conseguiu fixar em todo o território, já que apenas uma pequena minoria tinha acesso à escolarização. Por outro lado, a população de Angola continuava a resistir ao uso da língua, principalmente nas zonas rurais, permanecendo as línguas nacionais vivas e intactas. Para Kukanda (2000:110):

A situação linguística dos países da zona bantu é essencialmente multilíngue (...). Essa situação obriga a uma complementaridade das línguas. Não há saída com uma só língua, e tal complementaridade encontra-se a níveis diferentes e

é ditada pelo contexto linguístico.

1.1.1 Pós-independência

Logo a seguir à independência, em novembro de 1975, já num regime político novo, a língua portuguesa continuou a ser Língua Oficial, Língua de Estado e de Ensino. Atualmente, perante o corrente mosaico linguístico, a língua portuguesa constitui a única língua de comunicação entre todos os angolanos. Como afirma Quibongue (2013:1-2):

Na realidade atual em Angola, a língua portuguesa já não é uma língua estrangeira, uma língua do colonialismo, como era considerada nos tempos, mas ela é a nossa língua, porque é com ela que construímos a nossa identidade cultural, a nossa dignidade angolana, comum a todos os estratos sociais.

Segundo Coelho (2002:29):

(...) não se podia escolher uma língua nacional para a comunicação, porque seria criar desde logo uma hegemonia dialectal em termos de união para um mesmo objectivo. A necessidade de intercomunicação impunha o uso do português, idioma neutro em relação às línguas nacionais e garantia a unidade com um só idioma para todos.

Sendo a língua uma entidade dinâmica, a evolução num contexto de realidade culturalmente muito heterogénea, incorpora a modernidade, desenvolvendo novas formas de representação linguística. De igual forma, deve reconhecer-se a contribuição dada pelos vários grupos de falantes de língua portuguesa. Esta dinâmica é gerada pela sociedade, pelas relações entre os falantes e pela necessidade de estabelecer um nível de compreensão,

em que todos se revejam.

No caso de Angola, o português, para além de ser a língua disseminada no território, como afirma Inocência Mata (2007:40), goza do estatuto exclusivo de oficialidade. Este ponto de vista é corroborado por Arlindo Barbeitos (1983:423) ao fazer a seguinte constatação: «E creio que não há país nenhum em África, onde uma língua europeia esteja tão difundida como o português em Angola».

Por isso, a importância da língua portuguesa foi imediatamente reconhecida, representando-se como língua de unidade nacional, ou seja, a língua portuguesa afigura-se fulcral na unificação da multiplicidade étnica e cultural que caracteriza Angola. A escolha do português como língua oficial e de unidade nacional era previsível, dada a história do seu uso, o tipo de diversidade linguística prevalecente, as premissas ideológicas relacionadas com o tipo de sociedade concebida para o país, bem como a necessidade de agregar as elites na estrutura do poder e nas instituições burocráticas do novo estado independente.

Como dissemos anteriormente, em consequência da política colonial e da ideologia linguística, o português surgiu como uma língua de prestígio associada às atividades institucionais e à mobilidade social. Constitui-se, de igual maneira, como marca simbólica fundamental da elite escolarizada, independentemente da sua origem étnica, regional ou racial.

Como o funcionamento das instituições nacionais do novo Estado tinha de basear-se neste segmento social, que não podia operar numa outra língua senão o português. A oficialização desta língua tem de ser vista como uma consequência natural. Como se pode ler em Costa (2006:45):

No limiar da independência nacional, o panorama linguístico não apresenta um quadro animador: inexistência de uma língua nacional falada em toda a dimensão do território e distanciamento das línguas africanas no seu todo do contexto científico e tecnológico do mundo contemporâneo, embora pela dinâmica que manifestavam elas tivessem resistido ao processo glotofágico.

De facto, uma vez que as elites eram educadas em português, e se comunicavam nas línguas autóctones exclusivamente em ambientes caseiros, ou em domínios não institucionais, elas não estavam preparadas para conduzirem atividades oficiais nestas línguas, pois o português poderia ser considerado como a sua língua de trabalho.

De destacar que as línguas africanas com as quais o português competia podiam reivindicar uma esmagadora maioria de falantes, distribuídos por todo o território nacional, pelo que a seleção de uma delas poderia minar o projeto de unidade nacional. Com efeito, a oficialização do português está ligada ao desenvolvimento de um quadro ideológico que associava o português à promoção da unidade nacional e à criação de uma consciência nacional. Pesou para tal tomada de decisão, o facto de as línguas angolanas de origem africana possuírem uma zona de difusão circunscrita, limitando-se cada uma delas a um determinado espaço do território nacional, o que, por si só, constituiria um obstáculo para o desígnio da unidade nacional (cf. Panzo, 2013:13). Sobre esta decisão política, Solla (2009:65) defende:

A função da língua de unidade nacional é um aspecto particular atribuído à língua portuguesa. Está relacionada no nosso país com possíveis conflitos etnolinguísticos se uma das línguas nacionais assumisse este papel.

Interessa dizer, por outro lado, que esta decisão devia ser seguida por

elementos metodológicos para o seu ensino, que promovessem as competências comunicativas, em contraste com as línguas africanas. Por isso, é necessário apoiar todas as investigações que têm sido feitas, no nosso país, nas áreas de sociolinguística, linguística africana e linguística românica. As nossas limitações têm provocado, entre outros factos, o insucesso escolar e a consequente desmotivação, por parte dos jovens oriundos de camadas sociais mais desfavorecidas.

Apesar de a língua portuguesa ter sido, em determinada altura, importante para a edificação da unidade nacional, a realidade do país demonstra que tal unidade também pode ser construída na diversidade, ou seja, o reconhecimento da diversidade étnica, cultural e linguística não pode ser visto como um impedimento para o desenvolvimento de programas e ações educacionais que incluam essa mesma diversidade.

1.2 A importância do ensino do português em Angola como língua segunda

1.2.1 Língua Materna (L1) / Língua Segunda (L2)

Logo à nascença, os seres humanos têm uma forma natural de comunicar entre si, porque a vida humana encerra um processo inevitável de aquisição cultural permanente. Os humanos são logo nos primeiros anos de sua existência levados a usar a fala como instrumento principal de comunicação. Se concordarmos que o uso da fala implica necessariamente o uso de uma língua, torna-se igualmente consensual que, precisemos de, em primeira instância, adquirir uma língua para a nossa comunicação, a qual é

geralmente chamada de língua materna.

Sabemos que a língua é o veículo da cultura e que não se pode separar da cultura, na medida em que a língua é a expressão da mente. Ela é a base que utilizamos para elaborar o nosso pensamento. A língua revela-se como visão do mundo, constituindo um facto importante (mas não exclusivo) da base de identificação de culturas.

Se deixarmos de olhar para o indivíduo e encararmos um grupo social mais amplo, é fácil percebermos a relação entre língua e cultura. Para Vilela (2002:372) «A língua é uma criação colectiva: é um produto, é veículo da cultura de um povo – a realidade do mundo e possibilita a transmissão dessa representação.»

Assim sendo, *língua materna*, *língua nativa*, são termos que nos remetem para a primeira língua de qualquer sujeito falante. Kochman (1982:119) refere que na definição de língua materna, estão presentes três domínios: (i) o afetivo, sendo definido como o idioma falado por um dos progenitores, geralmente a mãe; (ii) o ideológico, correspondendo ao idioma falado no país em que se nasceu e onde supostamente se vive ainda; e (iii) o de auto-designação, enquanto idioma a partir do qual aquele que fala manifesta um sentimento de posse mais marcado, do que em relação a outro idioma.

Basta verificar-se um destes domínios para assegurar a definição de LM. Contudo, qualquer um deles pode suscitar algumas dúvidas. Não atestaríamos ser (quase) impossível chegar a um conceito de LM, quando, na verdade, o termo em si apresenta uma certa ambiguidade, motivo pelo qual tem vindo a ser reequacionado por vários estudiosos, dado que a definição varia com as épocas e com as áreas geográficas.

Karen Spinassé (2006:5) apresenta-nos um conceito mais abrangente, e com vários contornos, de língua materna:

A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspetos linguísticos e não-linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1.

Segundo Galisson e Coste (1983:422), «a língua materna é assim chamada porque é aprendida como primeiro instrumento de comunicação, desde a mais tenra idade e é utilizada no país de origem do sujeito falante».

Continuando na mesma linha de pensamento, de acordo com Leiria (2006):

Língua materna é aquela cuja gramática a criança adquire sensivelmente até aos cinco anos de idade e vai desenvolvendo e estruturando, indo de encontro do sistema linguístico dos adultos da comunidade linguística a que pertence.

Ainda na mesma perspetiva, Sim-Sim et al. (1997:15) atestam que:

A língua materna é uma língua natural que os seres humanos adquirem espontaneamente, com incrível rapidez e uniformidade, pelo contacto com a comunidade em que passam os primeiros anos de vida, passando a usá-la criativamente como locutores, interlocutores e ouvintes.

Resumindo vários autores, e apoiando-se nos domínios de Kochman (1982), Ançã (2003:62) acrescenta-lhes mais três critérios que, ao longo dos

anos, têm sido apontados numa tentativa de definição de LM:

- A primazia: a primeira língua aprendida e a primeira língua compreendida;
- O domínio: a língua que se domina melhor;
- A associação: a pertença de um determinado grupo cultural ou étnico.

Conforme se mencionou anteriormente, estes fatores podem levantar algumas questões, especialmente em países bilingues e/ou multilingues, onde coabitam várias línguas, podendo estas ser aprendidas em simultâneo. Por exemplo, para o caso concreto da realidade angolana, o português é língua materna para uma minoria da população e língua segunda para a maioria da população (cf. Chicuna, 2018:38).

Considerando as reflexões acima, parece-nos oportuno fazer a distinção entre língua materna e língua não materna. A questão que se coloca diante desta situação prende-se com a dificuldade em dizer se uma língua não materna se deve considerar língua segunda.

O conceito de Língua Não Materna é o mais abrangente por incluir no seu seio, quer a língua segunda, quer a língua estrangeira. Se um falante de uma determinada língua materna cresce num país onde se fala oficialmente outra, essa língua tornar-se-á a sua segunda língua, por ser língua de socialização (Ançã, 1999), como é o caso de Angola. Para Grosso et al. (2011:4):

Há, no entanto, alguns autores que consideram que é língua segunda desde que os aprendentes estejam em imersão linguística, num contexto em contacto com os falantes nativos da língua que aprendem.

Entendemos por língua segunda (L2) a língua de uma comunidade, adquirida após a língua materna, principalmente por razões de imigração ou de contexto multilingue. Será aprendida por falantes a um nível secundário, em relação à sua língua materna. O conceito de língua segunda é suscetível de vários comentários, de acordo com o seu estatuto político, o contexto e/ou espaço social onde essa língua é usada. Richards (1978:7) afirma que:

O termo segunda língua tem sido cada vez mais usado em Linguística Aplicada para referir a aprendizagem de qualquer língua depois da primeira, independentemente do estatuto dessa língua em relação a quem a aprende ou o país em que essa língua está a ser aprendida.

Por isso, o conceito de língua segunda está relacionado com o estatuto dessa língua. De acordo com Alcobia-Gomes, (19998:5):

Língua Segunda é uma língua não materna que beneficia oficialmente de um estatuto privilegiado, em virtude de ser uma língua veicular numa comunidade. No ensino / aprendizagem difere da língua estrangeira pelo facto de, para além do acesso a um código que é propriedade dos outros, permitir uma apropriação e a aquisição do direito de intervir e modificar.

Partindo da premissa de que língua segunda é frequentemente uma das línguas oficiais, o seu valor é claro em termos da participação na vida política e económica do Estado. É, igualmente, a língua (ou línguas) da escola. Para confirmar esse pressuposto, Chicuna (2009:25) afirma:

O português é a única língua oficial e, por conseguinte, é utilizada em toda a Administração Pública. É língua de escolaridade porque é língua usada no sistema educacional, como meio de ensino, em todos os níveis, e como matéria, com carácter obrigatório, até ao Ensino Médio e Pré-

universitário, equivalentes ao Ensino Secundário do Português. Mesmo os que não têm o Português como língua materna aprendem, durante o primeiro contacto com a escola, a ler, a escrever em Língua Portuguesa.

Ela possui determinadas características distintivas que a afastam de outras variedades nacionais ou regionais da mesma língua, características essas que só terão o seu peso no discurso do falante não-nativo (cf. Leiria, 1999:2). De qualquer das maneiras podemos dizer que a língua segunda tem sempre um lugar privilegiado face a outras no mosaico linguístico do indivíduo. Daí que Cuq (1991:99) afirme «Toda a língua não primeira é uma língua estrangeira. De entre as línguas estrangeiras, algumas têm características particulares pelas quais são designadas línguas segundas».

Um aspeto que nos parece importante reter relaciona-se com o facto de a língua segunda, em comparação com a língua materna, ter o mesmo nível de exposição à comunidade e a mesma utilidade social, por coabitar num determinado meio, de forma mais ou menos equilibrada, com a língua materna.

1.2.2 A Análise Diferencial no Ensino do Português Língua Segunda

A relação língua/sociedade está na base da formação de uma comunidade coesa e com sólida noção de identidade nacional. A assimilação do português, enquanto segunda língua pelos falantes angolanos foi um processo gradual e difícil. Desde o período colonial, até ao momento atual, o português é ensinado como língua materna, o que provocou, e continua a provocar, graves problemas ao nível das metodologias a adotar para o seu ensino.

Quando falamos do ensino do português como língua segunda devemos ter em conta as necessidades de comunicação do aluno, e não as estatísticas que nos falam de número de falantes de Língua Materna (LM). As estatísticas indicam-nos que os falantes que não conhecem/utilizam uma língua Bantu são falantes de português como LM. Tal não corresponde à realidade. Defendemos essa afirmação, baseando-nos em estudos realizados pelo Censo de 2014³, segundo o qual as línguas nacionais/maternas são menos faladas e a língua portuguesa mostra estar a expandir-se. Queremos com isso dizer que, pelo facto de a língua portuguesa ser a língua oficial e de escolaridade, tal não significa, obrigatoriamente, que seja a L1 da maior parte da população angolana.

Para Undolo (2014:87), «A adopção do português como língua oficial e o seu reconhecimento como língua de unidade nacional foram entendidos como um mecanismo político conducente à integração nacional, (...)». Se essa equivalência é verdade, em determinados contextos descritos, ela não funciona para a maioria dos contextos sociais da nossa população. Neste segundo cenário torna-se mais vantajoso a aplicação de uma metodologia ligada ao ensino de uma língua segunda, ainda que as estatísticas contrariem esta opção. De facto, a maioria da população comunica através de uma língua transitória, não é o Português Europeu Padrão, mas também não é uma Língua Bantu.

Esse sistema transitório vai-se transmitindo de pais para filhos. Trata-se de um sistema de comunicação constituído pelo sistema lexical português e

³ Instituto Nacional de Estatística (INE). Obtido em 14.09.2019, de <https://angola.unfpa.org/pt/news/angola-publica-resultados-definitivos-do-censo-geral-da-popula%C3%A7%C3%A3o-e-habita%C3%A7%C3%A3o>,

pela gramática das línguas Bantu. Selinker (1972:33-35), define o fenômeno como «a língua de transição do aluno entre a língua nativa e a língua alvo». Para Selinker, a existência de uma estrutura psicológica latente no cérebro é acionada no processo de aprendizagem da LE. Esse sistema é exatamente o que o autor denomina de interlíngua.

Selinker (1972) introduz o conceito de interlíngua para designar os sistemas gramaticais de transição que os falantes não-nativos constroem no decurso do processo de desenvolvimento da competência linguística da L2 (cf. Madeira, 2017:313).

Daí a importância da análise diferencial, na medida em que nesta disciplina se comparam línguas de categorias diferentes. Esta análise diferencial entre línguas contribuirá decisivamente para uma melhor compreensão do funcionamento das mesmas, e das relações que estabelecem entre si.

Lado (1972:27), destaca que:

O falante de uma língua, escutando outra não ouve, na realidade, as unidades fónicas da língua estrangeira – os fonemas, escuta-as de sua própria língua. As diferenças fonémicas da língua estrangeira passarão sistematicamente despercebidas por ele, se não houver nenhuma diferença fonémica similar em sua língua materna.

A partir destas afirmações podemos depreender que, por mais distanciadas que estejam as línguas, é sempre possível estabelecer um estudo comparativo entre elas. Os sistemas linguísticos manifestam-se pelas suas diferenças, e é nas diferenças que surgem as maiores dificuldades no uso da língua segunda. É nelas que se acentuam as interferências do sistema linguístico em contato.

Lado e Weinreich, ao terem concluído que os sistemas linguísticos são comparáveis entre si, independentemente das relações de parentesco que possam existir, ou não, tinham em vista a questão do ensino da língua segunda. De acordo com os autores supramencionados é nas diferenças entre L1 e L2 que se concentram as maiores dificuldades na aprendizagem da L2. Podemos, por exemplo, exemplificar o afirmado demonstrando os problemas com as regências com o operador *em* com os verbos de movimento, ou a troca entre os pronomes **lhe**, **o**, **a** – a chamada lheização:⁴

1. “[...] foi o primeiro eleitor que chegou **no** Complexo Estudantil Dom Bosco // [TPA1, Programa Especial: Eleições Gerais 2012, 31.08.2012]”

2. “nós vamos continuar // nos próximos momentos voltamos **na** grelha da emissão [...] // [TPA1, Programa Especial: Eleições Gerais 2012, 31.08.2012]”

3. “estamos a **lhe** respeitar [...] // [TPA1, Telejornal, 22.08.012]”

4. “[o cartão eleitoral] está aqui // estava bem guardadinho na mala // só **lhe** tirei mesmo hoje // [TPA, Publicidade Eleições, 26.07.2012]”⁵

5. “ – **Me** dá ‘mbora uma laranja!”

6. “ – Eu já dou-**lhe** a resposta.”⁶

Estas diferenças não são alvo de atenção por parte dos manuais. A identificação de tais diferenças pode constituir um meio eficaz na criação de estratégias e métodos que superem os constrangimentos encontrados. Estes dois autores não permanecem isolados atualmente, pois há muitos estudiosos

⁴ O “**lheísmo**” consiste na realização de “o” complemento direto como “**lhe**”, como se de complemento indireto se tratasse, Vilela, (1995: 57).

⁵ Exemplos retirados de Soma (2014: 334,404).

⁶ Exemplos retirados de Vieira (1985:52,72).

que também veem vantagens na análise contrastiva ou diferencial (Mário Vilela, Carl James, por exemplo). As diferenças entre os sistemas linguísticos são encaradas como pontos fundamentais no processo de ensino das línguas segundas, como no caso concreto de Angola.

Segundo Costa (2006:31):

Para além das propriedades que os sistemas linguísticos manifestam em comum, distinguem-se pelas suas características individualizantes, pelo que um estudo comparativo das línguas pode visar flagrantes analogias.

A análise contrastiva apoia-se no estruturalismo, estando ligada ao conceito de distância interlinguística, onde se afirma que, dependendo da distância linguística entre a língua materna e a língua alvo do aprendente, haverá maiores facilidades ou dificuldades em adquirir o novo sistema.

1.3 Síntese

Neste primeiro capítulo fazemos uma contextualização histórico-linguística do português em Angola e a importância do seu ensino como L2. O país vive uma situação de multilinguismo acentuado, onde o português coabita com as línguas autóctones. Cada uma das línguas reúne, nas mais variadas zonas onde é potencialmente falada, um conjunto de variantes dialetais, o que revela a grande diversidade linguística nacional.

É preciso reconhecer, antes de tudo, que as causas dos mecanismos de funcionamento do sistema linguístico português são várias. No entanto, este reconhecimento não invalida o facto de que, no complexo mundo da estratificação sociolinguística angolana, muitos fatores de estrangulamento

linguístico sejam ditados pelo contágio interidiomático dos sistemas linguísticos: língua portuguesa, por um lado, e línguas bantu, por outro. É aqui que a importância das LAA no ensino da LP é reconhecida. Além da metodologia de ensino não dever ignorar as LAA, é importante que também o professor conheça a estrutura da LAA da região onde está inserido. (cf. Quino, 2005:66).

A manutenção e disseminação do português e a reabilitação das línguas nacionais não são medidas incompatíveis, principalmente se vistas segundo algumas tendências mais recentes da pedagogia das línguas. Uma vez que o português representa uma L2 para a maioria dos falantes, o processo do seu ensino e aprendizagem será tanto mais facilitado quanto mais enquadrado numa situação de bilinguismo.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Esta é fase mais importante no processo de procura de respostas a um tópico científico. A revisão da literatura permitir-nos-á:

- Verificar quantos textos ou obras relacionadas com o tópico em análise já foram publicados;
- Conhecer a forma como o objeto foi discutido ou analisado em estudos anteriores;
- Identificar as situações e encontrar as pistas de respostas ao problema apresentado.

Neste sentido, reunimos determinadas obras que nos revelaram alguns estudos sobre os operadores de sequencialização do discurso, conforme o nosso foco de abordagem, fundamentalmente os estudos de Ducrot (1987) *O dizer e o dito*; Zorraquino (1998) *Los marcadores del discurso en la enseñanza del español como lengua extranjera (aspectos gramaticales y cuestiones pragmáticas)*; Portolés (1998) *Marcadores del discurso*; Vilela (1999) *Gramática da Língua Portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto*; Mateus (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*; Cunha e Cintra (1995) *Gramática do Português Contemporâneo*; Fonseca (1993) *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*; Almeida (2001) *Análise Semântica de Operadores Argumentativos em Textos Publicitários*, entre outros que se mostraram relevantes para o estudo que pretendemos desenvolver.

2.1 Comunicação oral e comunicação escrita

É hoje do conhecimento geral que todas as línguas antes de serem escritas eram faladas. A fala precede sempre a escrita e a grafia de uma língua é, à partida, um decalque mais ou menos elaborado da estrutura da fala. (cf.

Martinet, 1995:112).

A linguagem é típica dos seres humanos e tem uma função importantíssima nas relações pessoais e profissionais. Para Maingueneau (1998:6-7):

Uma língua natural possui características que as tornam impossível de comparar com os diversos tipos de comunicação animal. Em particular:

- a) É uma instituição: condição de toda a vida social, sujeita a um conjunto de normas, explícitas ou implícitas, uma língua preexiste aos sujeitos que a irão falar. Permite a transmissão, de geração para geração, do conjunto de saberes e dos valores de uma sociedade. Sendo ela próprio produto de uma história, conserva em si os múltiplos vestígios de experiências anteriores das pessoas que a falaram.
- b) É generativa: com um conjunto muito limitado de unidades e de regras de combinação dessas unidades, uma língua permite produzir uma infinidade de enunciados inéditos e com uma extensão potencialmente ilimitada.
- c) Permite um uso metalinguístico: É possível falar de uma língua usando a mesma língua ou qualquer outra. Aliás, é essa actividade dita de metalinguística que torna possível a linguística. Por muito que os linguistas recorram a formalismos matemáticos, estes, em última análise estão incluídos em enunciados e numa língua natural.

Por isso, quando falamos de linguagem verbal podemos distinguir a oral e a escrita, cada uma com diferenças e características muito vincadas, que podem tornar a nossa comunicação mais clara, empática ou repleta de ambiguidades e conflitos.

Segundo Marcushi (2010:21): «a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para a outra

ordem». Assim, comunicação oral e comunicação escrita devem ser entendidas ao mesmo nível. Para se criar um bom texto, tanto na oralidade, quanto na escrita é necessário que o aluno leia, releia, escreva, reescreva para que tenha a possibilidade de desenvolver de maneira substancial a sua escrita. Nesta perspectiva, Koch apresenta algumas características da língua falada e escrita (2005:78):

A linguagem oral é direta, espontânea, guiada pelo diálogo com recurso externos (gestos, expressões faciais, prosódia e voz, posturas que facilitam a transmissão das ideias e emoções. Permite que se refaça a mensagem se não for bem interpretada, isto é, apresenta constante inovação e implica um maior envolvimento com os falantes.

A língua escrita é de contato indireto, é mais objetiva, necessita de atenção às normas gramaticais, clareza no diálogo, mais conservadora e formal. Existe maior distância e menor interferência do interlocutor, há maior previsibilidade, possibilidade de respostas, elaboração, precisão, permitindo eliminar ambiguidades e juízos de valor.

De acordo com Koch (2005), Andrade e Aquino (2000) «A audiência pode ser normalmente ausente e desconhecida». Logo, ambas assumem características próprias e distintas, como distância com o interlocutor e devem ser efetivas e ajustadas continuamente com o texto, a intenção e a temática (cf. Chafe, 1985:105).

A principal diferença entre o oral e o escrito é apresentada por Nascimento (1986:7-8), ao referir que:

(...) no oral a produção e a recepção dos enunciados é simultânea, cada palavra dita foi ouvida e não pode ser apagada, enquanto na escrita existe todo um tempo entre a produção e a recepção que permite

ao seu autor suprimir aquilo que prefere não comunicar e aperfeiçoar as suas frases de acordo com as leis do código que utiliza.

Assim, no processamento cognitivo do texto, estabelecer a articulação entre os segmentos do discurso é uma operação primordial, na medida em que grande parte destas operações cognitivas implicadas no processamento textual visam a construção de conexões semântico-pragmáticas entre os sucessivos segmentos que entram na configuração do texto.

A diversidade linguística é um aspeto que se destaca na sociedade angolana, em virtude da existência de várias etnias falantes de diversas línguas nacionais, que convivem com a língua portuguesa. Em qualquer parte do mundo, verificam-se variações linguísticas, no tempo e no espaço. Como o nosso trabalho se situa no domínio da linguística portuguesa aplicada ao ensino, vamos privilegiar um *corpus* baseado em textos escritos.

Para Stroud e Gonçalves (1997:1):

(...) um corpus linguístico é uma amostra de uma língua escrita ou falada, recolhida para um fim específico, e orientada por princípios teóricos da linguística e/ou da sociolinguística.

A comunicação humana representa, portanto, a transmissão de uma mensagem de uma pessoa para outra, podendo ocorrer de diferentes formas: a comunicação não-verbal, que ocorre através de formas físicas de comunicação como os gestos, o contato visual ou a linguagem corporal e a comunicação verbal, que envolve o contato e interação entre indivíduos, tendo por base uma língua comum que pode ser oral ou escrita.

2.2 Competência comunicativa / competência pragmática

O termo *competência* é um conceito controverso, tanto na área da Linguística quanto na da Linguística Aplicada. Um dos motivos dessa dificuldade em definir-se o termo foi a tentativa de diversos autores em adaptar o conceito aos seus próprios propósitos, ou ao seu campo de atuação.

Segundo Chomsky (1965:12):

A competência significa conhecimento da língua, isto é, das suas estruturas e regras, e desempenho o uso real da língua em situações concretas, numa construção marcadamente dicotômica, sem qualquer preocupação com a função social da língua.

Já Hymes (1979) preocupado com o uso da língua, acrescenta o termo *comunicativo* para demonstrar que o indivíduo sabe e usa as regras do discurso específico da comunidade em que está inserido; ou seja, o indivíduo demonstra competência se sabe quando falar, quando não falar, e a quem falar, com quem, onde e de que maneira. Deve-se a esse autor, também, a ampliação do conceito de competência para incluir a ideia da “capacidade para usar”, unindo desta forma as noções de competência e desempenho que estavam bem distintos na dicotomia de Chomsky (1965:12).

Nos anos oitenta, Canale e Swain (1980:30), generalizaram o conceito de competência comunicativa de Hymes, ao qual agregaram três competências: a competência gramatical (conhecimento lexical, sintático, semântico, morfológico e fonológico), a competência sociolinguística (interpretação do significado e adequação ao contexto) e a competência discursiva (regras de coesão e coerência). Esta perspectiva comunicativa influenciada pela área da sociolinguística abriu caminho para um ensino /

aprendizagem contextualizado, visando o desenvolvimento da competência comunicativa do aprendente.

Neste sentido, a competência comunicativa torna-se cada vez mais necessária, visto que as salas de aulas são heterogêneas. Para o estudo de caso que estamos a descrever, tivemos em mente que o ensino é um processo que envolve a comunicação e visa principalmente estimular a aprendizagem.

A competência pragmática é uma das componentes que alguns autores (Hymes 1972, Canale e Swain 1983, Canale 1983, Van Ek 1986) descrevem como competência comunicativa. A capacidade de concretizar o uso comunicativo da língua em que se tenham em conta, não só as relações que se dão entre os signos linguísticos e seus referentes, mas também as relações pragmáticas, isto é, aquelas que se dão entre o sistema da língua, por um lado, e os interlocutores e o contexto de comunicação, por outro. Bachman (1990:81) é um dos primeiros a referir-se à competência pragmática com essa denominação. Os modelos anteriores a Bachman não fazem uma referência expressa à competência pragmática, se bem que o seu conteúdo esteja integrado na competência comunicativa. Para este autor, a competência da língua será formada pela competência organizativa e a competência pragmática, e esta por sua vez está integrada na competência ilocutória e na competência sociolinguística.

O *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* adota outra estrutura de descrição da competência comunicativa; num primeiro nível, a competência comunicativa é constituída pela competência linguística: a sociolinguística e a pragmática; num segundo nível, a competência pragmática é constituída pela competência discursiva: a funcional e a organizativa. Cada

uma delas é descrita pelo QECR nos seis níveis de competência que contemplam o uso da língua, onde se estipula que:

Não se deve esquecer que o processo de aprendizagem é contínuo e individual. Um falante de uma língua não tem nunca as mesmas competências, nem as desenvolve da mesma maneira que outro, quer se trate de falantes nativos ou de aprendentes estrangeiros. (cf. QECR, 2001:40)

O QECRL, cuja edição portuguesa foi publicada em dezembro de 2001 pelo Gabinete de Assuntos Europeus e Relações internacionais (GAERI) do Ministério da Educação de Portugal, com o acordo do Conselho da Europa, foi elaborado com os seguintes objetivos principais (QERC, 2001:11):

1. Encorajar todos os que trabalham na área das línguas vivas, incluindo os aprendentes, a reflectirem sobre questões como: O que fazemos exactamente quando falamos e escrevemos uns aos outros? O que nos permite agir assim? O que é que precisamos de saber a este respeito para tentarmos utilizar uma língua nova? Como definimos os nossos objectivos e avaliamos o nosso progresso entre a ignorância total e o domínio da língua estrangeira? Que podemos fazer para ajudarmos a nós próprios e aos outros a melhor aprendermos uma língua?
2. Facilitar a troca de informação entre os que trabalham nesta área e os aprendentes, de modo que estes possam ser informados sobre o que deles se espera, em termos de aprendizagem, e como poderão ser ajudados.

Com estas questões, o QECR demonstra um claro direccionamento para uma abordagem funcionalista da língua, que considera não somente a forma da língua como objeto de ensino, mas também o falante e o mundo em que ele está inserido, bem como as forças internas e externas que agem sobre a língua.

Nesta ótica, o QECRL não deixa de levar em conta o uso da língua nas

situações reais de uso em determinadas comunidades linguísticas e em determinados contextos, apresentando, deste modo, uma proposta de consideração de diferentes tipos de competências «que os utilizadores da língua constroem no decurso da sua experiência de uso da língua e que lhes permite responder aos desafios da comunicação para lá de fronteiras linguísticas e culturais» (QEER, 2001:13).

Na área do ensino de língua segunda, Richards, Platt e Platt (1992:122) afirmam que os chamados “métodos comunicativos” foram desenvolvidos como reação aos métodos baseados em estruturas gramaticais e visavam ensinar a competência comunicativa, definida como capacidade de aplicar não somente regras gramaticais ao uso da língua segunda, mas também saber como, quando e quem usa as estruturas e responde aos atos de fala.

Efetivamente, para que um falante tenha sucesso e eficácia nos seus atos de comunicação não é suficiente que saiba a gramática, que se adeque ao sistema formal da língua. Deverá, igualmente, ser capaz de processar simultaneamente muitas outras informações, muitas delas de natureza extralinguística, e que provêm ou da situação de comunicação em si, ou de convenções e regras de carácter social.

Para Brown (1994:227), a competência comunicativa é «aquela que o indivíduo possui e que lhe possibilita emitir e interpretar mensagens e negociar os seus significados, interpessoalmente, em contextos específicos.»

Usar uma língua inclui o conhecimento organizacional e pragmático dessa língua, bem como de estratégias metacognitivas. O conhecimento organizacional determina como os textos oral e escrito se organizam, e o pragmático, como os enunciados/frases, intenções e contexto, se relacionam

para produzir significado. O organizacional, por sua vez, subdivide-se em gramatical (relativo a como os enunciados e frases individuais se organizam) e textual (relativo a como os enunciados e frases se organizam para formar textos inteligíveis). O pragmático subdivide-se em: proposicional, referente ao conteúdo proposicional (determinando como os enunciados/frases estão relacionados); funcional referente às funções da linguagem (determinando como enunciados/frases estão relacionados às intenções dos falantes); e sociolinguístico referente ao uso da língua (determinando como enunciados / frases estão relacionados às características do contexto).

2.2.1 Contexto discursivo

Os fatores que formam a situação, na qual é produzido o texto, é designado por contexto discursivo. O contexto desempenha, em todo o processo de hierarquização dos constituintes e do uso da língua em geral, um papel preponderante. É definido dentro da fronteira do princípio da relevância, como conjunto de características que permitem a produção e interpretação dos enunciados, com uma produção mínima de processamento.

Para Reyes (1995:57):

El contexto, en la teoría da relevancia, se define en términos psicológicos, nos sociales, culturales o discursivos (...). Las creencias operativas que forman el contexto de cada interacción inmediata de la situación, de lo que se a dicho antes o provenir de la memoria. Lo importante es que los interlocutores competen o creen compartir una versión parecida del contexto. La comunicación exitosa depende de cierto conocimiento mutuo: de lo que cada interlocutor sabe y sabe que el otro sabe.

Por outras palavras, «o contexto é conjunto de elementos linguísticos e não-linguísticos que rodeiam uma unidade linguística, seja qual for a sua extensão.» (Dicionário Terminológico, 2009:85). A noção de contexto, genericamente considerado, tem sido construída à volta de tópicos diversificados, e, se não são concordantes, apontam todos para elementos circunstanciadores do discurso (cf. Vilela, 1999:407).

De acordo com Coseriu (1962:310):

O contexto está relacionado a toda realidade que envolve uma atividade verbal, quer como presença física, quer como saber dos interlocutores, quer como atividade. O autor distingue três tipos de contexto: o contexto idiomático, o contexto verbal e o contexto extraverbal.

O contexto idiomático é a própria língua como contexto da atividade de fala, ou seja, como “fundo” do falar. Durante essa atividade, uma parte da língua é manifestada concretamente, mas essa parte tem significado em relação a toda língua, isto é, a todo o saber linguístico (idiomático) do falante.

No nosso entender, o contexto idiomático é constituído pelo próprio processo linguístico ou código que condicionam a composição significativa da mensagem: a língua usada pelo emissor. Por exemplo, entre nós (angolanos) nem sempre partilhamos o mesmo contexto idiomático, quando usamos a língua portuguesa. Se o contexto idiomático usado por muitos se aproxima do contexto idiomático europeu, a maioria da população comunica através de uma interlíngua constituída pelo sistema lexical português e a gramática das línguas Bantu. Sendo as línguas bantu, as principais línguas com função identificadora (via através da qual um falante consegue exprimir melhor a sua realidade envolvente, a sua alma, o seu mundo) é natural que, ao usarem o português,

façam a transferência das estruturas e dos esquemas da gramática implícita dessas línguas para a gramática do português. Assim, um falante, para processar enunciados em português, tem a necessidade de recorrer à língua bantu. Um perfil bastante comum de educandos em Angola, por exemplo, é o daqueles alunos que, não dominando nem a língua portuguesa, nem uma língua angolana, têm a primeira como língua materna. Recebem as primeiras noções da língua portuguesa de tutores que têm como língua materna uma língua angolana e, em muitos casos, não são sequer escolarizados. Assim, transmitem aos seus tutorandos ensinamentos de um português possível, carregado de interferências das línguas bantu. «Línguas essas que estão organizadas por classes, representadas por grupos paritários, o que não acontece em português» (cf. Mingas, 2000:66).

Em Kimbundu, nossa língua de origem, contrariamente ao Português Europeu, os pronomes interrogativos aparecem no fim da frase, mesmo tratando-se de uma interrogativa direta. Desta forma é frequente frases como:

“- Vais **aonde**?” em vez de “– **Aonde** vais?”

“- Estás **onde**?” em vez de “- **Onde** estás?”

Ainda sobre os pronomes interrogativos, tanto para os verbos que indicam movimento, como para os estáticos, usa-se a mesma forma. Em Kimbundu, por exemplo, “**kuebhi**” pode significar “**onde**” ou “**aonde**”. Isto faz com que um falante desta língua tenha dificuldades em distinguir “onde” e “aonde”, na fase de aprendizagem do português.

Para Coseriu (1962:310), «O contexto verbal é o próprio discurso enquanto *entorno* de cada uma de suas partes». Para cada porção de um discurso, constitui contexto verbal não só o dito antes, mas também o dito

depois. Esse contexto pode ser **imediat**, constituído pelos signos que se encontram imediatamente antes, ou depois do signo considerado, ou **mediato**, isto é, abrange todo o discurso e pode ser denominado **contexto temático**.

O contexto extraverbal diz respeito ao conjunto de circunstâncias não-linguísticas que são percebidas diretamente, ou são conhecidas pelos interlocutores. Tudo aquilo que física ou culturalmente envolve o ato de enunciação, ou seja, é constituído pelo conjunto de objetos, circunstâncias e acontecimentos extralinguísticos que condicionam a produção da mensagem. (cf. Coseriu, 1962: 310).

A dimensão extraverbal, nas palavras dos autores russos Bakhtin e Volochínov (1976: 6), pode ser entendida da seguinte forma:

Na vida, o discurso verbal é claramente não autossuficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação.

Em conformidade com estas ideias, o facto social determina o enunciado, a interação com este, como um elemento indispensável à sua constituição semântica.

Para Lévy (1993:13), o contexto é o grande responsável por auxiliar o leitor na atualização do texto, servindo para determinar o sentido de uma palavra. Cada palavra produz o sentido do contexto, ou seja, produz uma configuração semântica reticular que, quando nos concentramos nela, se mostra composta de imagens, modelos, lembranças, sensações, conceitos, etc. Dessa forma, quando lemos ou ouvimos um texto, hierarquizamos e selecionamos áreas de sentido, tecendo ligações entre essas áreas; ligando

esse texto a outros textos, ativando, então, toda uma memória, que funciona como pano de fundo sobre o qual esse texto se salienta e ao qual remete (cf. Magnabosco, 2010:37). Em suma, o contexto é uma das noções centrais da Pragmática, na medida em que toda e qualquer interação verbal ocorre num determinado contexto, que se desenvolve e se altera no decurso da interação.

2.3 Semântica / Pragmática

O nosso estudo de caso prende-se com a análise semântico-pragmático dos operadores / marcadores de sequencialização do discurso. Por isso, não podemos deixar de tecer algumas considerações sobre estes dois conceitos que formam um sistema complexo de componentes ligados de forma estreita e, muitas vezes, indissociáveis.

Estes conceitos conferem um equilíbrio compensatório na oscilação comunicativa que se dá entre eventos de maior e menor ênfase de suas funções. Ainda que, em certos casos, o significado de uma frase pareça depender unicamente de condições extralinguísticas, e em outros, só do campo linguístico, ele não vem à existência pela ação isolada de um desses fatores.

A Semântica refere-se ao estudo do significado, em todos os sentidos do termo. Diferentemente da Sintaxe, que se debruça sobre as estruturas ou padrões formais do modo como algo é expresso, a semântica ocupa-se do que esse algo significa. Dependendo da concepção de significado que se tenha, há diferentes semânticas. A semântica formal, a semântica da enunciação ou argumentativa e a semântica cognitiva, por exemplo, estudam o mesmo fenómeno, mas com conceitos e abordagens diferentes. (cf. Fagherazzi,2007:18).

Segundo Lopes e Rio-Torto (2007:13):

A significação é o ponto de partida e o ponto de chegada de toda a actividade linguística, pelo que é incontornável o lugar nuclear da Semântica na gramática das línguas naturais. Enquanto módulo da gramática, a Semântica envolve o conhecimento intuitivo do significado das palavras de uma língua, das regras que presidem à construção de predicções e dos mecanismos que garantem a sequencialização de enunciados no plano discursivo/textual. A explicitação desse conhecimento é feita no âmbito da Semântica enquanto disciplina linguística, que assim se ocupa da descrição do significado das palavras, das frases e do texto.

Por isso, Carvalho (1979:499) afirma que:

A sua finalidade deverá ser, por outras palavras, o estudo da estruturação interna do sistema de significações objectivas em qualquer língua natural, e da relação deste com o mundo do real que aí está representado.

A semântica deve também ter em conta as relações que as unidades lexicais mantêm entre si. O significado de uma frase é mais do que uma soma do significado das palavras que a constituem. A semântica linguística, cuja aspiração é a de descrever a parte do conteúdo da língua, descreverá o contributo que as unidades linguísticas podem fornecer para a realização de propósitos comunicativos (cf. Vilela, 1999:406).

A Pragmática surge da necessidade que os linguistas sentiram de ir além da abordagem sintático-semântica, visto que não havia um estudo direccionado para a comunicação humana, isto é, para os aspetos comuns a várias comunidades linguísticas. Por isso, constitui-se como uma ciência relativamente recente, quando comparada com outras disciplinas da linguística

e tem por objetivo o estudo da língua em função dos seus interpretantes. Estuda os significados linguísticos determinados não exclusivamente pela semântica proposicional ou frásica, mas dedutível de condições dependentes do contexto extralinguístico: discursivo, situacional, entre outros.

A partir da década de 60, especialmente com Austin (1962) e Searle (1969) a pragmática desenvolveu-se de modo significativo, tornando-se um tópico abrangente e, de certa forma, vago. Trata-se de uma disciplina flexível e sujeita a várias interpretações. No entanto, a pragmática pode ser definida como a teoria do uso linguístico que estuda os princípios de cooperação que atuam no relacionamento linguístico entre o falante e o ouvinte. Permite que o ouvinte interprete o enunciado do seu interlocutor, levando em conta, além do significado literal, elementos da situação e a interação que o locutor teve ao proferi-lo. No caso exemplar de alguém afirmar: *Sabe que horas são?* Pode ser interpretado como um pedido de informação ou como um convite a que alguém se retire. (cf. António Houaiss 2003: 2949).

No âmbito do enunciado, discute-se a questão da pragmática integrada no discurso, com seus respectivos locutores, que parte de uma teoria desenvolvida por Anscombe e Ducrot que reflete uma certa associação aos atos de linguagem elaborados por Austin e Searle.

Para Anscombe e Ducrot (1988 :16) :

Enfin, au dernier niveau, pragmatique, en prend-on considération le fait que l'emploi d'une phrase est un phénomène interindividuel, un événement dans l'histoire des relations entre plusieurs individus : le locuteur l'emploie parce que la situation où il se trouve face aux personnes qui l'entourent (destinataires et auditeurs) [...] Les questions, à poser, en pragmatique, pourraient donc être : Tel énoncé est-il approprié à telle situation ? Serait-il, au

contraire, hors de propos ? Quels actes de parole permet-il d'accomplir (assertion, interrogation, ordre [...] etc.) ? Quelle réaction exige-t-il du destinataire ? Une réponse, comme les questions ? Une action, comme les ordres?

Para os autores, a atividade linguística é, realmente, uma atividade intencional por parte de quem fala. Na verdade, há um debate entre alguns autores. De um lado, Ducrot que assume uma pragmática integrada no sistema da língua, à qual correlaciona a sintaxe, a semântica e a pragmática (cf. Anscombe e Ducrot, 1988:17) e há, para Charaudeau e Maingueneau (2012: 394):

Aqueles que desejam manter uma separação entre semântica e a pragmática, sendo esta última reduzida a uma descrição dos procedimentos não linguísticos que permitem, num segundo momento, a interpretação dos enunciados em contexto.

Assim, questões como a *déixis*, a ordem das palavras, as referências, a estrutura informativa e os marcadores do discurso, foco da nossa abordagem, que ultrapassam o plano estritamente gramatical, encontram, numa perspectiva pragmática, explicações mais completas e de maior profundidade. Para Maingueneau (1997:36) «o significado também é questão de contexto. A disciplina que estuda a inscrição de um enunciado no seu contexto é a pragmática». O foco da análise pragmática é o significado dos enunciados dos falantes e não o significado das palavras ou frases. Cada enunciado é um evento físico único criado em um momento particular, com um propósito comunicativo específico. Ou seja, a pragmática é o estudo das relações entre a língua e o seu contexto codificado.

2.4 Aspectos linguísticos da organização do texto

2.4.1 Texto / Discurso

A capacidade de distinguir texto, de não-texto, faz parte da competência linguística do falante. Qualquer falante de uma língua natural sabe (de maneira empírica) distinguir sequências de frases que formam um texto de sequências que não passam de um amontoado irregular de frases.

Em linguística, o texto é uma organização superior à frase e ao período, dotado de regras próprias. Para Calsamiglia e Tusón (1999:219):

Texto é uma unidade comunicativa, semântico-pragmática, intencional e de interação. É uma integração de um sistema linguístico com o uso na intenção comunicativa, onde intervêm o produtor textual e o recetor do texto como participantes da comunicação.

Por isso, qualquer unidade de discurso é composta por elementos verbais que se encontram organizados e relacionados entre si.

De acordo com Beaugrande (1997:10):

O texto é um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais e um texto não existe, como texto, a menos que alguém o processe como tal.

Para Halliday e Hassan (1976:1) « (...) used in linguistics to refer to any passage, spoken or write, of whatever, that does form a unified whole ».

Estes estudiosos designaram essa característica de texto de textura. De entre os fatores responsáveis pela textura, eles dedicaram-se ao estudo da coesão. Fator sobre o qual nos vamos debruçar mais adiante e com maior profundidade.

Ainda neste diapasão, Morais (2011:17), afirma:

Grande parte das operações cognitivas implicadas no processamento textual visa a construção de conexões semântico-pragmáticas entre os sucessivos segmentos que entram na configuração do texto.

E remata, (Ibidem, p.24) dizendo que:

Para uma determinada manifestação da linguagem humana verbal poder ser considerado texto deverá possuir um conjunto de propriedades. Sobre estas propriedades, têm-se debruçados muitas reflexões inscritas no âmbito da Linguística textual, da Análise Conversacional e da Análise do Discurso.

Sabemos que na linguagem quotidiana, um discurso é uma mensagem, isto é, um ato verbal e oral de se dirigir a um público, com o objetivo de comunicar ou expor algo, mas também de persuadir. Na ótica do discurso, Calsamiglia e Túson (2008:1):

Hablar o escribir no es otra cosa que construir piezas textuales orientadas a unos fines y que se dan en interdependencia con el contexto (lingüístico, local, cognitivo y sociocultural). Nos referimos, pues, a cómo las formas lingüísticas se ponen en funcionamiento para construir formas de comunicación y de representación del mundo – real o imaginario.

Na Linguística e nas Ciências Sociais, o discurso é um conceito que se fundamenta, principalmente em Foucault (1997:33) que o define como «um conjunto de enunciados regulados numa mesma formação discursiva».

No pensamento de Foucault, entendemos que, para que haja a comunicação é necessário a presença de um par de interlocutores com a intenção de se influenciarem reciprocamente. Ou seja, podemos perceber que

o conceito de discurso concerne ao uso potencial da língua, isto é, às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente o seu texto para um determinado ouvinte e em determinada situação comunicativa (cf. Martellota, Votre e Cezário, 1996:48).

No seio dos autores portugueses, haverá quem explicita de forma clara a contraposição dos termos em consideração, e quem não manifeste tal preocupação. Mário Vilela faz parte dos primeiros. Para ele, as expressões *texto* e *discurso* não se reportam a categorias totalmente equivalentes. Em relação ao significado de *texto*, Vilela (1995:314-315) escreve:

Designa-se por texto qualquer sequência ordenada de palavras, ou uma sequência de notas musicais, qualquer obra completa, como, por exemplo, uma peça de teatro, ou uma das suas partes, etc. (. . .).

(...) considerando texto como um “tecido” que serve de suporte a uma estrutura semântica fechada, teremos, com alguma aproximação, o que atribuímos à noção de “texto”.

Vilela (1999:399) contrapõe-na à noção de discurso:

O discurso é a interação verbal humana, apoiada, na sua forma oral, por elementos extra -verbais, como gestos, expressões faciais e elementos paralinguísticos, como a entoação, o ritmo, as pausas, etc. É a língua na sua realização como meio de comunicação: a língua usada para fins comunicativos.

Autores há que não manifestam tal diferenciação, ou seja, tal critério não se impõe como prioridade na sua ótica, o que nos faz supor que as referidas noções sejam usadas numa relação de sinonímia. Segundo esta visão, retiramos a seguinte informação de Mateus et ali (1992:134):

Qualquer falante sabe (empiricamente) que a

comunicação verbal não se faz através de palavras isoladas, desligadas umas das outras e do contexto em que são produzidas. De facto, as manifestações naturais da linguagem humana são configurações de uma qualquer língua natural, dotadas de sentido, e visando um dado objectivo comunicativo, a tais configurações chamamos de TEXTOS ou DISCURSOS.

Assim, interessa-nos o texto não como objeto final de sua explicação, mas algo que nos permite ter acesso ao discurso. O discurso não pode ser concebido fora do indivíduo e nem fora da ideologia, uma vez que esta o constitui.

Orlandi (2008:63) caracteriza o discurso como «efeito de sentidos entre locutores que se realiza na inscrição da língua na história, regida pelo mecanismo ideológico de filiação de redes de memória.» Daí que, a compreensão do funcionamento das línguas convoque o conhecimento das operações cognitivas realizadas pelos falantes, em situação de uso.

No parecer de Orlandi, entendemos nós que, embora sejam sinónimas, o discurso é da ordem da constituição, como dimensão vertical em que o interdiscurso ou a memória discursiva determina o intradiscurso, enquanto o texto é a manifestação concreta do discurso e parte de um processo pelo qual se tem acesso indireto à discursividade. O texto é o lugar onde aflora a discursividade, lugar de tensão entre o mesmo e o diferente.

Neste sentido, vamos assentar em que discurso escrito passará a ser designado como texto, o discurso falado como *discurso*. Uma opção que não deixa de ser arbitrária, mas também não deixa de ser verdade que a escrita possa constituir um critério possível.

É lícito concluir, portanto, que o termo *texto* pode ser tomado em duas

ações: texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando um conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso de diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido escrito). Neste sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se, pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela *tessitura* do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência. (cf. Fávero e Koch, 2000:25).

Um dos mais notáveis, minuciosos e consistentes estudos sobre a estrutura, a semântica e a pragmática do discurso pertence a van Dijk. O critério da diferenciação das categorias conceptuais de texto e discurso revela-se nele explícito. Referindo-se à problemática da sequencialização dos segmentos constitutivos do discurso, van Dijk (1984:32) concebe a noção de texto como suporte do discurso:

(...) las expresiones deben ser reconstruidas en términos de una unidad más grande, esto es el TEXTO. Este término se usará aquí para denotar la conducción teórica abstracta que subyace a lo que normalmente se llama un DISCURSO.

Embora as diferentes concepções de texto e de discurso acabem por criar confusão entre os dois termos, ora empregues como sinónimos, ora usados para designar entidades diferentes, há um pormenor que nos parece traduzir o aspeto fundamental da questão, e que constitui um traço comum em todos os autores. Nenhum autor perde de vista a ideia de que o enraizamento historicista representa a condicionante primordial de validação do ato verbal, ou seja, ocorre em todos a prevalência da concepção de que o ato verbal constitui uma função do contexto, ao qual se manifesta indissolivelmente vinculado. (cf. Costa, 2006:225).

Daí que os linguistas sejam unânimes em considerar que as propriedades básicas para a organização e funcionamento do texto / discurso sejam a coesão e a coerência. Propriedades essas, que nos serão úteis para a abordagem do nosso tópico, visto que são propriedades textuais em que as sequências oracionais, que constituem a superfície textual, estão interrelacionadas através de relações léxico-gramaticais que se organizam superficial e linearmente no texto e são reconhecíveis na sua superfície através de recursos semântico-pragmáticos.

2.4.2 Textualidade, coesão e coerência

Não pretendemos, neste estudo de caso, discutir diferentes teorias sobre a textualidade, mas consideraremos apenas três autores cujos conceitos se aproximam do que queremos transmitir. Segundo Morais (2011:24):

Na descrição e sistematização das características textuais, destacam-se particularmente as propostas de Halliday e Hassan (1976) e de Beaugrande (1980). Os primeiros reúnem sobre a designação de

“textura” (texture) um complexo de propriedades que tomam como caracterizadoras de texto entre as quais se distinguem, por um lado, as que respeitam os fatores externos que influenciam as seleções linguísticas realizadas pelo locutor – a textura externa – e, por outro lado, as propriedades que respeitam à organização sequencial intrínseca do texto, ao nível frásico, interfrásico e suprafrásico – a textura interna. Noutra perspetiva, Beaugrande reúne sob a designação de “textualidade” (textuality) as propriedades que considera serem a base legítima para a atualização e utilização de textos; a saber, a coesão (ou conectividade sequencial), a coerência (ou conectividade conceptual), a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a intertextualidade e a informatividade.

Para a noção de textualidade, também é interessante a visão de Mateus et al. (2003:87) como «conjunto de propriedades que uma manifestação da linguagem humana deve possuir para ser reconhecida como um texto». Mais à frente, na sua abordagem sobre o texto, inclui estas duas “metalexias” essenciais do texto: a conectividade sequencial e a conectividade conceptual – considerados **coesão** e **coerência**, respetivamente por Halliday e Hassan (cf. Halliday e Hassan, 1990:7).

A **coesão** constitui-se como a propriedade básica para a organização e funcionamento do texto/discurso, sendo um princípio de unidade semântica assegurado por um conjunto de mecanismos linguísticos que articulam e sequenciam os diferentes elementos textuais.

Para Halliday e Hassan (1976:11) «Where the interpretation of any item in the discourse requires making reference to some other in the discourse, there is cohesion.», isto é, a coesão envolve um processo de referentes e referências, retomas e interdependência semântica e sintática, quando a compreensão de um enunciado nos remete para o anterior ou para o posterior.

No panorama português, Inês Duarte (cf. Mateus et al., 2003:89) considera que a coesão comporta «Todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual [estes] podem ser encarados como instrumentos de coesão».

Para Fonseca (1993:73):

(...) o estudo da coesão visará a caracterização não apenas da 'boa formação' do transfrásico que neste tem lugar, como também, e sobretudo, a captação dos nexos (explícitos ou implícitos) que percorrem e congregam as informações projectadas; o que está aqui em causa é um complexo de recorrências, de dependências e, sobretudo, de interdependências – traduzidas do facto de que a interpretação de um EN é uma função de interpretação de outros ENs.

Como se pode observar, a coesão assegura a relação que os elementos frásicos estabelecem entre si, na contiguidade semântica, sintática e pragmática, de maneira a produzir sentido.

Em obra que se tornou clássica sobre o assunto, Halliday e Hassan (1976) apresentam o conceito de coesão textual, como um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto, e que o definem como um texto. Segundo estes autores, «a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efectivamente decodificado a não ser por recurso ao outro». (cf. Halliday e Hassan, 1976:14).

Para estes estudiosos, a coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação. Por estabelecer relações de sentido, a coesão diz respeito ao conjunto de

recursos semânticos por meio dos quais uma frase se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos.

No estudo do mecanismo de modelização linear do discurso, tem sido concebida a oração, a frase ou o enunciado como unidade de segmentação discursiva que mais domina. Desta passa-se a outros fragmentos de natureza mais complexa como as orações, frase ou frases compostas, períodos, sequências das orações ou de frases compostas, sequências de períodos, textos ou discursos.

Para Beaugrande e Dressler (1981:3), a coesão diz respeito ao modo como os componentes da superfície textual se encontram conectados entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical. Marcushi (1983:31) define os fatores de coesão como «aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto», afirmando que não se trata de princípios meramente sintáticos, mas de «uma espécie de semântica da sintaxe textual», isto é, mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relações de sentido. (cf. Koch, 2010:13).

A respeito dos mecanismos de coesão textual, vamos seguir a ficha apresentada por Mateus et al. (1983:190), ficha essa que pensamos enquadrar-se bem para aquilo que pretendemos desenvolver neste trabalho.

Mecanismos (Linguísticos) de Coesão Textual

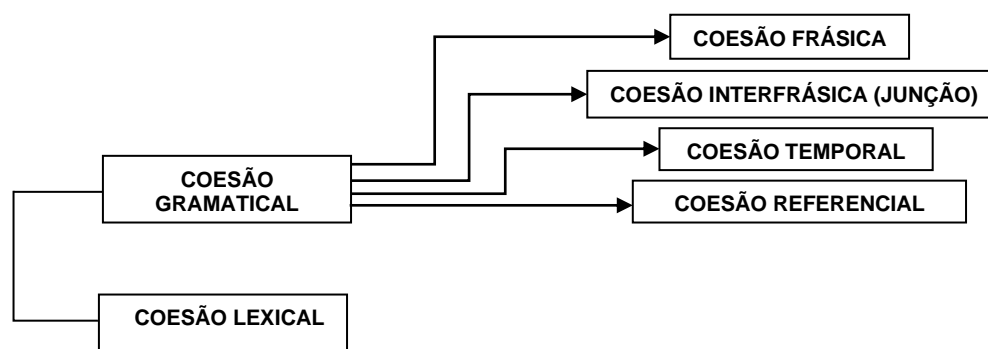


Gráfico 1: Mateus et al., 1983:190.

Com base no exposto acima, podemos situar os operadores de sequencialização do discurso, como conexões coesivas da superfície do texto, nos mecanismos de coesão gramatical – excetuando a coesão temporal. Duarte (2003:91) refere-se aos processos de coesão gramatical, mais concretamente à coesão interfrásica. Menciona que:

Esta é assegurada por processos de interdependência semântica entre as frases que constituem o texto, nomeadamente através da utilização de MDs.

A coesão frásica designa os processos de sequencialização que asseguram, a nível sintagmático e oracional, uma ligação significativa entre os elementos linguísticos que ocorrem na superfície textual.

A coesão interfrásica (ou junção) designa os processos de sequencialização que exprimem vários tipos de independência semântica das frases, que ocorrem na superfície textual. Os elementos linguísticos que assinalam e exprimem a junção são os conectores frásicos e as pausas.

A coesão referencial é uma das condições a que um texto deve obedecer para constituir uma unidade semântica, através da utilização de formas apropriadas, onde os principais processos linguísticos que a asseguram

são: a exofórica (ou referência), a endofórica (co-referência). Neste último processo vamos encontrar a anáfora (ao que precede), a catáfora (ao que se segue) e a elipse (omissão de item lexical recuperável pelo contexto). (cf. Mateus et al., 1983:190-199).

Segundo Duarte (2003:89):

O conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre elementos que ocorrem na superfície textual.

A autora, tendo como base a função dos mecanismos coesivos na construção da textualidade, reagrupa os cinco mecanismos de coesão textual propostos por Halliday e Hassan (1976) – a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical – e propõe a existência de duas grandes modalidades de coesão: a coesão remissiva, ou referencial, e a coesão sequencial. A coesão referencial ocorre quando «um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual» (Koch, 2003:31).

A coesão sequencial está relacionada com «...procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (...), diversos tipos de relações semânticas e / ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir». (Koch, 2003:53). Por isso, é que Antunes (2005:47) afirma que a função da coesão é exatamente a de «criar, estabelecer e sinalizar os laços que deixam os vários segmentos do texto ligados, articulados, encadeados». Assim, a coesão (como a coerência) do texto é assegurada pelas unidades linguísticas que determinam as relações lógicas entre as situações, unidades linguísticas estas que são «processos de sequencialização que exprimem

vários tipos de dependência semântica das frases que ocorrem na superfície textual» (Mateus, 2003:91).

A **coerência** é a propriedade relacionada com a semântica do discurso, isto é, com o universo por ele designado e para cuja determinação o contexto joga um papel crucial. A modelização do discurso, ou do texto, e a sua consequente interpretação, radicam no conjunto de condicionantes histórico-culturais em que se opera o processo comunicativo verbal. A significação do ato de comunicação verbal não depende da **locutio**, mas também da **actio** e da memória, ou seja, de todo o conjunto de circunstâncias implicativas e implicaturas relevantes e configuradoras do contexto, em que aquele se observa. Por outras palavras, conforme nos sugere Blass, a análise do ato verbal não visará apenas o modo “como” a comunicação verbal se apresenta estruturada, mas também o “por que” se organiza em determinados temas. (cf. Blass, 1990:12).

Por outro lado, para que o discurso seja coerente, é necessário o poder coesivo dos segmentos que o instituem, na medida em que a coesão diz respeito quer ao dispositivo sintático dos enunciados, quer ao nível da hierarquização dos referidos enunciados entre si. Para Vilela (1999:446) «Coerência em sentido amplo é definida como a relação textual constitutiva de frases e coerência em sentido estrito compreende sobretudo a parte contedística.»

Ainda nesta linha de pensamento, Fonseca (1993:183) defende que:

A coerência do texto pode, assim, tornar-se como fundada sobre a adequação do comunicado vazado em cada fragmento do Texto (EN ou sequência integrada de ENs) simultaneamente à intenção comunicativa global que preside ao acto linguístico e

o domina e às parcelas em algum momento já manifestadas dessa intenção.

O mesmo autor refere que a coerência não é exclusiva apenas do texto, mas deve estar relacionada com os princípios gerais que presidem ao conhecimento do mundo, e ao exercício do pensamento. Fonseca (1988:11):

Numa combinatória consistente, à imagem e a semelhança das expectativas derivadas do conhecimento das “coisas”, da experiência, do “senso comum” relativos a acontecimentos, situações (...) tal como acontece no mundo que nos circunda.

Um texto é coerente se as situações nele criadas estiverem de acordo com o que se passa no mundo e se respeitar alguns princípios básicos que orientam a expressão do pensamento bem estruturado. Dito de outro modo, a coerência não está presente apenas no texto, mas sim na continuidade de sentidos desvelados e criados na mente do interlocutor.

Para Costa Val (2006:5-6):

Um discurso é aceito como coerente quando apresenta uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor. Essa questão é fundamental. O texto não significa exclusivamente por si mesmo. Seu sentido é construído não só pelo produtor como também pelo receptor, que precisa deter os conhecimentos necessários à sua interação.

Assim sendo, a coerência depende das relações de sentido que se estabelecem entre as palavras. Essas relações devem obedecer a três princípios:

1. O princípio da relevância, onde um texto tem de representar acontecimentos e situações que estejam relacionados entre si,

- suprimindo o que não é relevante ou o que é facilmente dedutível.
2. O princípio da não contradição, em que um texto coerente não pode conter situações logicamente contraditórias ou inconciliáveis.
 3. O princípio da não redundância ou não tautologia, em que um texto coerente deve conter alguma informação, ou seja, a repetição das mesmas ideias por palavras diferentes torna o texto excessivo e rebuscado. (cf. Costa Val, 2006:5-6)

Como referencia Fonseca (1993:184 – 185) a coerência:

Não é uma dimensão exclusiva do Texto – antes de todos os produtos verbais manifestados em *signos extensos* (do Sintagma do Texto); não é uma dimensão *idiomática dos* produtos verbais – pois não releva da organização e funcionamento de uma LN enquanto sistema de instrumentos e de mecanismos “internos” para uma manifestação verbal, antes releva do funcionamento de todas as línguas (...); coincide com a conformidade que todos os produtos verbais, em qualquer língua, devem revelar a princípios gerais que presidem ao conhecimento do mundo e ao exercício do pensamento de que decorrerá uma não ruptura do mundo recriado nesses mesmos produtos (...).

Queremos salientar que quando um texto revela situações anómalas ou exclusivamente fictícias, sem correspondência com a realidade, torna-se incoerente e não respeita os princípios acima citados. Torna-se importante, também, frisar que a coerência é a partilha dos significados em causa na língua, e a compatibilidade dos conceitos em jogo com o conhecimento do mundo do recetor do texto, ou seja, é falar de sentido e de interpretação.

Sendo uma condição necessária, mas não suficiente, para a aceitabilidade do discurso, ela corresponde afinal a um dos aspetos da

propriedade semântica mais geral. van Dijk deixa bem claro que um discurso pode apresentar-se como coerente sem que todas as frases ou proposições estejam conectadas, pelo menos explicitamente (cf. van Dijk, 1977[1984]:149-150).

Daí que, a coesão e a coerência são dois conceitos que aparecem intimamente relacionados. Enquanto a coesão pode representar o esforço que o emissor faz relativamente à elaboração do texto, com a preocupação de fornecer pistas que conduzam o recetor na compreensão do mesmo, a coerência nasce deste último processo. Ou seja, o recetor interpreta aquilo que o emissor lhe permite interpretar (cf. Sebastião, 2012:37).

É estreita a interligação entre a coerência textual e a coesão textual, mas com uma relevância: esta última é exclusivamente de âmbito intratextual e não depende da capacidade e das estratégias interpretativas do recetor.

Outro nome que se dedicou ao estudo deste modelo é Charolles (1978) que considera que são necessárias determinadas circunstâncias para que um texto seja coerente, e define-as em quatro âmbitos que designa por:

- regra da **repetição**: representa a necessidade de que a maior parte das proposições se encontrem encadeadas, tendo como base principal a repetição de elementos constantes no texto;
- regra da **progressão**: reside na necessidade de o desenvolvimento do texto se processar através do contributo vindo de constantes no texto;
- regra da **não contradição**: reside, como o nome diz, no facto de não cair em contradição e manter-se firme nos seus argumentos;
- regra da **relação**: reporta para a necessidade de os factos

descritos / mencionados estarem relacionados com o mundo representado, seja esse mundo real ou imaginário (cf. Charolles,1978:7-42).

Para Morais (2011: 29):

As noções de coesão e de coerência têm em comum o facto de serem perspectivadas como fatores de textualidade, no sentido em que permitem ultrapassar os limites da estrutura sintático-semântica da frase, permitindo ou favorecendo a integração de enunciados sucessivos num todo semântico.

Assim, sendo, a coesão é uma relação linear entre os enunciados, não sendo nem necessária, nem suficiente para a coerência, já que pode haver textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá ao nível da coerência, por ser uma possibilidade interpretativa.

2.4.2.1 Dêixis e Anáfora

Existem três conceitos intimamente relacionados e que se confundem com frequência: referência – dêixis - anáfora. A referência, como já mencionámos acima, é uma relação que se estabelece entre um elemento do discurso e uma entidade concreta do mundo exterior, é uma relação entre língua e o mundo. Para Levinson (1983:47):

En esencia, la deixis se ocupa de cómo las lenguas codifican o gramaticalizan rasgos del **contexto de enunciación** o **evento de habla**, tratando así también de cómo depende la interpretación de los enunciados del análisis de contexto de la enunciación (...). Los hechos deícticos deberían actuar para los lingüistas teóricos como recordatorio del simple, pero importantísimo hecho de que las

lenguas naturales están diseñadas principalmente, por decirlo así, para ser utilizadas en la interacción cara a cara, y que solamente hasta cierto punto pueden ser analizadas sin tener esto en cuenta.

Por outras palabras, a dêixis cobre todos os fenómenos do ato da fala que ficam codificados de alguma forma no enunciado, pode ser textual se apontar para o próprio contexto linguístico ou demonstrativo, se orientado para a realidade extralinguística.

Desta forma, entende-se como dêixis «(...) o domínio dos instrumentos linguísticos que apontam directamente para a situação de fala.» (cf. Vilela, 1999:435). Bühler (1934) é o primeiro teorizador da linguagem a atribuir ao fenómeno da deixis uma importância central no funcionamento da linguagem verbal. O autor define-a como campo mostrativo fazendo corresponder três modos de mostraçã: *deixis «ad óculos»*, *anáfora* e *deixis «am Phantasma»*.

Deste ponto de vista, Fonseca (1992:148) explica que:

A construção conceptual de um *campo mostrativo textual* e de um *campo mostrativo imaginário* à imagem e semelhança do *campo mostrativo concreto* da situação de enunciação, é uma manifestação da capacidade de o discurso criar o seu próprio contexto.

Os termos deixis e deíticos foram trazidos para a terminologia metalinguística portuguesa por Herculano de Carvalho (1976), definindo-os e caracterizando-os como forma específica de **mostraçã linguística**. Segundo Carvalho (1973:664-665):

Para que a deixis funcione (...) é imprescindível que exista um termo ou ponto de referência (...): esse termo ou baliza referencial é a pessoa do próprio sujeito que fala, no momento em que fala e em que, apontando ou chamando a atenção para si próprio, se designa como EU.

Assim, toda a mensagem é formulada por um EU que se dirige a um TU, real ou potencial, e é emitida num momento e espaço determinados. Essa abordagem do texto como produto linguístico no contexto em que é produzido, refere-se aos elementos da enunciação: as pessoas do discurso (emissor e recetor) e o lugar e tempo da enunciação (o aqui e o agora do texto). (cf. Cuenca, 2018:13).

Para Vilela (1999:409) «Estas expressões deíticas instituem um universo de referências à volta das quais se distribuem o fluir do discurso». Expressões cujo uso só se pode compreender se se conhecer o contexto em que são enunciados. Daqui podemos deduzir que a deixis pode ser de três tipos: pessoal, temporal e espacial.

A anáfora é um procedimento de coesão que contribui para a coerência global do texto. Consiste na relação que se dá quando se usa uma determinada palavra para referenciar a outra, em geral já mencionada e cuja repetição se tenta evitar. É uma variante da dêixis. Enquanto uma situa as coisas e os conceitos no espaço e no tempo do circuito linguístico, a outra, a anáfora aponta para as palavras no discurso ou no texto. Na anáfora «É utilizada a fluência do discurso, a linearidade da linguagem, tendo em vista a superação dessa mesma linearidade». (cf. Fonseca, 1992:148).

A Linguística utilizou o termo para caracterizar palavras ou segmentos de frases anteriormente expressas, ou, agora com a variante catáfora para antecipar, anunciar, apontar, privilegiar sintagmas que estão por vir na sequência do discurso. Os elementos verbais empregues na dêixis recebem o nome de deícticos, e de anafóricos os apontadores do ‘antes’ e do ‘depois’ no correr do discurso (cf. Melo, 1991:28).

É fulcral realçar que a reativação de referentes é promovida por pistas deixadas no texto, capazes de produzir inferências. Essas remissões podem ser realizadas pelo processo diafórico que compreende a anáfora e a catáfora.

2.5 Noção de sequência

A noção de sequências textuais presente em Adam (1992, 2011) toma como ponto de partida o conceito de macroproposição que tem como base, de acordo com Sebastião (2012), os estudos de van Dijk (1981). Apresentam o termo *sequência de frases* como sinónimo de *texto*: «(...) nous pouvons considérer un énoncé textuel en tout premier lieu comme une suite de sera appelée une séquence.» (cf. van Dijk, 1981:69). Em 1983 e 1986, o autor traz novos contributos para a definição de sequência, redefinindo-a como uma unidade textual, que se assume como um composto do texto e passa a designá-la por *macroestrutura*. (cf. Sebastião, 2012:44).

Embora seja relativamente frequente, na área dos estudos linguísticos sobre o texto, o termo *sequência* não se pode considerar dotado de uma efetiva estabilidade conceptual. Adam (2011:44) refere que a *sequência* é uma estrutura relacional pré-formatada que se acrescenta às unidades sintáticas mais estreitas, que são as frases, e mais largas, os períodos, formando um esquema de texto que se situa algures entre a estruturação frásica e periódica das proposições e a estrutura macrotextual dos planos de texto. Por sequência entende-se, então, uma espécie de unidade modelar com características identificativas.

Adam aproxima *texto* de *discurso*, uma vez que a sua teoria os concebe de forma articulada como «(...) unité textuelles complexes, composées d'un

nombre défini de paquets de propositions de base: les macropropositions.» (Adam, 2011:44). Daí que, a noção de sequência envolva, predominantemente, a ideia de sucessão no tempo, na medida em que os textos podem apresentar mais do que uma sequência, uma combinação de sequências, havendo uma que se sobrepõe às restantes.

Macroestruturas só fazem sentido por se encontrarem interligadas entre si por unidades linguísticas que se denominam operadores de sequencialização, que são o foco do nosso tópico.

2.5.1 Sequências prototípicas de Adam

Os trabalhos publicados por Adam, entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, trouxeram uma contribuição significativa aos estudos do texto. As suas teorias reúnem orientações formais e enunciativas, de modo a explicar como se constituem e se caracterizam os mecanismos de textualização.

O contributo de Adam destaca-se pelo facto de postular um modelo prototípico que proporciona instrumentos necessários para associar um texto a um tipo determinado. Segundo o autor (1992, 2011), por serem complexos, os textos integram sequências diversas (explicativa, argumentativa, descritiva, dialogal e narrativa). Interessa-nos as sequências explicativas e argumentativas, por serem aquelas onde Adam insere o género *tese*, construções e explicação de ideias, ou seja, aquelas que revelam mais interesse no contexto deste trabalho de investigação.

2.5.2 Sequência explicativa

Dar explicações caracteriza-se num ato de interação linguística que ocorre logo que as crianças começam a falar. Bassols e Torrent (2003:71) afirmam que esta sequência «visa facilitar a compreensão ou o conhecimento de uma matéria», isto é, a sua finalidade é demonstrar a forma como algo funciona, atua ou ocorre.

Essa tipologia textual não tem uma finalidade impressiva, nem a força dinâmica própria do texto argumentativo. A sua apresentação relaciona-se mais com o desenvolvimento descritivo, onde se expõem, definem, enumeram e explicam factos e elementos de informação, fazendo com que o interlocutor / leitor adquira um conhecimento que, até então, não tinha.

Segundo Coutinho (1999:130):

Adam descreve a sequência explicativa como uma macroproposição inicial, frequentemente subentendida, passa-se a uma problematização, introduzida por *pourquoi* ou *comment* – que solicita a resposta propriamente explicativa; por último – apesar de poder ser deslocada para o início da sequência ou mesmo apagada – há a considerar uma macroproposição conclusiva.

Neste sentido, a função desta sequência é eminentemente didática, uma vez que, prototipicamente, surge na sequência de uma dúvida que resulta do desconhecimento do alocutário, isto é, o propósito desta sequência é a construção de uma ideia, por isso, enumera e explica factos, informações, relações de causa-efeito, permitindo aos locutor e interlocutor adquirir conhecimento com as respostas aos operadores *porque?* e *como?* A explicação envolve três momentos: levantamento do problema, explicação detalhada do problema e resolução do mesmo, através da sua avaliação.

Sendo uma sequência que assegura uma interpretação unívoca do fenómeno, é natural o aparecimento de operadores do discurso, uma vez que o papel desses na organização do texto explicitam os tipos de relações existentes entre os diferentes segmentos da sequência.

2.5.3 Sequência argumentativa

Argumentar, num sentido amplo, consiste em utilizar a atividade verbal a fim de persuadir ou convencer outro. Por outras palavras, consiste em apresentar um ponto de vista sobre uma determinada questão. Quando escrevemos ou falamos, agimos verbalmente. Neste sentido, estudar as sequências argumentativas que compõem os textos e os géneros de discurso, significa revelar como os indivíduos constroem os seus conhecimentos.

Para Coutinho (1999:129):

Na sequência de Toulmin e de acordo com vários autores que posteriormente, se debruçaram sobre a questão, Adam admite que a sequência argumentativa se caracteriza, basicamente, pela relação entre argumento (s) e conclusão – assumindo um destes papéis, *a posteriori*, relativamente ao outro termo da relação.

Partindo deste pressuposto, podemos dizer que a argumentatividade está ligada ao uso da língua e constitui uma atividade estruturante de todo e qualquer discurso, na medida em que a progressão deste se dá por meio de articulações argumentativas. Ou seja, a sequência argumentativa corresponde à apresentação de uma tese, dos dados e observações correspondentes, apresentando como principal intenção comunicativa a de convencer, persuadir com raciocínios corretos, provas e exemplos.

De todas as sequências prototípicas de Adam, esta é a mais estruturada e com uma estrutura canónica (cf. Sebastião, 2012:48). Esta estrutura canónica consiste na oposição de enunciados, os quais estão interligados por operadores argumentativos, e tem por princípio a ideia de que uma argumentação consiste em dois movimentos: na demonstração de uma tese e na refutação dessa tese.

Segundo Adam (2011:155):

Certas sequências de proposições podem ser reinterpretadas em termos argumentativos de acordo com a relação dos argumentos / razões com a conclusão, encontrando-se esses elementos interligados, uma vez que não pode haver dados sem conclusão e vice-versa.

Isto quer dizer que a sequência [Dados > Conclusão] forma uma unidade argumentativa de base (cf. Saiyad, 2016:30). Nos exemplos que se seguem, retirados do *corpus* do trabalho, ilustramos a organização do raciocínio argumentativo:

1. O ponto onde se verificam igualdade entre os coeficientes de condutividade entre o líquido e o vapor saturado é denominado por ponto crítico, **pois** este é ponto de transição entre o líquido e o vapor saturado. (R.4, p.15) – **operador de argumento**.
2. As passarelas da cidade de Luanda, na sua maioria, apresentam este fenómeno de ferrugem, **em consequência** da acumulação de água e urina. (R.3, p.16) – **operador de conclusão**.
3. Como principais características, este material apresenta rigidez, elevada densidade, baixo coeficiente de dilatação, boa condutibilidade térmica, elevada resistência ao desgaste e

rugosidade média. **No entanto**, por outro lado, a sua utilização requer um custo elevado... (R.1, p.36) – **operador de argumento**.

2.6 A conexão e os conectores

Conexão é um termo usado para nos referirmos a uma relação específica entre frases. Estritamente falando, no entanto, as frases são objetos sintáticos e se a conexão é uma noção semântica, como supomos, devíamos falar mais de proposições conectadas. As frases e as sequências de frases podem expressar tal relação entre proposições, por exemplo, por conectores de várias categorias sintáticas (conjunções, advérbios, partículas). Se falarmos de frases conectadas, estamos a referir-nos a orações cujas proposições «subjacentes» estão conectadas. A essa propriedade é que se chama *conexão* ou *conectividade*. Outro termo que van Dijk (1980) usa também na lógica recente é *pertinência* (*relevance*). O interesse da lógica da relevância dos conectores reside na sua semântica, uma vez que, para explicarmos as implicações relevantes, devemos levar em consideração a noção de conexão na interpretação das linguagens com tais conectores.

Este termo, no entanto, é reservado para se referir a certas propriedades pragmáticas das frases ou proposições, ou seja, a um certo aspeto da sua adequação (*appropriateness*) num texto comunicativo. (cf. van Dijk, 1980:83-84). Nesta obra, van Dijk argumenta que a semântica discursiva tem de mostrar como o significado e a referência das sequências de frases compõem o discurso e tem de mostrar que tipo de conectores utilizam as frases compostas para se sucederem na linha do discurso. Esta semântica preocupa-se com o

intencional, o conteúdo e conformado linguisticamente, e não a extensão, o referido extralinguisticamente.

A conexão pode ser uma condição necessária, mas não suficiente para a aceitabilidade do discurso. As sequências de frases podem conectar-se sem serem coerentes. A conectividade pode ser linear, condição imposta aos pares de orações e global, referindo-se ao discurso, a sequência de conexões que satisfaz condições específicas de coerência.

Segundo Pons (1998:59) a conexão «é característica intrínseca y constitutiva de la clase» dos marcadores, isto é, «una función pragmática manifestada a través de unidades que pertenecen a distintas clases de palabras», o que leva a caracterizar os marcadores discursivos (conectores) como unidades com um duplo centro categorial (Pons, 1998:59-60).

Por isso, Marçalo (2009:247) refere que:

Existem ainda marcadores que não conectam ou que só o fazem raramente. A dificuldade de encontrar em alguns marcadores o sentido de conexão, levou Portolés (2001:43) a renunciar à designação conectores e preferir o termo marcadores por ser um termo mais ou menos neutro e ser habitual em muita da bibliografia sobre o assunto.

As relações discursivas podem ser inferidas no processo interpretativo, mas podem também ser sinalizadas por conectores ou marcadores discursivos. Halliday e Hassan (1989) distinguem tipos de nexos, conforme eles criem, entre dois pontos do texto, uma relação de equivalência, ou, diferentemente, uma relação de contiguidade ou, ainda, de associação.

Admitem, assim, que nexos, como elos, unem dois pontos do texto, estabelecendo entre eles tipos diferentes de ligação. Além desses três, existem

os nexos criados pela ocorrência de conjunções, preposições, advérbios e respectivas locuções (cf. Antunes, 2010:118). Estes últimos, que estão relacionados com o nosso tópico, são os nexos de conexão ou sequencialização e acontecem pela ocorrência das expressões comumente chamadas de conectivos, ou seja, conjunções, preposições, alguns advérbios e respectivas locuções.

São nexos que figuram, preferencialmente entre parágrafos, entre períodos ou orações, isto é, cumprem a função de ligar esses segmentos, estabelecendo entre eles algum tipo de relação semântica (de casualidade, de finalidade, de condicionalidade, de temporalidade, de oposição, entre outras).

O sistema da língua põe à disposição dos falantes articuladores linguísticos que relacionam de forma explícita segmentos textuais, sejam enunciados ou sequências de enunciados, estabelecendo entre eles diversos tipos de relações semânticas: trata-se dos chamados marcadores e conectores (Ducrot, 1980_a, 1980_b, 1983; Cortès, 1991; Zorraquino, 1990, 1991, 1994; Montolíó, 1992, 1993; Martínez, 1997; Portolés, 1993, 1998; Pons, 1995, 1998).

Zorraquino e Portóles (1999) também se debruçaram sobre os marcadores do discurso e realizaram um estudo que ainda hoje é considerado dos mais importantes, sobretudo para as investigações sobre os marcadores do discurso em espanhol. Zorraquino e Portolés (1999:4057) admitem que os marcadores do discurso:

(...) son unidades lingüísticas invariables, no ejercen una función sintáctica en el marco de la predicación oracional -son, pues, elementos marginales- y poseen un cometido coincidente en el discurso: el de guiar, de acuerdo con sus distintas propiedades morfosintácticas, semánticas y pragmáticas, las inferencias que se realizan en la comunicación.

Tendo em conta a consideração da definição anterior, os pesquisadores espanhóis classificam o conjunto de elementos em cinco categorias:

1) **Estruturadores da informação** (organizam informativamente o discurso, ordenando a dinâmica entre tópico e comentário). São subdivididos em: comentadores (introduzem um comentário paralelo); ordenadores (especificam o lugar que o enunciado assume no discurso) e digressivos (introduzem um enunciado que possui uma informação paralela à argumentação).

2) **Conectores** (relacionam semântica e pragmaticamente dois ou mais enunciados, guiando inferências produzidas do conjunto enunciativo). Subdividem-se em:

a) conectores aditivos (enlaçam os enunciados com a mesma orientação argumentativa);

b) conectores contra-argumentativos (unem enunciados em que o segundo atenua ou anula as inferências que se pudessem obter do primeiro);

c) conectores da causalidade (associam enunciados que têm uma relação de causa-efeito).

3) **Operadores** (condicionam as possibilidades argumentativas dos enunciados em que se encontram). Subclassificam-se em:

a) operadores de reforço argumentativo (reforçam argumentativamente determinados enunciados em comparação com os demais);

b) operadores de concretização (apresentam o enunciado que possuem um exemplo do tema mais geral do discurso);

c) operadores aditivos (reforçam e dão um valor aditivo ao enunciado que introduzem).

4) **Reformuladores** (introduzem os enunciados mais adequados informativamente, já que esclarecem, retificam ou sintetizam os anteriores). Estão categorizados em:

a) reformuladores explicativos (encabeçam o enunciado que explica a informação da sequência anterior);

b) retificativos (inserem um enunciado que é uma versão mais adequada da sequência precedente);

c) de distanciamento (introduzem o enunciado pertinente ao mesmo tempo em que privam os enunciados anteriores de força argumentativa)

d) recapitulativos (apresentam o enunciado que possui a conclusão ou a recapitulação do anteriormente referido).

5) **Marcadores conversacionais** (enlaçam enunciados, destacando aspectos informativos e interativos como relações argumentativas e metadiscursivas, mudanças de tema, recursos fáticos ou de recepção da informação, etc.). Subdividem-se em:

a) marcadores de modalidade epistémica (sinalizam a maneira como o enunciador aborda o enunciado);

b) de modalidade deontológica (refletem a atitude subjetiva do

locutor diante do enunciado);

c) focalizadores de alteridade (sinalizam como o enunciador se relaciona com o co-enunciador)

d) metadiscursivos conversacionais (estruturam o discurso oral que está a ser simulado no texto escrito).

(cf. Fernanda, 2013:1076-1077)

Assim sendo, os articuladores do discurso ou conectores são expressões que num texto ligam palavras, frases e parágrafos. Portolés (1998:73-74) vai mais longe quando diz que o conceito de *marcadores* é «El concepto de marcador del discurso no es un concepto de fundamento gramatical, sino semántico-pragmático. Se basa en el tipo de significado de ciertas unidades lingüísticas».

Por isso, a definição de Portolés é a seguinte (2001:25):

Los marcadores del discurso son unidades lingüísticas invariables, no ejercen una función sintáctica en el marco de la predicación oracional y poseen un cometido coincidente en el discurso: el de guiar, de acuerdo con sus distintas propiedades morfosintácticas, semánticas, las inferencias que se realizan en la comunicación.

Os conectores são, assim, palavras ou expressões que se utilizam para especificar as relações entre vários segmentos linguísticos de um texto – servem para associar as ideias e estabelecer ligações entre elas. O uso correto de conectores permite uma maior coesão textual e envolve uma compreensão facilitada da globalidade do texto. (cf. Oliveira, 2006:164).

Ducrot (1980:15), apesar de se referir a conectores e não a marcadores discursivos, considera que a especificidade dessas formas não reside ao nível da articulação entre frases ou enunciados, estando ligadas à função de

orientação argumentativa que assumem. Coutinho menciona que Adam (1999) usa o termo conector como hiperónimo, pois atribui a conectores e organizadores textuais uma função comum, a de interligar blocos de textos, sendo que os primeiros se distinguem dos segundos devido à sua função argumentativa. (cf. Coutinho, 2008:197).

Os articuladores discursivos classificam-se em marcadores discursivos e conectores discursivos. Por sua vez, os primeiros podem subdividir-se em **estruturadores** da informação, com função de ordenação (“em primeiro lugar”, “por outro lado”, “por fim”, etc.); **reformuladores**, com a função de explicação e de retificação (“ou seja”, “por outras palavras”, “ou melhor”, etc.); **discursivos**, com função de reforço argumentativo e de concretização (de facto, na verdade, por exemplo, etc.); conversacionais ou fáticos (“ouve”, “repara”, “presta atenção”, etc.). já os segundos subdividem-se em **aditivos** ou **sumativos** (“além disso”, “ainda por cima”, “do mesmo modo”, “igualmente”, etc.); **conclusivos** e **explicativos** (“por consequência”, “logo”, “portanto”, “de modo que”, “donde se segue”, etc.); **contrastivos** ou **contra argumentativos** (“não obstante”, “todavia”, “contudo”, “de qualquer modo”, “em todo o caso”, etc.). (cf. Matos, 2010:293).

Os conectores são marcadores discursivos que ligam semântica e pragmaticamente um membro do discurso a outro anterior. Podemos distinguir dois tipos de conectores: conectores semânticos e conectores pragmáticos. Os primeiros asseguram a articulação interproposicional e surgem, predominantemente, em posição de articulação intradiscursiva, ao passo que os pragmáticos preferem o início / abertura de frases, seguidas dum pausa e acompanhados de uma marca de entoação e/ou de acento (cf. van Dijk,

1977:4).

Do ponto de vista da enunciação, Koch (1993:31) considera que:

Há dois tipos de relações: as lógicas ou semânticas e as paralógicas, discursivas ou pragmáticas. As primeiras são objectivas porque estabelecem a relação entre as proposições intra-frásicas ou inter-frásicas. São “relações lógicas de conjunção, disjunção, equivalência, implicação, bicondicionalidade. Entre estas, podem-se incluir relações como as de casualidade, alternância, temporalidade (...), contraditoriedade, condicionalidade, etc.

As segundas são de carácter subjectivo na medida em que se estabelecem entre enunciado e enunciação; são, portanto, ideológicas ou argumentativas, visto contemplarem a intencionalidade do falante, a sua atitude, perante o enunciado produzido e o modo como executa, os pressupostos, as marcas linguísticas, que são operadores argumentativos.

De seguida, apresentamos um quadro síntese de alguns marcadores discursivos, retirado de Martín e Portolés e com os respetivos equivalentes em português (1999:4081-2).

TIPOS E SUBTIPOS		EXEMPLOS	EQUIVALENTES EM PORTUGUÊS
Estruturadores da Informação	comentadores	pues, pues bien, así las cosas, dicho esto	Pois, pois bem, Assim, dito isto
	ordenadores	en primer lugar/en segundo lugar; por una parte/por otra parte; de un lado/de otro lado, finalmente	Em primeiro lugar/em segundo lugar; por um lado parte/por outro

			lado, finalmente
	digressores	por cierto, a todo esto, a propósito	Por certo, a tudo isto, a propósito
Conectores	aditivos	además, encima, aparte, añadidura, incluso, es más	Além de, acima, à parte, por adição, até, é mais
	consecutivos	por tanto, por consiguiente, consiguientemente, por ende, en consecuencia, de resultas, de ahí, entonces, pues, así, así pues	Por tanto, por consequência, consequentemente, portanto, em consequência, daí, então, assim
	contra-argumentativos	En cambio, por el contrario, al contrario, por contra, antes bien, sin embargo, no obstante, con todo, empero, ahora bien, ahora, eso sí	Em vez de, pelo contrário, ao contrário, antes bem, porém, não obstante, contudo, isso sim
Reformuladores	explicativos	o sea, es decir, esto es, a saber, en otras palabras, dicho de otro modo	Ou seja, quer dizer, isto é, por outras palavras, dito de outro modo
	retificativos	Mejor dicho, mejor aún, más bien, digo	Melhor dizendo, melhor ainda, melhor, digo
	de	en cualquier caso, en todo caso, de todos modos, de	Em qualquer caso, em todo o caso, de

	distanciamento	cualquier modo	qualquer forma, de qualquer modo
	recapitulativos	en suma, en conclusión, en resumen, en síntesis, en definitiva, a fin de cuentas, en fin, total, al fin y al cabo, después de todo	Em resumo, em conclusão, em resumo, em síntese, em definitivo, no fim de contas, enfim, afinal, depois de tudo
Operadores Argumentativos	de reforço	en realidad, en el fondo, de hecho	Na realidade, no fundo, de facto
	de concretização	por ejemplo, en concreto, en particular	Por exemplo, de concreto, em particular
Marcadores Conversacionais	De modalidade epistémica	En efecto, efectivamente, desde luego, naturalmente, claro, sin duda, por lo visto	Com efeito, efectivamente, desde logo, naturalmente, pelo visto
	de modalidade deôntica	bueno, bien, vale, de acuerdo	Bom, bem, está bem, de acordo
	Enfocalizadores da alteridade	hombre, bueno, vamos, mira, oye	Homem, bom, vamos, veja, ouça
	Metadiscursivos conversacionais	Ya, sí, bien, eh, este	Já, sim, bem, eh! esta

Tabela 1: Adaptada de Martín e Portolés (1999:4081-2)

O quadro acima apresentado é relevante para o nosso estudo, na medida em que, confrontados com os equivalentes em português, demos conta que se adequam à tipologia dos operadores discursivos que encontramos na maior parte dos excertos retirados dos relatórios.

2.7 Operadores / marcadores sequencialização de discurso

Sendo o texto resultante de uma organização em blocos de sentido, hierarquizados e relacionados entre si, muitos são os operadores linguísticos que contribuem para a ligação entre esses blocos. Proliferam nos manuais escolares e na nomenclatura usada pelos professores as mais diversas designações desses operadores: conjunções, conectores frásicos, conectores interfrásicos, conectores textuais, marcadores discursivos, marcadores enunciativos, marcadores temporais, entre outros.

Os estudos de Anscombe e Ducrot (1983), Sperber e Wilson (1986 e 1995), do ponto de vista da argumentação, e os estudos de Blakemore (1987, 1989, 1996), do ponto de vista da teoria da relevância, tiveram um papel crucial para clarificar a significação dos operadores discursivos. A maneira como esses autores conjugam essas teorias, no tratamento dos operadores do discurso, permite-nos obter uma melhor orientação em relação aos resultados das investigações que tratam essas unidades linguísticas.

Vários autores consideram os marcadores do discurso como organizadores da interação - articuladores do texto e indicadores da força ilocutória - constituindo, por isso, elementos linguísticos multifuncionais (Marcuschi, 1989; Urbano, 2001; Charaudeau e Maingueneau, 2012). A ideia de que os marcadores discursivos são organizadores textuais também é

defendida por Bernard Schneuwly (1988).

Segundo este autor, os marcadores discursivos são constituídos por itens linguísticos da classe dos conectores, locuções e expressões temporais, bem como expressões argumentativas, distribuindo-se pelo texto e operando como elos entre os factos. Para Schneuwly (1988:29), «os marcadores discursivos são elementos independentes da frase». Por isso, neste estudo de caso, vamos usar tanto a denominação de *operadores de discurso*, como a de *marcadores de discurso*, na medida em que a sua relevância está na tarefa de explicitar e promover os efeitos no estabelecimento das sequências do texto e da orientação argumentativa que pretendemos atribuir aos enunciados.

Para o *Dicionário Terminológico* (2009:91):

Os marcadores discursivos são unidades linguísticas invariáveis com alto grau de gramaticalização, que não desempenham uma função sintática no âmbito da frase, nem contribuem para o sentido proposicional do discurso, mas têm uma função relevante na produção dos atos pragmático-discursivos, estabelecendo conexões entre os enunciados, organizando-os em blocos, indicando o seu sentido argumentativo, introduzindo novos temas, mantendo e orientando o contato do locutor com o interlocutor.

Os marcadores discursivos podem subdividir-se em estruturadores da informação, sobretudo com a função de ordenação (“em primeiro lugar”, “por outro lado”, “por último”, etc.), de conectores, de reformuladores, sobretudo com a função de explicação e de retificação (“ou seja”, “por outras palavras”, “dizendo melhor”, “ou antes”, etc.); operadores discursivos, sobretudo com a função de reforço argumentativo e de concretização (“de facto”, “na realidade”, “por exemplo”, “mais concretamente”, etc.) e marcadores conversacionais ou

fáticos (“ouve”, “olha”, “presta atenção”, etc.)

Podem atuar como marcadores do discurso alguns advérbios (“finalmente”, “então”, “afinal”, “assim” ...), determinadas locuções (“não obstante”, “por conseguinte”, “em primeiro lugar”, “em seguida”, “por fim”...), interjeições e conjunções. Do *corpus* retirámos alguns exemplos em que podemos comprovar como estes marcadores guiam os enunciados, permitindo, assim, ao interlocutor interpretar o discurso segundo determinadas intenções:

1. O nosso agradecimento, **primeiramente**, vai para Deus, pai todo-poderoso [...] (R.2, p.III).
2. [...]. **De seguida** procede-se a sua compactação. Feito isso, volta-se a colocar areia até a altura de 0,15 m [...]. **Para finalizar**, enche-se o que resta da vala [...] (R.1, p.31).
3. Ponte Viga – a sua construção é feita com vigas de aço em baixo, e betão ou então peças pré-fabricadas. Este é o tipo de ponte tecnicamente mais simples **e, consequentemente** mais fácil de se construir. (R.3, p.6).

Para Raposo (2013:288), marcadores discursivos são «Os elementos lexicais ou gramaticais que passam a desempenhar funções ao nível da organização do discurso.» Daí que, são marcas responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de diferentes níveis – períodos, parágrafos, sequências textuais ou partes inteiras do texto.

São unidades linguísticas externas à predicação que desempenham no discurso funções de natureza conectiva. Semanticamente, explicitam a relação que liga um dado segmento discursivo (aquele em que ocorre o MD) ao seu cotexto. Formalmente, são unidades simples (um só lexema ou uma expressão

curta) e invariáveis, apresentando-se no discurso com delimitação bem definida, assinalada pela entoação ou pela pontuação, e ocorrendo geralmente à cabeça do segmento que introduzem.

Consideramos que a sua função essencial é a de conexão de segmentos discursivos. (cf. Moraes, 2011:17), como espelham os exemplos a seguir retirados do *corpus* do trabalho (cf. apêndices):

1. Poucas casas possuíam instalação sanitária além de latrinas escavadas em terra, **porém** cada cidade tinha seus lavatórios públicos. (R.1, p.18).
2. A principal aplicação das tubagens de betão é apenas subterrânea, para, principalmente, indústrias ou sistemas públicos de drenagem, **uma vez que** este material é apropriado para grandes diâmetros. (R.1, p.38).

Os marcadores de sequencialização são referidos por muitos autores, embora de forma dispersa e sob designações diferentes. Schneuwly, Rosat e Dolz (1989) identificam um conjunto de operadores que funcionam segundo o princípio de estruturação do texto. Outros autores incluem os marcadores de reformulação “em resumo”, “para terminar”, “isto é”, etc.

Michel Charolles (1988:9) dá um contributo significativo nesta matéria, através da noção de sequência, explicitamente relacionada com questões de segmentação textual, quando afirma que:

Les séquences résultant du découpage du matériau discursif. Il y a création d'une séquence lorsque le sujet, par exemple écrivain, indique comment il fractionne son texte.

Como demonstraremos na análise destas unidades nos relatórios, sequencialização implica relações que se movem vertical, ou mesmo transversalmente, no espaço do texto, ou seja, relações que articulam entre si, sob forma de conteúdos, objetos e pontos de vista, que tanto podem ser opiniões como saberes, mas que correspondem necessariamente à encenação enunciativa, tanto do sujeito produtor como de outros sujeitos convocados. (cf. Coutinho, 1999:217).

Ora, sendo os operadores, articuladores de relações entre os segmentos que constituem o texto, podemos concluir que o seu papel na construção mental coerente é de grande importância. Estas relações articulam-se entre si, sob forma de conteúdos, objetos e pontos de vista, que tanto podem ser opiniões como saberes, mas que correspondem necessariamente à encenação enunciativa tanto do sujeito produtor como de outros sujeitos convocados.

É essa a razão pela qual se designam tais unidades linguísticas, que contribuem para a coesão e a coerência de um texto, como operadores do discurso ou conectores discursivos. Ligam um enunciado a outro enunciado ou uma sequência de enunciados a outra sequência, estabelecendo uma relação semântica e pragmática entre os membros da cadeia discursiva, tanto na realização oral como na realização escrita.

Para Coutinho (1999:217):

Um dos aspectos centrais na análise terá necessariamente a ver com a identificação dos processos linguísticos que marcam as descontinuidades apontadas – e que serão por isso considerados **marcadores de sequencialização**.

Na sequência deste mesmo ponto de vista, postula-se, em Coutinho (2003), um plano de organização textual de ordem retórica (disposicional) –

que será recuperável através de marcas, ou organizadores textuais. Consideraremos como marcadores de sequencialização (ou organizadores configuracionais) os organizadores textuais que explicitam a estruturação do texto – anunciando o princípio ou o fim de uma unidade, identificando-a pelo nome, reclassificando-a (por exemplo, “Esta introdução”, “Para concluir”, “Em resumo”) (cf. Coutinho, 2003:4). Os exemplos que se seguem, mostram o uso de operadores usados para finalizar a interação:

1. [...], terá de adaptar o projeto ao espaço disponibilizado. **Em suma**, terá de adaptar o projeto às instalações e não pretender que as instalações se adaptem ao seu projeto. (R.10, p.26).
2. **Pode-se concluir** a partir desta equação que o ciclo ideal depende fundamentalmente das propriedades energéticas do fluido frigorígeno. (R.4, p.29).
3. De seguida procede-se a sua compactação. Feito isto, volta-se a colocar areia até a altura de 0,15 m acima da geratriz do tubo, procedendo-se então a nova compactação. **Para finalizar**, enche-se o que resta da vala com material de escavação.

2.7.1 Marcadores de reformulação

A reformulação é um recurso metalinguístico utilizado para prevenir, indicar ou solucionar problemas comunicativos, facilitando a coesão e a coerência do texto. Dito de outro modo, é uma atividade que permite ao falante voltar a uma formulação inicial.

Assim, começamos por analisar a perspetiva tipológica de Zorraquino e Portolés (1999) na qual os autores afirmam que a reformulação vai desde a

explicitação do primeiro membro discursivo até à sua retificação. Os autores (1999:4112) afirmam que:

Los reformuladores se pueden situar en cuatro grupos según su significado. Los 'reformuladores' presentan el segundo miembro del discurso como una explicación del anterior; con los 'reformuladores retificativos', este mismo miembro discursivo corrige otro anterior; los 'reformuladores de distanciamiento' privan de pertinencia al miembro discursivo anterior; y, por último, los 'reformuladores recapitulativos' introducen un miembro del discurso como una recapitulación o una conclusión a otro – o – otros – miembros precedentes.

Segundo Morais (2011:168) «Neste grupo incluem-se os marcadores que apresentem o S2 como uma expressão mais adequada e/ou que pode substituir o que foi dito no S1.»

Para estes marcadores em português, Lopes (2014) faz uma descrição independente dos marcadores 'quer dizer', 'ou seja' e 'isto é'. Considerámos relevante para o nosso estudo a perspetiva deste autor, em relação a esses marcadores, na medida em que estamos a analisar um género de texto típico para estas unidades.

O grupo dos reformuladores são marcadores que mostram o membro discursivo que introduzem como uma nova formulação de um membro anterior (explícito ou implícito). Os reformuladores são marcadores que servem para apresentar o membro do discurso com uma expressão mais adequada do que a do membro precedente.

Para ilustrar o que acima foi exposto, apresentamos exemplos retirados do *corpus*:

(1) Calor latente é a grandeza física relacionada à quantidade de

calor que uma unidade de massa de determinada substância deve receber ou ceder para mudar de fase, ou seja, passe do sólido para o gasoso e vice-versa. (R.2, p.8)

(2) Quando um sistema está em equilíbrio, isto é, suas propriedades não variam com o tempo, diz-se que ela está em um determinado estado. (R.2, p.9).

Com estes exemplos podemos concluir que os reformuladores são, frequentemente, operadores de interpretação por parte do próprio enunciador, baseando-se não apenas no que já foi dito, mas jogando com conceitos presentes no interdiscurso.

2.8 Síntese

Apresentámos neste capítulo, num primeiro momento, os pressupostos teóricos sobre o tópico que nos propusemos trabalhar. Realizámos uma abordagem mais geral sobre comunicação (oral e escrita), baseando-nos em estudos de Maingueneau (1998), Marcushi (2010), Koch (2005), Stroud e Gonçalves (1997), entre outros, que afirmaram que a linguagem é típica dos seres humanos e tem uma função importantíssima nas relações pessoais e profissionais.

Num segundo momento, já que um dos nossos objetivos do nosso trabalho é identificar o grau de proficiência dos alunos em relação aos operadores discursivos, discorremos em traços gerais sobre a competência (comunicativa e pragmática), socorrendo-nos dos estudos de Canale e Swain (1980), de Hymes (1979) e de Chomsky (1956). Não deixamos de referir um documento muito importante, o QECRL, como um instrumento de referência

importante para o ensino-aprendizagem de uma língua. Dito isto, o aluno deve ser capaz, neste nível de ensino, de usar a língua de modo apropriado às diferentes situações, como por exemplo, agir, interagir através da língua.

Num terceiro momento, tocámos aspetos linguísticos da organização do texto, onde destacámos a coesão e a coerência, elementos fundamentais que estarão na base do nosso trabalho. Como escopo teórico para estudar os marcadores do discurso e os seus valores semântico-pragmáticos foram utilizadas propostas de vários estudiosos na matéria, como Zorraquino e Portolés (1999), Adam (1992), Anscombe e Ducrot (1983), entre outros.

Ainda que haja designações diferentes, essas unidades linguísticas são externas à predicação que realizam no discurso funções de natureza conectiva. Por detrás da diversidade de abordagens teóricas e da multiplicidade de estudos sobre os MD individuais ou pequenos grupos de MD, é possível identificar algumas funções e propriedades que são comumente atribuídas aos MD. (cf. Morais, 2011:99).

Assim, um texto semanticamente bem elaborado exige, por parte do falante, uma seleção adequada desses operadores a partir do índice de assuntos de que dispõe. A escrita académica, devido à sua riqueza semântica e pragmática, pode constituir uma fonte útil para análises linguísticas, com os mais diversos objetivos. Estas relações implicam a apresentação da explicação, razões, justificações relativas aos atos de linguagem anteriores, logo tem de existir encadeamentos de enunciados. Em relação à coerência e coesão, importa realçar que «são parâmetros diretamente ligados à organização textual» (cf. Raposo, 2013:1694). Esses parâmetros vão proporcionar ao leitor / avaliador o entendimento da mensagem que se quer

transmitir via texto escrito.

No capítulo que se segue, vamos traçar os procedimentos metodológicos da pesquisa.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo, apresentamos os caminhos seguidos durante o processo de investigação que, na definição de Holzner (1964: 425) surgem como:

O estudo sistemático dos princípios que guiam a investigação científica. Aquela que não deve ser confundida com teoria substantiva uma vez que aquela apenas está interessada nos campos gerais para a validação das teorias e não no seu conteúdo; (b) procedimentos de investigação (modos gerais de investigação) e técnicas (operações específicas para encontrar factos), uma vez que o metodólogo avalia procedimentos e técnicas relativamente para nos fornecerem um certo conhecimento.

Assim, o exercício de pesquisa, ao ser um proceder focado na produção de conhecimentos, na organização e na clareza na exposição dos factos ou fenómenos observados, assume grande importância em qualquer das suas fases, uma vez que ajuda a configurar o assunto explorado com a realidade natural e social. Lessard – Hérbet et ali (2008:15) definem a metodologia «como um conjunto de diretrizes que orientam a investigação científica».

Se a análise e síntese bibliográfica nos foram essencialmente úteis para se conhecer como foram abordados o tópico em estudo, os procedimentos metodológicos que vamos esboçar, serão ainda mais importantes para determinar o grau de proficiência dos alunos finalistas, na utilização dos operadores discursivos. Este capítulo vai constituir a descrição das técnicas e procedimentos metodológicos, levados em linha de conta, na recolha e tratamento dos dados escritos, que correspondem ao *corpus* de estudo. Tal como afirma Stroud e Gonçalves (1997:1) um corpus linguístico «(...) é uma amostra de uma língua autêntica escrita ou falada recolhida para um fim específico, e orientada por princípios teóricos da linguística e/ou da sociolinguística.»

Tendo em conta os objetivos, a natureza do problema científico, as hipóteses e o objeto de estudo da presente pesquisa, a nossa investigação tem como base um esquema metodológico qualitativo, na medida em que este esquema, segundo Lessard-Hérbert et ali (2008:102):

(...) parece dar lugar de relevo ao contexto da descoberta antes e durante a recolha dos dados: as questões, as hipóteses, as variáveis ou as categorias de observação normalmente não estão totalmente formuladas ou predeterminadas no início de uma pesquisa.

A motivação parte da constatação, enquanto docente, de que os alunos demonstram dificuldades em articular o pensamento, e dar sequência aos seus discursos, de forma coerente. Às perguntas de investigação deste estudo de caso, com uma metodologia de matriz interpretativa, estão subjacentes outras dimensões que se centram, essencialmente, na compreensão:

- do uso da língua de modo apropriado às diferentes situações;
- utilização e domínio dos operadores de discurso;
- da competência discursivo-textual que revelam os alunos ao elaborarem os seus relatórios;
- perceber, a partir da amostra representativamente recolhida e dos pressupostos teóricos, o grau de proficiência discursivo-textual, atingido no final do curso.

Pretendemos analisar o fenómeno no seu contexto, por isso retirámos dos relatórios excertos onde estão enquadrados os operadores de discurso. O objetivo será tentar perceber a abordagem semântico-pragmática dessas estruturas.

3.1 Caracterização metodológica

Tomando como ponto de partida o conceito de texto e os principais mecanismos que asseguram a sua coesão recorreremos a um *corpus* escrito, constituído pelos trabalhos de fim de curso (provas de aptidão profissional) dos alunos finalistas. Vamos analisar dez relatórios de fim de curso do ano letivo de 2017, do Instituto Luvualu Pascoal, localizado na cidade de Luanda, distrito urbano do Kilamba Kiaxi.

Para Ponte (1994:6):

Um estudo de caso pode com vantagem apoiar-se numa orientação teórica bem definida. Além disso: (a) uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes e (b) uma perspectiva pragmática, cuja intenção fundamental é simplesmente proporcionar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador.

O estudo de caso, enquanto ferramenta interpretativa, tem por principal objetivo descrever um determinado evento ou um grupo de pessoas ou objetos, não podendo, portanto, os resultados serem encarados de forma generalizada. O que é válido em determinadas condições, pode não o ser noutras. Ainda na perspectiva de Ponte, Carvalho (1995:155) afirma:

O estudo de caso é uma estratégia de investigação através da qual se pretende realizar a análise exaustiva de um problema, de um tema de uma pessoa, de um grupo, de uma organização ou de qualquer outra unidade social. A intenção principal é a de descrever em profundidade os aspetos estruturais e dinâmicos, diacrónicos e sincrónicos, subjetivos e objetivos (...) para obter dados e referências que ilustrem os problemas que motivam a investigação.

Pretende-se que estes dados resultantes da análise forneçam hipóteses que possam ser (re)testadas em investigações futuras. Este é um dos objetivos paralelos, mas inerentes a esta investigação – formular hipóteses e questões sobre o domínio que os alunos possuem destas unidades linguísticas (operadores ou marcadores do discurso) – esperando que desta situação de estudo se parta para o conhecimento e compreensão dessas estruturas linguísticas na produção escrita na sua generalidade. A abordagem qualitativa serviu de informação à presença ou ocorrência de um certo dado característico. Partimos do pressuposto de que há uma realidade subjetiva que pode ser percecionada e compreendida (cf. Sebastião, 2012: 147).

Dooley (2002: 343) refere que:

Investigadores de várias disciplinas usam o método de investigação do estudo de caso para desenvolver teoria, para produzir nova teoria, para contestar ou desafiar teoria, para explicar uma situação, para estabelecer uma base de aplicação de soluções para situações, para explorar, ou descrever um objecto ou fenómeno.

Neste sentido, o estudo de caso rege-se dentro da lógica que guia as sucessivas etapas de recolha, análise e interpretação da informação das abordagens qualitativas, com a particularidade de que o propósito da investigação é o estudo intensivo de um ou poucos casos.

Na aula de língua portuguesa o texto tem um papel de destaque. Muitas das atividades giram em torno do texto. Por isso, vamos explorar nestes relatórios alguns problemas que estão relacionados com o bom (ou menos bom) uso dos operadores discursivos.

A partir desta análise qualitativa, vamos colocar a hipótese de que os alunos da Instituição poderão ter, ou não, dificuldades em empregar estas

unidades linguísticas nos seus textos. Por outras palavras, pretende-se investigar o fenómeno no seu contexto, daí retirar informação detalhada, de forma a compreender a complexidade da situação, e assim chegar a conclusões sobre a competência no uso dos operadores de sequencialização na produção textual dos alunos.

Embora a nossa análise recaia numa abordagem predominantemente qualitativa, como já referimos, pelo facto de trabalharmos com um material cuja análise exige de nós um olhar reflexivo e interpretativo, vamos ainda fazer uso de um levantamento quantitativo para mensurar a frequência dos operadores de sequencialização do discurso, de forma a melhor avaliar o nível de proficiência linguística dos participantes.

3.2 Constituição do *Corpus*

Em relação ao *corpus* é necessário, à partida, dizer que o seu conceito tem sido definido por uma multiplicidade de posicionamentos, destacando-se semelhanças e diferenças nas indicações dos autores. Como elemento comum, o *corpus* é apontado como uma coleção de materiais (Sinclair, 19991, Barthes, 2006, Berber Sardinha, 2004). No que concerne a esse conceito, McEnery e Wilson (1996) buscam a origem etimológica do termo que é simplesmente a equivalência em latim de *corpo*, o que reforça a ideia de “conjunto de elementos”. Todavia, os autores destacam que quando utilizado em contexto da linguística moderna o termo *corpus* adquire conotações mais específicas.

Existem, pelo menos, duas grandes perspetivas a partir das quais se pode definir *corpus*, uma da Linguística, outra da Linguística de *Corpus*.

Apresentaremos, apenas, duas definições na perspectiva Linguística, na medida em que os dados que recolhemos e que vão constituir o *corpus* do nosso trabalho encontram-se em formato físico. Assim, para Gallisson e Coste (1983:763):

Um conjunto de enunciados tomados como objecto de análise. Mais precisamente, um conjunto finito de enunciados considerados característicos do tipo língua a estudar, reunidos para servirem de base à descrição e eventualmente, a elaboração de um modelo explicativo dessa língua. Trata-se, pois, de uma coleção de documentos quer orais (gravados ou transcritos) quer escritos, quer orais, de acordo com o tipo de investigação pretendido.

Na conceção de Ducrot e Todorov (2001:339), *corpus* é um «conjunto, tão variado quanto possível, de enunciados efetivamente emitidos por usuários da referida língua em determinada época».

A constituição do *corpus* deste estudo de caso restringe-se a material escrito (relatórios de fim de curso) produzido pelos alunos finalistas do Instituto Médio Politécnico “Pascoal Luvualu”. No Ensino Técnico Profissional (ETP), geralmente, os relatórios são feitos no âmbito da disciplina de Projeto Tecnológico (PT), tendo em conta a reforma Educativa para o Ensino Técnico Profissional.

É importante realçar que os relatórios são as PAP (Provas de Aptidão Profissional). Segundo a Reforma do Ensino Técnico Profissional no seu Cap. IV, Artº 42º (RETEP, 2008:199):

1. A Prova de Aptidão Profissional consiste na defesa, perante um júri, de um produto e do respectivo relatório.
2. A Prova de Aptidão Profissional será realizada em áreas técnicas e científicas compreendidas nas matérias para as quais o curso dá preparação e

poderá assumir aspectos de aplicação técnica ou de desenvolvimento.

3. Quando pela natureza do curso, ou pelas condições da Escola e do contexto empresarial em que a Escola se situa, não haja lugar à produção de objectos, a Prova de Aptidão Profissional consiste na defesa de uma proposta escrita de intervenção ou de uma monografia sobre uma temática integradora dos saberes previstos para o curso.

Queremos, ainda, sublinhar, que deste *corpus* temos oito relatórios feitos em grupo e dois feitos individualmente. A RETEP prevê que as PAP sejam feitas individualmente, mas também dá autonomia às direções das Escolas quando regulamenta no seu Art. 42º ponto 6,

A prova de Aptidão Profissional é da responsabilidade dos órgãos de direção da Escola que, respeitando o regulamento específico, poderão estabelecer os procedimentos que considerarem mais adequados. (RETEP, 2008:200).

Deste modo, e em função de um elevado número de alunos por turma, a direção do IMMPPL adotou o método de elaboração de PAP em grupo.

Os relatórios são, pois, géneros de texto que se definem como dissertativos, com um tipo de discurso em que se fazem exposições de ideias, em que os alunos expõem seus pensamentos sobre um determinado assunto.

3.2.1 Natureza científica dos textos do *corpus*

Os textos científicos e técnicos tomam a forma de um dos tipos habituais de texto, marcados pela especialidade, pelo assunto com o qual o aluno lida e pelos objetivos e funções.

Esses diferentes tipos são formados de acordo com as necessidades da

atividade diária dos especialistas: estudos, manuais, teses, monografias, memorandos, artigos de periódicos, dissertações, exposições, comunicações, etc. (cf. Kocoureck, 1991:48).

Os alunos, numa fase mais adiantada, podem ser levados a elaborar estes textos técnicos e/ou científicos. De facto, muitos alunos do ensino médio (IIº Ciclo do Ensino Secundário) já se encontram inseridos no mercado do trabalho, sobretudo, os alunos do regime pós-laboral.

Entre os textos técnicos mais escritos estão os relatórios de atividades, quer para emissão de pareceres, quer para mais prestação de informação sobre atividades em curso ou projetos. Neste caso há passos que obrigatoriamente têm de ser dados:

- Determinação do tema;
- Localização das fontes de informação;
- Seleção das fontes de informação;
- Critério na utilização das fontes de informação, equilíbrio na utilização da informação recolhida;
- Elaboração das fichas de leitura ou de aulas, registo da leitura feita.

Um **relatório** de uma atividade prática é uma exposição escrita de um determinado trabalho ou experiência laboratorial. Segundo Rei (1990:183):

Um relatório trata-se de uma declaração formal dos resultados de uma investigação feita por alguém, que em relação a ela recebeu instruções de um outro, sob forma de pedido ou ordem. Exige estudo prévio, e aprofundado, elevado grau de elaboração, e matéria para apreciação e discussões posteriores.

Apresenta como características:

- Uma linguagem simples, clara, objetiva e precisa;
- Deverá ser conciso e coerente, incluindo informação indispensável à compreensão do trabalho;
- Todas as afirmações devem ser baseadas em provas factuais e não em opiniões não fundamentadas;
- Deve evitar o excesso de conclusões, sendo estas precisas e sintéticas.
- As conclusões devem, igualmente, ser coerentes com a discussão dos resultados. (cf. Técnicas de Expressão em Língua Portuguesa: 101-102).

Em função do nível de aprendizagem dos alunos, em sala de aula, são propostas atividades que favoreçam a aprendizagem e o aperfeiçoamento das técnicas de expressão escrita: exercícios de reescrita de textos previamente conhecidos, elaboração de resumos, escrita como forma de apropriação de modelos e, ainda, a produção de textos narrativos diversos.

Segundo Fonseca (1994:157) «(...) a *competência textual* é uma competência específica e não um mero alargamento de uma competência frásica.» Por isso, há que dotar os alunos de ferramentas que lhes permitam desencadear atividades cujo resultado seja a produção de um texto como um todo, marcado pelo seu contexto e pela intenção comunicativa que lhe dá origem.

Assim, vemos que a constituição de um texto está além do cotexto de produção, levando em consideração também o contexto e os atores / interlocutores envolvidos.

Uma didática da escrita adequada às características que esta deve apresentar na sociedade atual implica que, na sala de aula, sejam instauradas

práticas de escrita sistematicamente programadas e orientadas para a aquisição e consolidação do uso escrito da língua.

Por isso, no que se refere à produção textual, é preciso:

- Acionar os diversos tipos de conhecimentos necessários à produção de um texto (conhecimento linguístico, conhecimento enciclopédico e conhecimento intencional);

- Estar situada em contexto de uso real;

- Fazer sentido (coerência do texto);

- Apresentar os elementos de textualidade (continuidade, progressão, não contradição e articulação).

No que se refere às condições de produção é preciso que se estabeleça:

- Uma finalidade social à produção textual dos alunos;

- Frequência e diversidade de gêneros e local da escrita, isto é, a escola não deve ser o único local onde os alunos escrevem.

No que se refere à intervenção do professor, é preciso:

- Detetar os problemas do texto;

- Selecionar metodologias a serem aplicadas com a finalidade de resolver o problema;

- Levar o aluno a refazer esse texto com a finalidade de que ele perceba onde estão os problemas na sua escrita.

É importante destacar, que o domínio destas operações é progressivamente desenvolvido ao longo da escolaridade e revela-se tarde nos indivíduos, dada a natural complexidade de traduzir conceitos mentalmente construídos em estruturas linguísticas. (cf. Pereira & Koch, 2014:190).

3.2.2 Breve descrição do local da pesquisa

O Instituto Médio Politécnico “Pascoal Luvualu” foi criado por Decreto Executivo n.º 14/02 do Ministério da Educação. Faz parte do ETP no 2º Ciclo do Ensino Secundário e obedece à seguinte legislação:

- Lei de Bases do Sistema de Educação / artigo 71.º da Lei n.º 13/01 de 31 de dezembro (Diário da República, I Série – N.º 65);
- Estatuto do Subsistema do Ensino Técnico-Profissional / artigo 11.º do Decreto n.º 90/04 de 3 de dezembro (Diário da República, I Série – N.º 97);
- Estatuto das Escolas Técnicas / Decreto Executivo N.º 87/06 de 28 de junho (Diário da República, I Série – N.º 78);
- Estrutura da Carreira Docente / Decreto N.º 11-J/96 de 12 de abril (Diário da República, I Série – N.º 15);
- Regime Jurídico das Férias, Faltas e Licenças / Decreto-lei N.º 10/94 de 24 de junho do Conselho de Ministros;
- Regime Disciplinar para os Funcionários e Agentes Administrativos / Decreto 33/91 de 26 de julho do Conselho de Ministros;
- Calendário Nacional Escolar;
- Regulamento Geral das Escolas Técnicas / Decreto Executivo n.º 95/ 05 de 10 de outubro do Ministério da Educação (Diário da República, I Série – N.º 121);
- Estatuto Orgânico da Carreira dos Docentes do Ensino Primário, Secundário, Técnicos Pedagógicos e Especialistas de Administração da Educação / Decreto n.º 3/ 08 de 4 de março de

2004 (Diário da República, I Série – N.º 40).

O Instituto Médio Politécnico “Pascoal Luvualu” está situado no Bairro Palanca, município do Kilamba Kiaxi. Inserido num contexto socioeconómico de classe média baixa apresenta algumas franjas de pobreza. A maioria dos residentes apresenta qualificações ao nível do ensino básico e secundário. A heterogeneidade que caracteriza o agregado populacional, no qual a escola está inserida, apresenta uma tendência para se acentuar.

Foi criado por Decreto Executivo n.º 14/02 do Ministério da Educação, vocacionado para a formação técnico-profissional das jovens gerações e trabalhadores e ministra os cursos de Técnico de Obras na área de Formação de Construção Civil e de Frio e Climatização na área de Formação de Mecânica.

Este estabelecimento escolar de formação Média Técnica (IIº Ciclo do Ensino Secundário), em função da sua especificidade, visa proporcionar aos alunos conhecimentos gerais e técnicos para os diferentes ramos de atividade socioeconómica do país, permitindo a inserção dos mesmos na vida profissional, bem como o acesso à Universidade.



Fotografia de Arquivo Pessoal

3.3 Procedimentos

Definido o número de relatórios do ano letivo 2017 (dez), onde devíamos selecionar os dados da pesquisa, deslocamo-nos ao país (Angola) entre julho e agosto de 2018 e encetámos conversações com a direção do Instituto. Fomos orientados no sentido da elaboração de um requerimento curto e objetivo à direção, para que nos autorizassem a recolha dos referidos relatórios nas Coordenações de Curso. Obtida a autorização pela direção do Instituto, reunimos com os coordenadores de curso (área de formação: Mecânica e Construção Civil) que se disponibilizaram em colaborar com o fornecimento dos relatórios. Assim sendo, forneceram-nos aleatoriamente dez relatórios de alunos finalistas do ano letivo 2017.

Esses relatórios são textos académicos de nível médio que refletem as relações de sentido que procuram, por parte de quem produz (o aluno) e de

quem recebe (o professor), o reconhecimento de modelos fixos de construção de significados, voltados para a representação do conhecimento produzido na escola. Por isso, o trabalho desenvolveu-se atendendo aos passos que se seguem:

- Levantamento dos relatórios para o estudo de caso;
- Constituição do *corpus* a ser analisado: levantamento dos operadores / marcadores de sequencialização do discurso;
- Análise semântico-pragmática dos operadores / marcadores do discurso tendo em conta os pressupostos teóricos que nos serviram de base para a pesquisa;
- Tratamento dos dados e apresentação das conclusões a que chegou a pesquisa.

Como mencionado acima, fizemos o levantamento e a subsequente seleção dos textos escritos (PAP) que compõem o *corpus*. De seguida elaborámos um levantamento dos excertos, onde estão enquadrados esses operadores/marcadores discursivos nos relatórios recolhidos, organizando-os em quadros (ver apêndices).

Procedemos, depois, à análise descritivo-interpretativa (qualitativa) desses mesmos articuladores. Esta análise justifica-se pela busca de conhecimento sobre as relações semântico-pragmáticas que essas estruturas linguísticas possuem, na orientação e estruturação de um texto coeso e coerente.

O foco da nossa análise centra-se no estudo das unidades linguísticas que Vilela (1999: 265) designou como “ordenadores da ‘matéria’ discursiva”. Como já referimos no enquadramento teórico, procurámos dar destaque neste

trabalho aos operadores de sequencialização e/ou marcadores do discurso. Embora não sejam o centro da comunicação verbal, atuam no processamento da comunicação. Nesta perspectiva, cada abordagem particular, dá-nos a entender como essas unidades linguísticas atuam na organização do texto/discurso, na medida em que sinalizam a interpretação de um enunciado.

Pretendemos estudar essas unidades linguísticas, reconhecendo a importância do contexto. Privilegiámos um *corpus* de textos escritos pertencentes ao género de escrita científica, por se tratar de uma amostra específica, com um grau de homogeneidade que apresenta condições favoráveis para o nosso estudo.

Neste género predomina a tipologia expositivo-argumentativa e, é importante por possibilitar ao aluno refletir em torno das temáticas apreendidas ao longo da sua formação académica.

Os quadros com a totalidade dos marcadores do discurso presentes nos dez relatórios selecionados encontram-se no Apêndice, sendo que, de seguida, iremos proceder à análise e ao enquadramento do valor semântico-pragmático das unidades que considerámos mais significativas.

3.4 Síntese

Como vimos, neste capítulo apresentámos a metodologia relacionada com os procedimentos metodológicos de tipo qualitativo, fundamentalmente, na medida em que o objetivo principal será o de descrever um determinado evento ou um grupo de pessoas ou objeto, mas também discutimos a análise quantitativa, que nos ajudará a estabelecer critérios que permitam aferir o nível de proficiência linguística dos alunos.

A abordagem qualitativa serve de informação à presença ou ocorrência de um certo dado característico. A elaboração de relatório que reúna todas as contribuições do estudo nunca é uma questão simples. Fatores como o público a que se destina, a seleção do tipo de informação, o tipo de linguagem, determinam os resultados que se apresentam. (cf. Guerra, 2006:86).

Sendo um estudo de caso, temos como *corpus* um conjunto de material escrito produzido por alunos finalistas de uma Escola do Ensino Técnico Profissional (IMPPL), que se situa em Luanda, no Distrito Urbano do Palanca e criada por Decreto Executivo nº 14/02 do Ministério da Educação.

De destacar que os excertos retirados dos relatórios que constituem o *corpus*, são do ano letivo de 2017 e são Provas de Aptidão Profissional (PAP), no âmbito da disciplina de Projeto Tecnológico (PT). Deste conjunto de material que constitui o *corpus*, faremos, no capítulo seguinte, uma análise descritivo-interpretativa do ponto de vista da semântica e da pragmática dos operadores discursivos.

O conhecimento dessas unidades linguísticas pelos alunos dá-lhes a possibilidade de usá-las corretamente nos enunciados que articulam e de compreenderem o que ouvem. Sendo um estudo de caso, importa referir que, nesse desenho metodológico, vamos analisar os contextos em que esses operadores discursivos criam embaraços na compreensão dos enunciados.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Neste capítulo será apresentada uma análise descritivo-interpretativa dos dados. Seguidamente, os dados obtidos serão interpretados de um ponto de vista estatístico, de forma a determinar a frequência dos operadores. A abordagem quantitativa é meramente ilustrativa, uma vez que o foco do nosso estudo é a abordagem qualitativa.

Finalmente, apresentaremos os dados em função de ambas as abordagens (qualitativa e quantitativa), para determinar o grau de proficiência linguística dos alunos no uso dos operadores discursivos, de acordo com os critérios do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR).

4.1 Análise dos Relatórios

4.1.1 Relatório 1

Feito o levantamento dos operadores/marcadores de sequencialização do discurso, vamos fazer a análise interpretativa dos excertos. No relatório 1 foram detetados sessenta e oito (68) operadores discursivos, dos quais cinco (5) foram mais frequentes, a saber: “porém”, “também”, “por outro lado”, “para que” e “no entanto”. A frequência pode proporcionar pistas para analisar com mais clareza a utilização destas unidades linguísticas.

(1) [...] mostraremos algumas fórmulas de que se utilizará no quarto capítulo para resolução dos cálculos. (pág. 7)

Os alunos empregam o operador “**de que**” em vez de, simplesmente “**que**”, pronome relativo cujo antecedente é “algumas fórmulas”.

Assim sendo, reescrevendo o excerto teríamos:

[...] mostraremos algumas fórmulas **que** utilizaremos no quarto capítulo para a resolução dos cálculos.

(6) Em volta, espalhavam-se os subúrbios residenciais dos cidadãos. Embora ao contrário no Egípto existissem enormes depósitos naturais de pedra. (pág.12)

Como se pode notar no excerto anterior, os alunos utilizam adequadamente o conector concessivo, mas esquecem-se de colocar a pausa (vírgula) depois do operador, visto que temos a seguir uma frase intercalada. Sabemos que o ato de escrita tem de garantir a clareza do processo comunicativo, logo, a pontuação é um dos fatores a ter em conta, com regras e funções estabelecidas, isto é, a pontuação também é fundamental para a coerência do texto.

Assim teríamos:

*Em volta, espalhavam-se os subúrbios residenciais dos cidadãos. **Embora, ao contrário do solo mesopotâmico, no Egípto existissem enormes depósitos naturais de pedra, [...]***

(12) Poucas casas possuíam instalação sanitária **além de** latrinas [...], **porém** cada cidade tinha seus lavatórios públicos [...]. A cidade era abastecida por onze aquedutos, **porém** água canalizada era privilégio de poucos... (pág.18)

Note-se que, “porém” encadeia unidades apontando para a oposição, acentuando-as. Os alunos utilizam o mesmo articulador na frase seguinte. Em nosso entender, os locutores podiam utilizar a substituição, ou seja, utilizar um

sinónimo com os mesmos traços semânticos, evitando a repetição do mesmo conector. Assim, a opção coerente, no nosso entender, seria:

*Poucas casas possuíam instalação sanitária **além de** latrinas [...], **porém** cada cidade tinha seus lavatórios públicos [...]. A cidade era abastecida por onze aquedutos, **todavia** água canalizada era privilégio de poucos [...]*

(20) A sua instalação principal é efectuada em oficinas, estações de serviço e postos de lavagem, **no entanto**, podendo, **no entanto**, ser instaladas noutras situações em que se revelem necessárias. (pág.29)

Os alunos utilizam o operador “**no entanto**” duas vezes seguidas, o que não teria razão de ser, na medida em que esse operador indica um valor contrastivo em relação ao que foi dito, ou seja, esse articulador une enunciados em que o segundo atenua ou anula as inferências que se podem obter do primeiro. A coerência do excerto fica recuperada retirando o outro operador, para que não haja uma sobreposição de orientação argumentativa:

*A sua instalação principal é efetuada em oficinas, estações de serviço e postos de lavagem, **no entanto**, podendo ser instaladas noutras situações em que se revelem necessárias.*

(21) Nestes sistemas, os acessórios de ligação destas tubagens nem sempre são do mesmo material, **sendo que** muitas vezes recorre-se a acessórios de cobre.
As tubagens deverão ser assentes num leito perfeitamente regularizado, permitindo **assim que** as tubagens disponham de um apoio... (pág.30)

A principal função de uso do operador “**sendo**” será a de dar ao enunciado anterior uma explicação daquilo que já foi dito. A reformulação do

enunciado dá ao texto um valor semântico preciso. Os locutores não enquadram bem este operador no contexto, visto que estamos diante de uma oposição de argumento orientado para uma conclusão contrária.

Reescrevendo o excerto teríamos:

*Nestes sistemas, os acessórios de ligação destas tubagens nem sempre são do mesmo material, **embora** muitas vezes **se** recorra a acessórios de cobre.*

Outra incongruência que encontramos no trecho anterior consiste no mau enquadramento do articulador “assim que” utilizado pelo aluno. Estamos perante uma sequência de advérbio (com sentido de “deste modo”) e conjunção subordinativa completiva, que integra a subordinada dependente do verbo “permitir”. Assim sendo, teríamos:

*As tubagens deverão ser assentes num leito perfeitamente regularizado, permitindo, **assim, que** as tubagens disponham de um apoio [...].*

<p>(26) Se por outro lado, o objectivo é dimensionar um sistema elevatório para a drenagem urbana, este passará a ser de 20 anos, pelo que deverá ser definido um caudal de bombagem para os primeiros 20 anos de funcionamento do sistema e um outro caudal de bombagem para os 20 anos seguintes. Sendo então o horizonte de projecto das condutas de 40 anos. (pág.48)</p>
--

Como se pode observar, temos um problema no uso da expressão “por outro lado”, que é um operador enumerativo e marcador de integração linear, com incidência na organização temporal do discurso. Se temos “por outro lado”, é porque antes temos de encontrar “por um lado” para que esta construção seja coerente.

Assim, a construção ficaria:

Se, **por um lado**, o objetivo é dimensionar um sistema elevatório para a drenagem urbana, que passará a ser de 20 anos, **por outro lado**, deverá ser definido outro caudal de bombagem para os 20 anos seguintes. **Sendo então**, o horizonte de projeto das condutas de 40 anos.

4.1.2 Relatório 2

(1) Obrigado a todos que **direita ou** indirectamente **para que** este projecto se concretiza-se. (pág.3)

Percebe-se no excerto em (1), que os locutores, talvez por esquecimento, omitem o verbo (núcleo da oração) que conferiria a coerência ao discurso. Além da não colocação do verbo, os alunos usam a palavra “direita” ao invés de “direta”. Outro problema de incoerência, é o uso da conjugação verbal “se concretiza-se” que não tem respaldo no PE, nem no PA.

Sabemos que o operador “para que” relaciona o objetivo da situação descrita referente a dois atos de discursos interligados, portanto, pede o verbo no conjuntivo. Refazendo a construção, teríamos:

*Obrigado a todos que contribuíram, **direta ou** indirectamente, **para que** este projeto se concretizasse.*

(2) Neste trabalho de projecto tecnológico iremos de abordar um tema bastante pertinente **por isso** vimos à necessidade de ... (pág.6)

Nesta construção, os locutores enquadram bem o operador “por isso”, já que o mesmo pode assumir um valor explicativo ou de conclusão, dependendo do seu posicionamento no discurso e da relação que estabelece entre os

constituintes. Os MDs consecutivos sinalizam em termos gerais, que o S2 apresenta uma consequência do S1 – i.e., são MD que apresentam o S2 como consequente de um antecedente expresso ou inferível do S1 (cf. Morais, 2011:166).

Nesta ocorrência, notamos que há o estabelecimento de uma relação de conclusão/consequência, mas notamos também a ausência da pontuação, que daria um sentido mais coerente ao enunciado. Assim, com poucas alterações, teríamos:

*Neste trabalho de projeto tecnológico iremos abordar um tema bastante pertinente, **por isso**, vimos a necessidade de [...]*

(5) Quando um sistema está em equilíbrio, **isto é**, suas propriedades não variam com o tempo, diz-se que ela esta em um determinado estado. **Isto é**, a pressão, a temperatura e o volume não variam. (pág.9)

O operador, “isto é”, introduz a ideia de reformulação, operação enunciativa que denota o controlo da comunicação por parte do enunciador – representa o esforço de adequação e da garantia da continuidade discursiva, explicação ou correção (cf. Vilela, 1999:269).

Os alunos enquadram bem este operador, mas na sequência do discurso repetem o mesmo operador, criando redundância. Este operador podia ser substituído por outro com o mesmo valor semântico. Reescrevendo o excerto, ficaria:

*Quando um sistema está em equilíbrio, **isto é**, suas propriedades não variam com o tempo, diz-se que ela está em um determinado estado, **ou seja**, a pressão, a temperatura e o volume não variam.*

(11) As pressões correspondentes às temperaturas disponíveis com os

meios de condensação normais não devem ser excessivas, **para assim** eliminar a necessidade de construção extremamente pesada.

As pressões correspondentes às temperaturas necessárias para maior parte dos processos de condicionamento de ar e refrigeração devem ser acima da pressão atmosférica **para assim** evitar penetração de ar e vapor d'água. (pág.15)

Neste trecho, observamos que os alunos usam dois operadores iguais, que, a nosso ver, manifestam um valor semântico de conclusão/inferência, na medida em que descrevem uma situação apresentada como resultado da informação expressa no enunciado anterior.

Portanto, sugeríamos que os falantes usassem os operadores “para que” e “a fim de” que denotam um significado de finalidade/objetividade. Reescrita do trecho:

*As pressões correspondentes às temperaturas disponíveis com os meios de condensação normais não devem ser excessivas, **para que** elimine a necessidade de construção extremamente pesada.*

*As pressões correspondentes às temperaturas necessárias para maior parte dos processos de condicionamento de ar e refrigeração devem ser acima da pressão atmosférica, **a fim de** evitar a penetração de ar e vapor de água.*

(12) O sistema de compressão de vapor **Ele** funciona a partir da aplicação dos conceitos de calor e trabalho, utilizando-se um fluido refrigerante, **como** dito anteriormente, é uma substância que... (pág.16)

O constituinte pronominal “Ele” que referencia “Sistema de compressão” não tem necessidade de existir. A coesão referencial é a propriedade de qualquer texto em que se assinala a utilização de formas linguísticas

apropriadas em que os indivíduos designados por uma dada expressão são introduzidos pela primeira vez no texto, já foram mencionados no discurso anterior, o que não é o caso nesta construção.

Não havendo necessidade de recorrer ao uso do correferente e para que o trecho tenha um sentido mais adequado, sugerimos que se retire o constituinte pronominal:

*O sistema de compressão de vapor funciona a partir da aplicação dos conceitos de calor e trabalho, utilizando-se um fluido refrigerante, **como** dito anteriormente, é uma substância que [...]*

(13) O compressor que por sua vez tem a função de comprimir o gás refrigerante elevando a sua pressão e temperatura e depois envia para o condensador, (pág.17)

Notamos neste excerto, que o operador “que por sua vez” usado pelos alunos, não está bem enquadrado, na medida em que não introduz nenhum segmento textual que se situe a um mesmo nível da estrutura hierárquica do texto. Qualquer sequência textual só é coesa e coerente se a sequencialização dos enunciados satisfizer as condições conceituais sobre localização temporal e ordenação relativa, que sabemos serem características das situações no mundo relativamente ao qual deve ser interpretada a referida sequência textual (cf. Mateus, 2003:109).

Assim, para conferir a coerência no discurso, devemos retirar o operador, colocar a vírgula entre a conjunção aditiva e o enumerativo temporal para assegurar a manutenção do sentido:

*O compressor tem a função de comprimir o gás refrigerante elevando a sua pressão e temperatura **e, depois**, enviá-lo para o condensador.*

(14) O evaporador recebe o fluído vindo da válvula de expansão no estado líquido em pressão e temperatura baixa, **e depois** evapora o fluido para [...]. **E por sua vez** envia para o compressor em pressão [...] **e** repetisse o ciclo **assim** sucessivamente. (pág.18)

Encontramos nesta construção, do ponto de vista semântico/pragmático, operadores com uma sequência enumerativa, por sinalizarem a integração e a ordem de diferentes partes do texto. No fim do excerto, o estudante torna o texto obscuro ao separar a combinação “e, assim”. Este operador introduz uma conexão de tipo inferencial.

Para dissipar a confusão criada pelos alunos, a construção podia ser reescrita:

*O evaporador recebe o fluído vindo da válvula de expansão no estado líquido em pressão e temperatura baixa, **e depois** evapora o fluido para [...]. **E por sua vez** envia para o compressor em pressão [...] **e, assim**, o ciclo repete-se sucessivamente.*

(16) Manutenção preditiva: é uma variação da manutenção preventiva, **onde** os componentes são trocados ou verificados **antes que** apresentem qualquer defeito, **ou seja**, é toda a intervenção programada... (pág.21)

Neste excerto, a coerência seria assegurada com a substituição do relativo “onde”, que indica lugar pelo relativo “em que”, que indica uma situação, visto que a manutenção preditiva não é um lugar físico, mas uma situação. Assim, teríamos:

*Manutenção preditiva: é uma variação da manutenção preventiva, **em que** os componentes são trocados ou verificados, **antes que** apresentem*

qualquer defeito, **ou seja**, é toda a intervenção programada [...]

(18) **Após** recuperação do aparelho, o mesmo apresentava impurezas no seu interior **razão no qual** levou-nos a fazer uma limpeza geral [...] **Após de** termos feito a manutenção, **a seguir** foi necessário fazermos o diagnóstico... (pág. 25 - 26)

Há neste trecho, o problema do desconhecimento da ordem lógico-semântico por parte dos escreventes, porque a ordem de conhecimento das situações descritas que determinam a ordem linear das sequências textuais para assegurar a coerência, não foram usadas adequadamente.

Como se pode notar no texto anterior, «as unidades textuais formadas por conexões interfrásicas obedecem a condições cognitivas gerais e devem satisfazer aquilo que sabemos serem as relações lógico-semânticas entre situações num mundo “normal”.» (cf. Mateus, 2003:116).

Assim, para que a ordem seja reposta, teríamos:

***Após** recepção do aparelho, notamos que o mesmo apresentava impurezas no seu interior, **razão pelo qual** nos levou a fazer uma limpeza geral [...]* **Depois de** termos feito a limpeza do aparelho, **a seguir** foi necessário fazermos um diagnóstico [...]

(20) **Depois** do tema do projeto nos ser dado **e depois** de comprarmos o aparelho **que de princípio** apresentava fugas na tubagem do evaporador **e depois** de serem solucionadas as avarias... (pág.35)

A repetição desnecessária do mesmo operador faz-nos pensar que os estudantes estejam limitados, no que diz respeito ao conhecimento dos articuladores enumerativos que deviam ser constituídos por um enquadramento

de abertura, só depois colocariam a sequência de listagem. Vamos reconstruir o trecho com algumas alterações:

*Para a realização do projeto, **a princípio** recebemos o tema, **em seguida** compramos o aparelho, que em princípio apresentou fugas no evaporador **e, por último**, solucionámos as avarias [...]*

4.1.3 Relatório 3

Como se sabe, as incoerências podem ser de tipo semântico, sintático, pragmático e estilístico. Dessas quatro dimensões de coerência, os operadores do discurso podem ser entendidos do ponto de vista semântico e do ponto de vista pragmático.

O papel da semântica é o de explicar o que ele *significa*, que *sentidos* tem; o papel da pragmática é o de explicar o *processo comunicativo* pelo qual um sentido pode derivar de outro (cf. Faria, 1996:422). Assim, vamos continuar a analisar a questão que nos interessa que tem a ver com os operadores de sequencialização do discurso nos relatórios dos alunos finalistas.

(1) Todo o dimensionamento e materiais utilizados seguiu o que tange as mais atualizadas normas técnicas brasileiras e manuais dos órgãos de trânsito. Enfim , neste trabalho apresentamos todas as memórias de cálculo, considerações adoptadas, detalhes de projeto, assim como , detalhadamente das armaduras e plantas. (pág.)

No excerto em (1), os alunos usam o articulador do discurso “o que tange”. Neste caso, a expressão correta seria “no que tange”, que pode ser parafraseado por “no que diz respeito”, “em relação”, “no que se refere”, etc. Este operador passa a ser regido pela preposição “a”, que introduz um

complemento indireto. Por isso, vamos reescrevê-lo com algumas alterações:

*Todo o dimensionamento e materiais utilizados **no que tange** aos padrões internacionais, seguiu as mais atualizadas normas técnicas brasileiras e manuais dos órgãos de trânsito. **Enfim**, neste trabalho apresentámos todas as memórias de cálculo, considerações adotadas, detalhes de projeto, **assim como**, das armaduras e plantas.*

(3) **Vale lembrar** que apesar destas novas técnicas as pontes em todo o mundo continuaram a serem feitas com técnicas antigas **ou até mesmo** com o desenvolvimento de técnicas paralelas, **por exemplo**, as pontes de madeira em treliça... (pág.2)

Nesta construção, o operador “Vale lembrar” é usado como forma de retomada metaenunciativa que modifica o ponto de vista no sentido de tornar o argumento mais destacado. Quanto ao operador de explicitação/particularização “por exemplo”, pensamos que devia ser combinado com o operador “como” por se tratar neste contexto de um operador que introduz dois argumentos, orientados para o mesmo sentido.

Assim, teríamos:

***Vale lembrar** que apesar destas novas técnicas, as pontes em todo o mundo continuaram a ser feitas com técnicas antigas **ou, até mesmo**, com o desenvolvimento de técnicas paralelas, **como, por exemplo**, as pontes de madeira em treliça [...]*

(4) O presente trabalho tem por objectivo a execução **tal como** o dimensionamento dos elementos estruturais de uma ponte para pedestres, que será construída na Avenida Deolinda Rodrigues, **a fim de** melhorar o tráfego de pessoas e bens naquela zona. (pág.3)

Em (4), os alunos usam “tal como” com um valor semântico de adição, visto que acrescenta informação ao enunciado. Todavia, pensamos que este operador não esteja bem enquadrado neste contexto, porque remete a outro texto que serve de fundamentação para o argumento enunciado. Portanto, os alunos podiam usar simplesmente os operadores “e” ou “bem como”, na medida em que estes podem ser decisivos na escolha da conclusão. Assim, a construção ficaria:

*O presente trabalho tem por objetivo a execução / e / ou **bem como** / o dimensionamento dos elementos estruturais de uma ponte para pedestres, que será construída na Avenida Deolinda Rodrigues, **a fim de** melhorar o tráfego de pessoas e bens naquela zona.*

(9) Em viadutos e pontes as vigas são do tipo comumente biapoiadas. São apoios são chamados livres, assim a estrutura pode oscilar nos seus apoios, evitando aparecimento de trincas... (pág.11)

Em (9), observamos apenas a dupla utilização do verbo “ser”, o que confere alguma incoerência ao texto. A segunda forma do verbo “ser” devia ser antecedita pelo pronome relativo “que”, porque a relativização é em si um processo de reiteração de um termo, com a finalidade de estender a sua compreensão. Em relação ao operador “assim” está bem usado neste contexto, por sinalizar um nexos de consequência.

Por isso, vamos reescrever o trecho introduzindo o relativo:

*Em viadutos e pontes as vigas são do tipo comumente biapoiadas. São apoios **que** são chamados livres, **assim** a estrutura pode oscilar nos seus apoios, evitando aparecimento de trincas [...]*

(10) **Durante** o nosso percurso nas visitas de trabalho que realizamos constatou-se que a fiscalização dentro e ao redor das **pontes** não se faz sentir, o que origina **assim** o grau de liberdade a quem pretende marginalizar **este** bem público... (pág.13)

No excerto anterior, encontramos o operador “assim” que dá sequência ao que foi dito antes, ou seja, sinaliza um nexos de consequência e é equivalente à expressão “por conseguinte”. Porém, os alunos esquecem-se da pausa (pontuação). Outra situação é a coesão referencial, isto é, o objeto referenciado “pontes” não concorda com o seu correferente “este”. Assim, e com algumas alterações, teríamos:

***Durante** o nosso percurso nas visitas de trabalho que realizamos, constatou-se que a fiscalização dentro e ao redor das **pontes** não se fazia sentir, o que originou **assim**, o grau elevado de marginalização **destes** bens públicos, [...]*

(11) Constatou-se que a nível da nossa capital todas as pontes são ocupadas para **essas práticas** que são prejudiciais, **e por parte** dos órgãos competentes nada se faz **como essa prática**, não põem **somente** as suas vidas em perigo **como também** as outras pessoas e congestionam o trânsito. (pág.14)

Em (11), constatamos a repetição entre a expressão retomada “essas práticas” e a outra que a retoma “essa prática”. Além disso, não há concordância entre elas. Sabemos que a clareza de um texto, passa pela continuidade referencial que se vai construindo a partir das conexões.

Por isso, um texto coerente não pode conter situações logicamente

contraditórias ou inconciliáveis. O conectivo “como” está bem enquadrado, porque não introduz, neste caso, um nexos de tipo comparativo. Portanto, com algumas alterações, a construção ficaria:

*Constatou-se que a nível da nossa capital, todas as pontes são ocupadas com **essas práticas** que são prejudiciais, **e, por parte** dos órgãos competentes nada se faz para acabarem com **as mesmas**. Práticas essas que não põem **somente** as vidas dos cidadãos em perigo **como também** causam o congestionamento ao trânsito.*

(12) Todos os metais podem sofrer o processo de oxidação. O motivo que nós constatamos é o contacto directo do metal desprotegido (sem pintura, por exemplo) com o ar, vapor de água ou água **dando assim** o início do processo de degradação... (pág.15)

No excerto anterior (12), deteta-se incoerência. Notamos aqui, uma falta de sequência do trecho anterior. Pensamos que os informantes deviam usar um reformulador explicativo, visto que o segmento seguinte contém uma explicitação do significado ou intenção comunicativa do segmento anterior. Sabemos que estes operadores e seus equivalentes preparam o ouvinte/leitor para uma formulação seguinte de equivalência conceitual. O operador discursivo com valor conclusivo está bem enquadrado, embora haja deficiências ao nível da pontuação.

*Todos os metais podem sofrer o processo de oxidação, isto é, o contacto directo do metal desprotegido (sem pintura, por exemplo) com o ar, vapor de água ou água, **dando assim**, o início do processo de degradação [...]*

(15) A ponte amarela encontra-se apresenta problemas sérios **no que tange** ao saneamento, **bem como também** a degradação dos seus elementos estruturais. (pág.19)

Em (15), é evidente a confusão que os alunos fazem, ao usarem o conjunto verbal “encontra-se apresenta”, perífrase verbal que não encontra respaldo na língua portuguesa. O triplo preenchimento do operador “bem como também” é excessivo, embora adicione informação a favor de uma determinada conclusão.

Vamos repor a coerência da construção, retirando um dos elementos:

*A ponte amarela encontra-se com problemas sérios **no que tange** ao saneamento, **bem como** na degradação dos seus elementos estruturais.*

(16) Com o surgimento de mais estradas e a conseqüente fluidez no trânsito surge a necessidade de acomodar as pessoas **no que se refere** a circulação com segurança e as passarelas surgem com essa finalidade, elas possuem grande importância diminuindo **assim** a morte nas estradas, **de tal modo que** a sua utilização apenas não basta **mas também** a sua conservação. (pág.20)

Como se pode notar na construção em (16), a progressão faz-se por meio de sucessivos encadeamentos, assinalados por um conjunto de unidades linguísticas através das quais se estabelecem os segmentos que o compõem.

Outra situação, não menos importante, consiste na falta de pontuação, que é também uma propriedade importante no assegurar da coesão e da coerência do texto. A pontuação é o termómetro da escrita, na medida em que regula o equilíbrio das frases, dos parágrafos, enfim de todo o texto (Cassany,1993:175-176).

Assim, vamos repor a coesão e a coerência do excerto, colocando os sinais de pontuação em falta:

*Com o surgimento de mais estradas e a conseqüente fluidez no trânsito surge a necessidade de acomodar as pessoas **no que se refere** à circulação com segurança; e as passarelas surgem com essa finalidade, elas possuem grande importância, diminuindo **assim**, as mortes nas estradas, **de tal modo que** a sua utilização apenas não basta, **mas também** a sua conservação.*

4.1.4 Relatório 4

(1) Um dos equipamentos que é usado para implementar essa transferência de calor é o evaporador, embora como se sabe, existem outros equipamentos, como por exemplo , aquecedores, serpentinas... (pág.11)
--

No excerto acima (1) teremos dois operadores, “embora” e “como se” um operador combinado “embora como”. Em PR a conjunção “embora” vai condicionar o uso de conjuntivo. A estrutura alvo seria “embora, como se sabe, existam...”. No entanto, o uso do indicativo não deverá ser considerado erro, mas mais uma área de variação entre PE e PA, ou entre PA formal e PA padrão.

Assim, para resolver o problema da incoerência neste trecho, vamos desfazer a combinação, colocando uma vírgula para intercalar a expressão seguinte:

*Um dos equipamentos que é usado para implementar essa transferência de calor é o evaporador, **embora**, como se sabe, existam outros equipamentos, **como, por exemplo**, aquecedores, serpentinas, [...]*

(2) [...] a energia é transmitida de um corpo para o outro sem qualquer tipo de intervenção. No entanto nem todos os corpos permitem esta propagação de calor e como tal, estes são distinguidos por corpos diatérmicos e atérmicos, ou seja, os corpos diatérmicos... (pág.12)

Como nos referimos em análises anteriores, a pontuação também é uma propriedade importante para uma melhor interpretação de um texto, ou seja, é um dos aspetos formais que marca o texto escrito, em ligação com o tratamento dado à informação veiculada, bem como à clarificação de ambiguidades. É o problema que observámos em (2):

*[...] a energia é transmitida de um corpo para o outro sem qualquer tipo de intervenção. **No entanto**, nem todos os corpos permitem esta propagação de calor e, **como tal**, estes são distinguidos por corpos diatérmicos e atérmicos, **ou seja**, os corpos diatérmicos [...]*

(3) [...] e quanto mais for a diferença entre a temperatura do evaporador e do espaço a refrigerar, **mas** elevada será a taxa de circulação do ar. Isto pode tornar-se desvantajoso, **pois** faz com que a humidade diminua... (pág.13)

Em (3), observámos uma situação de confusão que desvirtua o sentido e a interpretação do texto. Na nossa realidade, em geral, é comum os alunos do secundário confundirem a conjunção “mas” e o advérbio quantitativo “mais”.

Na conceção de Cintra & Cunha, «a conjunção *mas* apresenta, além da ideia de contraste, outros valores, como a) restrição, b) retificação, c) atenuação ou compensação e d) adição» (cf. Cintra & Cunha, 2015:724). Já o advérbio funciona como especificador de outras classes, como adjetivos, (outros) advérbios e de verbos (cf. Raposo, 2013:1657).

Portanto, este articulador está mal-enquadrado neste contexto. Assim,

para manter a coerência do texto, vamos proceder à sua substituição.

*[...] e quanto mais for a diferença entre a temperatura do evaporador e do espaço a refrigerar, **mais** elevada será a taxa de circulação do ar. Isto pode tornar-se desvantajoso, **pois** faz com que a humidade diminua [...]*

(5) O ponto onde se verificam igualdade entre os coeficientes de condutividade entre o líquido e o vapor saturado, é denominado por ponto crítico, **pois** este é ponto de transição entre o líquido e vapor saturado **e para no qual** os estados de líquido e vapor saturado são idênticos, **conforme** se pode ver na figura 3. (pág.15)

Em (5), observamos um operador discursivo invulgar “e para no qual”. Esta locução pronominal relativa, se assim a podemos denominar, não tem respaldo na gramática da língua portuguesa e causa uma certa cacofonia. Talvez com a retirada de dois elementos dessa combinação, restabeleceríamos o equilíbrio no discurso:

*O ponto onde se verificam igualdade entre os coeficientes de condutividade entre o líquido e o vapor saturado, é denominado por ponto crítico, **pois** este é ponto de transição entre o líquido e vapor saturado, **no qual** os estados de líquido e vapor saturado são idênticos, **conforme** se pode ver na figura 3.*

(10) A vantagem dos fluidos no estado de vapor, é que estes conseguem atingir maiores velocidades de escoamento, **pelo que**, em circuitos de menor dimensão, os seus ciclos de refrigeração tenham mais vantagens e menos custos associados às quantidades de fluido frigorígeno. (pág.20)

Em (10), a locução conjuncional “pelo que” usada pelo estudante está bem enquadrada, porque é equivalente aos operadores “logo”, “assim”, “portanto”, “por conseguinte”, etc.

Para nós, seria melhor colocar um destes equivalentes, já que a locução usada pode criar, para quem lê, uma certa ambiguidade. Trata-se de uma conexão inferencial, uma vez que exprime um argumento lógico, isto é, o conteúdo discursivo seguinte é inferível a partir do anterior.

Neste caso, substituindo a locução conjuncional por um dos equivalentes, teríamos:

*A vantagem dos fluidos no estado de vapor, é que estes conseguem atingir maiores velocidades de escoamento, **assim**, em circuitos de menor dimensão, os seus ciclos de refrigeração tenham mais vantagens e menos custos associados às quantidades de fluido refrigerante.*

(15) O processo de evaporação do fluido refrigerante acontece no evaporador, sendo que , num ciclo ideal este [...]. Depois deste processo, o fluido refrigerante no estado de vapor seco regressa ao compressor, por forma a dar continuidade ao ciclo de refrigeração. (pág.25)
--

No exemplo em (15), queremos apenas tocar no operador de sequência “sendo que” que pode ser equivalente aos operadores “uma vez que”, ou “visto que”. Estes têm como função principal, dar ao discurso anterior uma explicação do que vem sendo dito, ou seja, é uma reformulação do discurso que dá ao texto uma orientação argumentativa explícita, sem deixar dúvida na conclusão que se quer alcançar.

É importante realçar que, é geralmente desnecessário e um elemento que pode até complicar a construção, e, por isso, é tradicionalmente não recomendado o uso deste operador na articulação de orações ou parte de orações. A reescrita do exemplo com um dos equivalentes ficaria:

O processo de evaporação do fluido refrigerante acontece no evaporador,

*uma vez que, num ciclo ideal este [...]. Depois deste processo, o fluido frigorígeno no estado de vapor seco regressa ao compressor, **por forma a dar continuidade ao ciclo de refrigeração.***

(18) [...] nenhuma máquina térmica pode converter em trabalho todo o calor que recebe, **pois** é impossível a qualquer máquina que funcione por ciclos receber calor de uma única fonte e produzir uma quantidade de trabalho equivalente, **isto é o mesmo que dizer**, nenhuma máquina térmica consegue ter um rendimento de eficácia total, **ou seja**, de 100%. (pág.29)

Do ponto de vista semântico-pragmático, a conexão sinalizada pelo operador “isto é o mesmo que dizer”, no exemplo anterior, é uma maneira diferente de reformular a informação dada anteriormente. A dupla utilização desta expressão resulta em redundância. Relembremos, então, o princípio da não redundância ou não tautologia, em que a repetição das mesmas ideias pode tornar o texto excessivo.

Vamos reescrever a construção, retirando a expressão acima sublinhada:

*[...] nenhuma máquina térmica pode converter em trabalho todo o calor que recebe, **pois** é impossível a qualquer máquina que funcione por ciclos receber calor de uma única fonte e produzir uma quantidade de trabalho equivalente, **isto é**, nenhuma máquina térmica consegue ter um rendimento de eficácia total, **ou seja**, de 100%.*

4.1.5 Relatório 5

(1) Nessa função se inclui o uso **desde em** situações de emergência de evacuação ou catástrofe. **Também** tem um carácter representativo **e assim** se constrói em edifícios administrativos, residenciais e culturais. (pág.5)

Sabemos que a preposição “desde” assinala o limite de uma extensão, quer no domínio espacial, quer no domínio temporal, mas marca também o limite inicial (cf. Raposo, 2013:1555).

No trecho em (1), destacamos uma combinação de duas preposições, que não terá suporte na língua portuguesa, embora Bechara afirme que há combinação quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução (cf. Bechara, 2003:302). No entanto, não é o caso neste exemplo. Outro destaque é a pontuação (situação já recorrente em trechos de relatórios anteriores).

Como o operador “desde”, neste contexto, não marca o limite inicial, sugerimos a sua retirada:

*Nessa função inclui-se o uso **em** situações de emergência de evacuação ou catástrofe. **Também** tem um carácter representativo, **e assim** se constrói em edifícios administrativos, residenciais e culturais.*

(3) As barras laterais suportam uma carga e servem de apoio aos elementos de degraus, **isto é**, o cobertor e o espelho, [...]. A marcação de escadas na obra deve seguir o projecto, **no entanto** na maioria das vezes, na execução da obra muda-se as cotas **e com isso** cabe ao profissional adaptar a escada as novas medidas.

Com o auxílio de uma galga com dimensão do piso e um nível de bolha, marca-se a escada. **Depois de** marcá-la, faremos a forma da mesma maneira das lajes, pontaletada e contra ventada, **sendo portanto** os lances formados por painéis inclinados de tábuas... (pág.7)

Constatamos em (3), um problema de concordância verbal e um de pontuação. Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração (cf. Bechara, 2003:543).

A unidade linguística “com isso” coocorre com a conjunção “e” introduzindo uma consequência do enunciado anterior. Aqui podemos substituir o marcador conversacional “com isso”, por ser um estruturador do discurso oral inserido no texto escrito, pelo equivalente “por conseguinte” por ser um estruturador de informação com valor conclusivo e explicativo.

No segundo parágrafo do mesmo excerto, os alunos usam o operador combinado com o verbo no gerúndio, o que provoca uma relação lógico-semântica confusa. Este operador, neste exemplo, tem valor de consequência, só que devia estar encadeado sem elementos explícitos de ligação (pontuação), visto que serve para sintetizar e explicitar aquilo que acabou de ser dito, surgindo no final do segmento do discurso. Então, teremos:

As barras laterais suportam uma carga e servem de apoio aos elementos de degraus, isto é, o cobertor e o espelho, [...]. A marcação de escadas na obra deve seguir o projeto, no entanto na maioria das vezes, na execução da obra muda-se as cotas e, por conseguinte, cabe ao profissional adaptar as escadas às novas medidas.

*Com o auxílio de uma galga com dimensão do piso e um nível de bolha, marca-se a escada. **Depois de** marcá-la, faremos a forma da mesma maneira das lajes, pontaletada e contra ventada, **sendo, portanto,** os lances formados por painéis inclinados de tábuas [...]*

(4) No molde horizontal isto pode ser realizado **de modo** sensato em cima de um palete ou uma mesa de fabricação. **Desta maneira** é possível economizar o dispositivo... (pág.8)

Na construção anterior (4), o constituinte demonstrativo apresenta-se como uma expressão que pretende mostrar algo que se tem em frente de quem fala / escreve, referenciando o que já foi exposto. Como se pode observar, a inclusão deste constituinte torna a mensagem pouco clara.

Em relação ao operador “Desta maneira”, com valor inferencial, falta-lhe apenas a pausa fraca, para que a construção seja clara, precisa e coerente:

*No molde horizontal pode ser realizado **de modo** sensato em cima de um palete, ou uma mesa de fabricação. **Desta maneira,** é possível economizar o dispositivo [...]*

Nas construções seguintes (5), (10) e (16), notamos situações de pontuação. Como já nos referimos em análises anteriores, os sinais de pontuação são **sinais comunicativos**, visto que ajudam a ordem das palavras e o léxico a construir a enunciação, através da inserção ou não daqueles (cf. Ferreira, 2005:52)

Para Bechara (1999:606):

Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no

texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos desastrosos à comunicação [...]

Assim sendo, vamos nestes excertos, observar a pontuação:

(5) Os cobertores devem ter cerca de 20 cm largura total. **Todavia** em virtude de pequenas diferenças de altura entre os dois pisos, muitas vezes as dimensões dos espelhos e coberturas devem ser calculadas. As escadas servem para unir os diferentes níveis de uma construção. **Para isso** deveremos seguir algumas normas... (pág.9)

*Os cobertores devem ter cerca de 20 cm largura total. **Todavia**, em virtude de pequenas diferenças de altura entre os dois pisos, muitas vezes as dimensões dos espelhos e coberturas devem ser calculadas. As escadas servem para unir os diferentes níveis de uma construção. **Para isso**, deveremos seguir algumas normas: [...]*

(10) São sistemas que funcionam baseados em filosofias completamente diversas **ainda que** coincidentes no efeito **enquanto** na rampa os pontos... (pág.14)

*São sistemas que funcionam baseados em filosofias completamente diversas, **ainda que** coincidentes no efeito, **enquanto** na rampa, os pontos [...]*

(16) O espaço livre pode ser **efectivamente** utilizado, e a casa própria vai se tornar mais espaçosa. **Isto é** especialmente verdadeiro para a habitação... (pág.21)

*O espaço livre pode ser **efetivamente** utilizado, e a casa própria vai se tornar mais espaçosa. **Isto é**, especialmente verdadeiro para a habitação, [...]*

(18) São as escadas que possuem uma curva, **mais** há um eixo central **em torno da qual** a escada circula dando voltas. São extensas as variações de escadas curvas, **pois** existem muitas possibilidades deferentes de arcos. (pág.26)

Como no relatório anterior, voltamos a encontrar outra situação em que os alunos confundem “mais” e, “mas” [cf. R.4 (3)]. Observamos, além dessa confusão, outro caso de concordância. Sabe-se que, em língua portuguesa, o sujeito é o principal operador de concordância; mas, para além dele, outros elementos frásicos podem contribuir para esse processo sintático.

Neste caso, o nexó anafórico entre a expressão nominal “um eixo” (antecedente) e o constituinte relativo “em torno da qual” não concordam em género. Assim teremos:

*São as escadas que possuem uma curva, **mas** há um eixo central **em torno do qual** a escada circula dando voltas. São extensas as variações de escadas curvas, **pois** existem muitas possibilidades diferentes de arcos.*

(19) Todos os degraus de uma escada deve ter a mesma altura e a mesma largura. **Isto significa que** não é aceitável uma escada que tenha degraus com alturas diferentes ao longo do lance nem larguras diferentes ao longo do lance. (pág.28)

Em (19), notámos um problema de concordância e outro de repetição total da mesma expressão lexical, provocando redundância no texto.

*Todos os degraus de uma escada devem ter a mesma altura e a mesma largura. **Isto significa que** não é aceitável uma escada que tenha degraus com alturas e larguras diferentes ao longo do lance.*

(22) Ela pode ser feita de vários materiais, **sendo que** as de concreto armado são as mais usadas em nosso tempo. (pág.40)

Nesta construção (22), para não sermos repetitivos, vamos fazer a mesma fundamentação do trecho (15), do R. 4. Salientar que, sem essa indicação de causa, a expressão não passa de mais um caso de abuso do gerúndio (cf. Almeida,1981:295). Notámos aqui uma articulação simplesmente aditiva (=e):

Ela pode ser feita de vários materiais, e as de concreto armado são as mais usadas em nosso tempo.

4.1.6 Relatório 6

Vamos continuar a analisar os trechos dos relatórios seguintes, reiterando o papel importante dos operadores de sequencialização do discurso, visto serem elementos que asseguram, na interação discursiva, a fluência das trocas verbais, na medida que exigem uma descrição de ordem semântico-pragmática.

(1) **Durante** a realização deste trabalho tive o contributo de diversas pessoas. **Sem as quais** não seria possível aqui chegar, **devido a isso** gostaria de expressar os meus sinceros agradecimento. (pág.III)

No trecho (1), o estudante coloca um ponto final no primeiro enunciado, que denota uma pausa maior, e serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, exclamativa e

reticências (cf. Bechara,1999:606).

O mesmo (aluno) dá sequência ao enunciado, usando um constituinte relativo “sem as quais”. Onde o locutor devia usar o ponto simples, usa uma vírgula que denota uma pausa menor. Continua o discurso utilizando um operador de sequência com valor consecutivo, não marcando a pausa.

***Durante** a realização deste trabalho tive o contributo de diversas pessoas, **sem as quais** não seria possível aqui chegar. **Devido a isso**, gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos.*

(3) Esse tipo de climatização que fornece ao meio ambiente humidade e oxigenação, actualmente é utilizado dentro de estufas agrícolas, granjas, e actualmente faz parte dos sistemas de [...]. Por usar o simples princípios copiados da natureza de evaporação da água, em função do seu calor latente, estes sistemas consomem pouquíssima energia, a assim é considerada sistemas que tendem... (pág.11)

Em (3) usa consecutivamente a expressão “actualmente”, causando assim redundância. No nosso entender, e para melhorar a precisão do discurso, sugeríamos a retirada de uma das expressões. No final do excerto, talvez por descuido, usa uma combinação (a assim) que não tem suporte no português. Pensamos que o aluno quisesse usar o conector “e” nesta combinação.

Segundo Morais (2011:153):

O conector e parece combinável com a maior parte dos tipos de MD, podendo ocorrer de um modo geral em relações discursivas que envolvam a introdução de segmentos de informação a adicionar a segmentos anteriores (...).

Assim, teríamos:

*Esse tipo de climatização que fornece ao meio ambiente humidade e oxigenação, **atualmente** é utilizado dentro de estufas agrícolas, granjas, e faz parte dos sistemas de [...]. Por usar os simples princípios copiados da natureza de evaporação da água, em função do seu calor latente, estes sistemas consomem pouquíssima energia, e, **assim** são considerados sistemas que tendem [...]*

(5) **Porém** na elaboração do projecto optou-se por três tipos de manutenção, correctiva, preventiva e preditiva. Manutenção correctiva: é a actividade realizada para corrigir uma falha que ocorreu ou que já foi prevista durante o teste de segurança do aparelho. [...]. Razão que leva a realizar a manutenção correctiva: Baixa utilização anual dos equipamentos e máquinas. Quando há avaria no Aparelho **ou seja**, quando o aparelho queima. (pág.13)

O aluno, na construção acima, usa o operador, “porém” no início do enunciado, o que por si só não constitui problema, já que pode aparecer no início, no meio ou no fim. De acordo com a nossa abordagem qualitativa, este operador enlaça unidades apontando uma oposição entre elas. Isto não acontece no excerto em causa, porque o operador marca um contraste entre dois constituintes (cf. Mateus et al.,2003:569). Vamos alinhar o trecho com alterações ao nível das pausas demarcadoras:

***Para** a elaboração do projeto optou-se por três tipos de manutenção: correctiva, preventiva e preditiva. Manutenção correctiva - é a actividade realizada para corrigir uma falha que ocorreu, ou que já foi prevista durante o teste de segurança do aparelho. [...]. Razão que leva a realizar a manutenção correctiva: baixa utilização anual dos equipamentos e máquinas, quando há avaria no aparelho, **ou seja**, quando o aparelho queima.*

Nos excertos em (6) e (7), observamos apenas situações de pontuação, que são importantes na coerência do texto. Neste caso, vamos apenas reconstruí-los:

(6) **É claro** que se torna impossível eliminar completamente esse tipo de manutenção, **pois** não se pode prever em muitos casos, o momento exacto em que se verificará [...]

O principal objectivo da manutenção preventiva é evitar falhas e avarias dos equipamentos **antes que** elas aconteçam, **ou seja**, prevenir fica mais económico. (pág.14)

***É claro** que se torna impossível eliminar completamente esse tipo de manutenção, **pois** não se pode prever em muitos casos, o momento exato em que se verificará [...]*

*O principal objetivo da manutenção preventiva é evitar falhas e avarias dos equipamentos, **antes que** elas aconteçam, **ou seja**, prevenir, fica mais económico.*

(7) O ar condicionado Split Piso teto é ideal para ser instalado em espaços grandes, **pois** tem carga térmica elevada [...]

O ar condicionado Windows split possui função turbo **e também** filtro biactiva que o faz se destacar **também** entre os outros. (pág.18)

*O ar condicionado Split Piso teto é ideal para ser instalado em espaços grandes, **pois** tem carga térmica elevada [...]*

*O ar condicionado Windows split possui função turbo **e também** filtro bioativa, que o faz se destacar dentre os outros.*

(8) O processo ou ciclo começa no compressor, porque é neste aparelho **aonde** se encontra o fluido [...]. **E depois** que o mesmo é enviado para o condensador em alta pressão [...]. Este dispositivo têm como objectivo interromper e diminuir o fluxo do líquido, **em poucas palavras** este aparelho regula o fluxo do fluido [...] (pág.19)

Observamos em (8), duas incongruências, tanto do ponto de vista semântico-pragmático, como do ponto de vista sintático. A primeira, tem a ver com o uso de “aonde”, e a segunda, com a concordância verbal, porque o sujeito não concorda com a forma verbal.

É a coerência que determina uma sequência de enunciados como um discurso congruente e autónomo; é ela a força congregadora dos enunciados para haver uma unidade de sentido (Vilela, 1999:447).

O aluno, neste contexto, devia usar “onde” com valor locativo estático, ao invés de “aonde”, que também tem o mesmo valor, só que dinâmico.

*O processo ou ciclo começa no compressor, porque é neste aparelho **onde** se encontra o fluido [...]. **E depois** que o mesmo é enviado para o condensador em alta pressão [...]. Este dispositivo tem como objetivo, interromper e diminuir o fluxo do líquido, **em poucas palavras**, este aparelho regula o fluxo do fluido [...]*

(9) [...]. **Depois** o líquido é regulado ou reduzido **assim** em baixa temperatura através de tubo de admissão o líquido é enviado para o evaporador **a onde** atinge a temperatura de saturação e vai evaporando **assim de forma** contínua o ciclo prossegue o seu processo. (pág.20)

Notamos, em (9), o operador “assim” que introduz um nexo conectivo que envolve uma relação de consequência, ainda que não seja esse o sentido do texto. Notamos, ainda, a falta de elementos prosódicos (entoação e pausas)

e o mesmo problema do advérbio “a onde”, que não existe em português. Vamos retirar o operador para manter a coerência do discurso:

***Depois** o líquido é regulado ou reduzido em baixa temperatura através de tubo de admissão o líquido é enviado para o evaporador onde atinge a temperatura de saturação e vai evaporando, assim, de forma contínua o ciclo prossegue o seu processo.*

(10) Abriu-se o evaporador e retira-se **de princípios** filtros para uma lavagem. **Por conseguinte** desmontamos, passo a passo todos os componentes... (pág.25)

Em (10), o aluno usa inadequadamente a expressão “de princípios”, talvez por desconhecimento, para referir-se ao significado de “início”, “primeiramente”. Neste caso, devia usar a expressão “a princípio”.

*Abriu-se o evaporador **e, a princípio**, foram retirados os filtros para uma lavagem. **Por conseguinte**, desmontamos, passo a passo, todos os componentes [...]*

(11) Analisamos o funcionamento do motor do cilindro e percebemos que o barulho vinha do campo magnético **que ou** corre quando há uma diferença de potencial. **Deste modo** substituiu-se o motor... (pág.26)

Na construção em (11), o destaque vai para a utilização da expressão correlativa “que ou”, que não tem suporte na língua portuguesa. Segundo Morais (2011:154): «O conector *ou* ocorre sobretudo em conexões em que S2 se apresenta como alternativa ao S1».

Analisando nesta perspetiva, o excerto é incoerente; noutra perspetiva, talvez o aluno quisesse escrever a palavra “ocorre”.

*Analisamos o funcionamento do motor do cilindro e percebemos que o barulho vinha do campo magnético **que** ocorre, quando há uma diferença de potencial. **Deste modo**, substituiu-se o motor [...]*

(12) O fluido refrigerante é um gás presente nos aparelhos frigoríficos ou de climatização, com objectivo de conservar os alimentos ou climatizar um espaço. **Em pouca palavra** podemos dizer que o fluido refrigerante é uma substância... (pág.27)

Pode-se destacar, nesta construção em (12), o uso do operador “Em pouca palavra”, que não tem suporte na língua portuguesa, por ser usado no singular. O lógico seria o locutor utilizar a mesma expressão, mas no plural (“em poucas palavras”). Este marcador é um reformulador de síntese ou recapitulativo, que permite ao locutor indicar sintética e explicitamente a mudança de perspectiva enunciativa operada.

*O fluido refrigerante é um gás presente nos aparelhos frigoríficos ou de climatização, com objetivo de conservar os alimentos ou climatizar um espaço. **Em poucas palavras**, podemos dizer que, o fluido refrigerante é uma substância [...]*

(14) A manutenção dos aparelhos de ar condicionado deve ser feita periodicamente, **mesmo que** para os aparelhos que funcionam de vez em quando. O quadro **que se segue** apresenta a título indicativo... (pág.29)

No excerto anterior (14), observamos uma repetição desnecessária do constituinte nominal “os aparelhos” introduzido pelo operador “mesmo que” que funciona como negação de efeito, de conclusão ou de expressão de uma concessão. Em função do contexto, o locutor podia usar uma relação de

referência para evitar essa repetição. Porque «é uma relação semântico-pragmática e, portanto, uma espécie de coerência» (cf. Vilela, 1999:426).

A manutenção dos aparelhos de ar condicionado deve ser feita periodicamente, mesmo que, para os que funcionam de vez em quando. O quadro que se segue apresenta a título indicativo, [...]

4.1.7 Relatório 7

(4) **Desde** a era remota (antiguidade), quando a população começou a se agrupar em comunidade (nas aldeias, vilas e cidades) e apareceram as primeiras preocupações para a travessia de rios riasco e valas, **então** surgiu as pontes e **mas tarde** os viadutos. (pág.5)

Vamos continuar a analisar os excertos dos relatórios, no que diz respeito aos operadores, não descurando aspetos sintáticos (concordância e pontuação).

Em (4), além de questões sintáticas, o operador de sequencialização “então” funciona com valor temporal e argumentativo, isto é, funciona como um operador discursivo que carrega informações para a interpretação do enunciado que introduz. Assim, para uma interpretação mais aceitável, é possível uma paráfrase em que a sequência de tempo faz ligação à casualidade.

Percebe-se ainda na construção, acima, que os alunos confundem “mas” e “mais”, a que já fizemos referência em análise anterior (cf. R.4 (3)).

***Desde** a era remota (antiguidade), quando a população começou a se agrupar em comunidade (nas aldeias, vilas e cidades), apareceram as primeiras preocupações para a travessia de rios, riachos e valas, **então**,*

surgiram as pontes e, mais tarde os viadutos.

(5) Os fios eram **a seguir** colocados em estendais para secagem. **Só depois** se procedia à sua aplicação para formar os cabos em cavaletes próprios. O fio era disposto continuamente dando a volta em cada extremidade oposta. **Assim** as extremidades de cada cabo forma um... (pág.6)

Observamos em (5), problemas de pontuação. Como destacámos em relatórios anteriores, é um elemento chave para a coesão e coerência de um texto / discurso. Por isso, vamos apenas rever a pontuação neste trecho.

*Os fios eram **a seguir** colocados em estendais para secagem. **Só depois** se procedia à sua aplicação, para formar os cabos em cavaletes próprios. O fio era disposto continuamente, dando a volta em cada extremidade oposta. **Assim**, as extremidades de cada cabo formam um [...]*

(7) A **ainda** variedades de classificações para pontes, **porém** o mais importante é a correcta escolha de suas características baseadas no local de sua implementação. (pág.9)

Em (7), o advérbio “ainda” com valor aditivo pode servir como introdutor de mais um argumento em favor de uma conclusão e, também, como marcador de tempo. O destaque aqui vai para a colocação de um determinante “A” antes do operador, colocando em “risco” a interpretação do enunciado (incoerência).

Como fizemos menção no enquadramento teórico (cf. 2.7), os marcadores discursivos são constituídos por itens linguísticos da classe dos conectores, locuções e expressões temporais, bem como expressões argumentativas, distribuindo-se pelo texto e operando como elos entre os

factos. Posto isto, os alunos ao invés de usarem o determinante “A”, deveriam ter empregado a forma do verbo “haver” na 3ª pessoa do singular.

*Há **ainda** variedades de classificações para pontes, **porém** o mais importante é a correta escolha de suas características baseadas no local de sua implementação.*

(8) Os eixos de todos os elementos são rectos e concorrentes nos nós ou juntas. A treliça propriamente dita **e** carrega **somente** nos nós. Este tipo de pontes é construído juntando elementos rectos. **Tanto** são feitas em metal **como** em madeira. A madeira mais usada para a compressão **enquanto** o metal é usada para suportar a tensão. (pág.11)

Na construção em (8), os finalistas confundem a forma do verbo *ser* “é” com a conjunção “e”, num primeiro momento. Esta troca de elementos linguísticos confere ao excerto incoerência. Num segundo momento, para além de outras incongruências, usam “tanto” como um advérbio de quantidade com valor conclusivo. Bechara classifica-o como um advérbio com valor semântico de quantidade (cf. Bechara, 1999:290).

Sendo uma inferência do que foi exposto no enunciado anterior, o advérbio “tanto” está desprovido de qualquer conteúdo funcional. Em nossa ótica, os alunos deviam usar o operador conclusivo “portanto”:

*Os eixos de todos os elementos são retos e concorrentes nos nós ou juntas. A treliça propriamente dita **é** carregada, **somente**, nos nós. Este tipo de pontes é construído juntando elementos retos. **Portanto**, são feitas em metal, **como** em madeira. A madeira é mais usada para a compressão, **enquanto** o metal é usado para suportar a tensão.*

(12) Em algumas obras submersas pode-se usar **também** o concreto pré-moldado. A vantagem é a redução do trabalho em baixo da água, **já que** o tempo de mergulho é limitado e a mão – de – obra e equipamentos necessários são caros. (pág.21)

No excerto em (12), notamos uma situação de concordância verbal. Embora o foco principal do nosso trabalho sejam os operadores, julgamos pertinente assinalar este fenómeno. Em relação aos operadores, os alunos enquadram-nos bem no contexto do discurso, na medida em o operador “também” articula duas escalas orientadas para o mesmo sentido, ou seja, soma argumentos a favor de uma mesma conclusão. Em relação ao operador “já que” introduz uma explicitação relativa ao que foi exposto no enunciado anterior. Deste modo, vamos rever a questão da concordância verbal:

*Em algumas obras submersas podem-se usar **também** o concreto pré-moldado. A vantagem é a redução do trabalho embaixo da água, **já que** o tempo de mergulho é limitado e a mão – de – obra e equipamentos necessários são caros.*

(15) Entre as variedades das pontes o grupo escolheu um tipo de ponte para ser alterada e função ao nosso gosto (aplicando alguns artifícios **ou seja** conceitos arquitetónicos) [...] (pág.28)

Nesta construção discursiva (15), temos um reformulador que, a nosso ver, devia estar entre vírgulas, visto que introduz uma explicitação, isto é, dá ao texto uma orientação argumentativa concisa. Vamos repor a coerência:

*Entre as variedades das pontes o grupo escolheu um tipo de ponte para ser alterada e função ao nosso gosto (aplicando alguns artifícios, **ou seja**, conceitos arquitetónicos) [...]*

(16) A mesma será projectada segundo as realidades e por querer mesmo aproveitar o que ela oferece **então** trabalharemos **de forma** a aproveitar a beleza da natureza marinha. **Sendo assim** no centro da ponte criou-se três anéis, dois com as mesmas dimensões e uma diferente das outras [...] (pág.29)

Como nos referimos nos pressupostos teóricos (cf. 1.1), a fala precede sempre a escrita, e a grafia de uma língua é, à partida, um decalque mais ou menos elaborado da estrutura da fala. Queremos com isto destacar que no discurso escrito, muitos alunos têm dificuldades em seleccionar e enquadrar corretamente estas estruturas coesivas, levando, muitas vezes, a incoerências na interpretação do discurso. Posto isto, encontramos em (16), a mesma situação na análise do excerto em (4) do relatório em questão.

A recorrência do mesmo operador “então”, poderá significar que os alunos conheçam poucas estruturas. Vamos reescrever o discurso, usando um operador semântico-pragmático equivalente:

*A mesma será projetada segundo as realidades, e por querer mesmo aproveitar o que ela oferece, **por isso**, trabalharemos **de forma** a aproveitar a beleza da natureza marinha. **Sendo assim**, no centro da ponte criou-se três anéis, dois com as mesmas dimensões e uma diferente [...]*

(19) A execução deste projecto tecnológico, consideramos que foi bastante benéfico para nós porque tivemos à oportunidade de **por** em prática muitos conhecimentos **que** adquiridos aqui no Instituto Médio Politécnico Pascoal Luvualu, **e não só como também** tivemos a oportunidade de obter... (pág.33)

Destaca-se, em (19), mesmo sem haver rutura na continuidade da sequência, incoerências, principalmente, a nível sintático, que provocam contradições. Por exemplo: “(...) foi bastante benéfico” (o quê?). Quanto aos

operadores correlativos com funções aditivas, articulam dois ou mais enunciados organizados para um mesmo sentido. Esse sentido, claramente, deve ser do todo, pois a coerência é global:

A execução deste projeto tecnológico, consideramos que foi bastante benéfica para nós, porque tivemos a oportunidade de pôr em prática muitos conhecimentos adquiridos, aqui no Instituto Médio Politécnico Pascoal Luvualu, e não só, como também tivemos a oportunidade de obter [...]

4.1.8 Relatório 8

(1) É sabido que a geleira e um eletrodoméstico utilizado para a conservação de alimentos e outras substâncias. **Assim** tomamos por importante tratar de um projeto que garante o bom funcionamento de uma geleira [...] (pág.1)

Em (1) observamos uma incongruência similar à do exemplo (8) do R.7. Isto é, os locutores não conseguem distinguir a conjunção aditiva “e” da forma verbal *ser* no presente do indicativo. Assim, não temos uma conexão interfrásica que assegure o processo de sequencialização.

Outras ocorrências estão relacionadas com fenômenos sintáticos que exprimem o nexos relacional entre os constituintes do enunciado. Neste caso, o problema resolve-se com a correção da forma verbal:

É sabido que a geleira é um eletrodoméstico utilizado para a conservação de alimentos e outras substâncias. Assim, tomamos por importante, tratar de um projeto que garanta o bom funcionamento de uma geleira [...]

(3) [...] o seu tratamento quanto a higiene **é** segurança costuma a ser cuidado com atenção. **Contudo** na maior parte dos casos, é possível identificar um conjunto de fatores [...]. O termostato é um botão que serve para regular a temperatura. **Uma vês** removido o termostato [...] (pág.5)

Na construção (3) temos a mesma situação do enunciado anterior, só que inversa, ou seja, os enunciadores usam a forma verbal no lugar da conjunção aditiva. As conjunções copulativas têm um valor semântico fundamental: adicionar duas ou mais unidades (cf. Raposo, 2013:1721).

Notamos ainda em (3), o operador “uma vês” com valor semântico explicativo mal grafado. Este operador apresenta uma razão para a enunciação do que foi exposto antes, correspondendo a uma asserção:

*[...] o seu tratamento quanto à higiene e segurança costuma a ser cuidado com atenção. **Contudo**, na maior parte dos casos, é possível identificar um conjunto de fatores [...]. O termostato é um botão que serve para regular a temperatura. **Uma vez** removido o termostato [...]*

(5) Um vapor aquecido entra no condensador e encontra uma superfície com uma temperatura inferior ao seu ponto de ebulição, **então** condensa (ou liquefaz) [...] (pág.8)

O operador “então” em (5) é, frequentemente, usado pelos locutores e funciona como marcador discursivo, porque carrega uma instrução para a interpretação do enunciado que introduz. Os aluno podiam empregar, neste exemplo, um operador com o mesmo traço semântico. Deste modo, vamos usar na reescrita o operador correlativo “e, nesse momento,”:

*Um vapor aquecido entra no condensador e encontra uma superfície com uma temperatura inferior ao seu ponto de ebulição, **e, nesse momento**,*

condensa (ou liquefaz).

(6) Devido a sua menor eficiência e maior volume, aos refrigeradores de ciclo de ar não são frequentemente aplicados em refrigeração terrestre. **Contudo**, a máquina de ciclo de ar bastante comum em aviões comerciais a jacto, **uma vez que** existe ar comprimido disponível, obtidos nos modelos de compressão dos reatores. (pág.9)

Ao contrário do exemplo (3), neste, (6), os locutores utilizam o mesmo operador bem escrito e dentro do contexto. Vamos apenas reparar outros fenómenos, na medida em que mais do que o conhecimento normativo-teórico, ou léxico-enciclopédico, são importantes o conhecimento e as convicções dos participantes no ato de comunicação, sendo, assim, difícil traçar uma fronteira entre a semântica e a pragmática (Polónio, 1997:7):

Devido à sua menor eficiência e maior volume, aos refrigeradores de ciclo de ar não são, frequentemente, aplicados em refrigeração terrestre. Contudo, a máquina de ciclo de ar é bastante comum em aviões comerciais à jato, uma vez que existe ar comprimido disponível, obtidos nos modelos de compressão dos reatores.

(7) O gás refrigerante é responsável pelo funcionamento de sistemas de refrigeração, **como** geladeiras, freezers e aparelhos de ar-condicionado. Estes ajudam o calor do ambiente interno e o transportam por todo o sistema, **até** chegar às saídas de ar da condensadora, **ou seja**, da unidade externa. (pág.10)

Em (7), os operadores “como”, que introduz uma exemplificação; “até”, com valor temporal contínuo; “ou seja”, que funciona como um reformulador explicativo estão bem enquadrados. Encontramos aqui, somente, problemas de pontuação:

O gás refrigerante é responsável pelo funcionamento de sistemas de refrigeração, **como**, geladeiras, freezers e aparelhos de ar-condicionado. Estes ajudam o calor do ambiente interno e transportam-no por todo o sistema, **até** chegar às saídas de ar da condensadora, **ou seja**, da unidade externa.

(8) Ao lavarmos o aparelho tivemos cuidado com a parte elétrica, **porque quando** entra água na parte elétrica e ligarmos o aparelho vai danificar vai o aparelho, **uma vês** que a parte elétrica danifica o aparelho não funciona... (pág.13)

Notamos em (8), o uso recorrente da unidade linguística “uma vês” escrita incorretamente, como aconteceu no exemplo (3). Além disso, temos uma repetição que podia ser substituída por uma expressão deítica, que permita a retoma deste elemento:

*Ao lavarmos o aparelho, tivemos cuidado com a parte elétrica, **porque, quando** entra água nesta unidade e ligarmos, o aparelho vai danificar, **uma vez que** a parte elétrica danificada, o aparelho não funciona [...]*

(9) Ao verificarmos se havia um problema na placa elétrica verificamos o capacitor, usamos um multímetro medimos a intensidade da corrente do capacitor notamos que não estava de acordo com a intensidade normal **então concluímos que** o capacitor estava danificado. (pág.14)

Em (9), encontramos uma combinação de operadores que sinalizam um mesmo nexos conectivo, introduzindo uma síntese. A pontuação tem alguns problemas, como verificado em trechos anteriores.

*Para verificarmos se havia um problema na placa elétrica, usamos um multímetro e medimos a intensidade da corrente no capacitor. Notamos que não estava de acordo com a intensidade normal. **Então, concluímos que** o*

capacitor estava danificado.

(10) **Visto que** o compressor estava danificado **é** não podíamos fazer a recuperação porque é um compressor hermético retiramos o compressor adquirimos outro que está a funcionar e fizemos a aplicação. (pág.15)

O destaque em (10), vai para a confusão idêntica do exemplo (3) do relatório em análise. Quer dizer que, o aluno usa a forma do verbo *ser* “é” ao invés do conector com valor aditivo “e”. Também neste trecho, surge uma repetição desnecessária da expressão “compressor”.

Os estudantes podiam usar, para evitar essa situação, a coesão anafórica, usando um pronome. Quando o pronome é anafórico, depende do seu próprio referente. Essa expressão, da qual o pronome depende referencialmente chama-se antecedente do pronome (cf. Raposo, 2013:1702).

Assim sendo, vamos, com algumas alterações, reconstruir o discurso:

***Visto que** o compressor estava danificado e não podíamos fazer a sua recuperação, porque é um compressor hermético, retirámo-lo e substituímo-lo por outro em condições.*

4.1.9 Relatório 9

(3) Ao visitarmos o local de implantação da obra, constatamos as diversas irregularidades que o terreno apresenta. **Como também** tivemos uma conversa directa com um arquiteto [...] (pág.3)

Antes de começarmos a analisar os excertos do R.9, vamos dar destaque ao que tratámos no enquadramento teórico (cf. 2.4.2). A coesão

sequencial está relacionada com os procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto, diversos tipos de relações semânticas e / ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir.

Neste excerto (3), os locutores usam um ponto simples que denota uma pausa maior antes do operador “como também” com valor aditivo por assinalar a ordem dos assuntos abordados, estabelecendo a sequencialidade textual. Neste contexto, os alunos deviam usar uma vírgula que denota uma pausa breve, de modo a que não haja uma interrupção natural das ideias. Se trocarmos o sinal, talvez a relação entre os elementos linguísticos se torne mais clara:

*Ao visitarmos o local de implantação da obra, constatamos as diversas irregularidades que o terreno apresenta, **como também** tivemos uma conversa direta com um arquiteto [...]*

(4) As escadas são séries de degraus sucessivos, dispostos em plano inclinado, com a função de finalidade de unir diferentes pisos. Também é o elemento formado por duas barras paralelas [...] (pág.7)

Em (4), notamos a clara falta de noção no uso do operador “com a função de finalidade”, que é suposto ter um valor semântico de traduzir uma finalidade, uma intenção, ou um objetivo. Podemos dizer que, neste contexto, o uso deste operador, não tem suporte na língua portuguesa, para além de não garantir a coerência da sequência textual.

Podemos manter a coerência do trecho, se retiramos elementos dessa combinatória, ou então, usarmos operadores com o mesmo traço semântico, como: “com o objetivo de”; “a fim de”, etc.

As escadas são séries de degraus sucessivos, dispostos em plano

inclinado, com a [função] / [finalidade] de unir diferentes pisos. Também é o elemento formado por duas barras paralelas [...]

(7) As características básicas que definem o elevador de passageiros são sua velocidade nominal e a lotação da cabina. **Após** determinadas essas variáveis, tem-se **por consequência** definidos os equipamentos que comporão o elevador. (pág.16)

(9) Os equipamentos de tração passam a ser instalados na parte extrema superior da caixa **enquanto** os dispositivos de comando se distribuem pela cabina [...] (pág.18)

Nos trechos acima, (7) e (9), temos situações de pontuação.

(7) *As características básicas que definem o elevador de passageiros são: a sua velocidade nominal e a lotação da cabina. Após determinadas essas variáveis, tem-se, por consequência, definidos os equipamentos que comporão o elevador.*

(9) *Os equipamentos de tração passam a ser instalados na parte extrema superior da caixa, enquanto os dispositivos de comando se distribuem pela cabina, [...]*

(10) Após a abordagem acerca da edificação, o grupo concluiu que para a edificação de qualquer tipo de edifício é necessário o cumprimento de parâmetros, **bem como** das normas que regem e definem os procedimentos a se cumprir para tal, tais como REGEU entre outras e deve-se também ter em conta o factor tempo [...], **e também concluímos que** um dos elementos [...]. Este tema edificação é muito importante **tamém porque** faz-nos **a** conhecer o conforto de se viver **não só como também de modo geral** chega a complementar o meio **que na qual** nós vivemos. (pág.24)

O excerto (10), apresenta vários problemas, tanto de ordem sintática, como de ordem semântico-pragmática. Os operadores “tamém” e “que na qual”

usados pelo locutor, não têm respaldo na língua portuguesa. Quanto ao primeiro, talvez possamos admitir descuido na digitação. Em relação ao segundo, é óbvio a falta de conhecimento do uso do relativo, na medida em que esta expressão coesiva não é compatível com a orientação, em português.

Vamos restabelecer a coerência do enunciado, com algumas alterações:

*Após a abordagem acerca da edificação, o grupo concluiu que para a edificação de qualquer tipo de edifício é necessário o cumprimento de parâmetros, **bem como** das normas que regem e definem os procedimentos, **tais como**: REGEU entre outras e, deve-se, **também**, ter em conta o fator tempo [...], **e, também concluímos que**, um dos elementos [...]. Este tema edificação é muito importante **também, porque** nos faz conhecer, **não só**, o conforto de se viver, **como também, de modo geral**, chega a complementar o meio **no qual** vivemos.*

4.1.10 Relatório 10

(2) Os resultados de conservação são bastantes numerosos e existem muitas técnicas consideradas boas. **No entanto**, por mais perfeita que seja, o método não resistiu ao consumidor o peixe no estado **no qual** se achava antes do beneficiamento (conservação do pescado). Seus objetivos são: evitar ou retardar as reações químico-enzimáticas; retardar o desenvolvimento de microrganismos **e, portanto** retardar a deterioração dos produtos. (pág.11)

Observa-se em (2), problemas de coerência textual, isto é, não encontramos, por parte do locutor, a produção de um processamento cognitivo lógico, que permitisse a construção de uma representação mental coerente. O processo de interpretação é orientado pela assunção prévia da coerência (ou

relevância) do produto verbal.

Queremos com isto dizer, que há uma certa contradição numa parte do texto (o método não resistiu ao consumidor o peixe no estado **no qual se achava antes do beneficiamento (conservação do pescado)**) e, tendo em conta o princípio da não-contradição, um texto não pode ter situações logicamente contraditórias ou inconciliáveis. Vamos tentar reconstruir o processamento lógico do locutor introduzindo algumas alterações:

*Os resultados de conservação são bastante numerosos e existem muitas técnicas consideradas boas. **No entanto**, por mais perfeitas que sejam os métodos, o pescado deve chegar em bom estado ao consumidor. Seus objetivos são: evitar ou retardar as reações químico-enzimáticas; retardar o desenvolvimento de microrganismos e, **portanto**, retardar a deterioração dos produtos.*

<p>(6) Designa-se por navio congelador um navio cuja principal função será congelar o pescado, podendo no entanto, ocorrer a bordo as operações [...]. São embarcações de pesca industrial, com capacidade de transformar; processar; conservar; congelar; embalar e etiquetar o pescado a bordo, de forma a que este esteja pronto a entrar no circuito. (pág.16)</p>
--

Em (6), notamos situações de pontuação, situações recorrentes em quase todos os relatórios analisados.

*Designa-se por navio congelador um navio cuja principal função será congelar o pescado, podendo, **no entanto**, ocorrer a bordo as operações [...]. São embarcações de pesca industrial com capacidade de transformar, processar, conservar, congelar, embalar e etiquetar o pescado a bordo, **de forma a que** este esteja pronto a entrar no circuito.*

(8) **Durante** a receção dos peixes são feitas análises químicas, e sensoriais, **com também** a verificação da temperatura [...]

Retirada das vísceras pode ser feita ou não a bordo. É imprescindível **pois**, juntamente com as vísceras, serão retiradas bactérias e enzimas [...]. **Em seguida**, procede-se à nova lavagem... (pág.18)

Consideramos que em (8), os finalistas usam o operador “com também” por descuido. Neste caso, em função do contexto do discurso, talvez os alunos quisessem usar o operador “como também” que adiciona sequências num enunciado, com a mesma orientação argumentativa. Em relação ao operador “pois” com um traço semântico inferencial e que marca o discurso, introduz uma conclusão relativa à explicação apresentada no enunciado anterior:

***Durante** a receção dos peixes, são feitas análises químicas e sensoriais, **como também** a verificação da temperatura [...]*

*A retirada das vísceras pode ser feita ou não a bordo. É imprescindível **pois**, juntamente com as vísceras, serão retiradas bactérias e enzimas [...]. **Em seguida**, procede-se a nova lavagem, [...]*

(13) O volume do porão **já** está pré-definido, **uma vez que** as dimensões da embarcação e o fim **para que** os espaços de destinam, **já** foram bem definidos pelo Engenheiro Naval e o respectivo Construtor. (pág.26)

Na construção enunciativa (13), o emprego do operador “uma vez que”, que exprime um valor de casualidade e/ou razão, assenta num esquema lógico-semântico incoerente. Aqui devemos realçar o princípio da progressão: para que um texto seja coerente, torna-se necessário que o seu desenvolvimento se faça acompanhar de uma informação semântica constantemente renovada. Isto não acontece neste trecho:

O volume do porão **já** foi pré-definido, **isto é**, as dimensões da embarcação e o fim **para que** os espaços se destinam foram bem definidos pelo Engenheiro naval e o respetivo construtor.

(19) O porão frigorífico possui uma abertura no tecto, para acesso dos marinheiros, carga e descarga dos crustáceos. **Tal facto** joga a favor da diminuição das perdas de energia, **uma vez que** o ar com maior energia (mais quente) e menos denso tenderá a acumular-se junto do tecto e é este ar que se perde pelas juntas do acesso ao portão. **Por outro lado** os evaporadores dinâmicos estão situados no tecto, provocando o efeito de cortina de ar... (pág.38)

Em (19), tirando o aspeto da pontuação do discurso, notamos poucas contradições. O destaque vai para o operador “por outro lado” que só deve ser usado para estabelecer um contraste entre dois enunciados. Significa que, numa análise atenta o operador discursivo remete para o que se afirma, ou seja, ao anunciar-se “um outro lado” diferente do anterior, a intenção do locutor é de contrariar, opor, etc. Iremos reconstruir o excerto, substituindo o operador em causa, por um com um traço semântico que exprima uma ideia de consequência:

*O porão frigorífico possui uma abertura no teto, para acesso dos marinheiros, carga e descarga dos crustáceos. **Tal facto**, joga a favor da diminuição das perdas de energia, **uma vez que** o ar com maior energia (mais quente) e menos denso tenderá a acumular-se junto do teto e, é este ar que se perde pelas juntas do acesso ao portão. **Por isso**, os evaporadores dinâmicos estão situados no teto, provocando o efeito de cortina de ar [...]*

(21) Se **por um lado** comercialmente este produto é de algum valor, nutricionalmente quando chega ao consumidor não constitui um produto de alto teor de nutrientes para o consumo humano. **Durante** a congelação seja ela lenta ou rápida, o pescado **depois de** descongelado, **não só** torna-se a musculatura flácida pela perda de água, **mas sobretudo** perde boa percentagem de substâncias nutritivas. (pág.42)

No exemplo (21), os alunos utilizam um ordenador de informação, mas não dá sequência com o outro ordenador para estabelecer o contraste entre o enunciado que foi exposto anteriormente. Este operador discursivo remete para o que se afirma. Neste caso, a intenção do locutor é a de contrariar, ou seja, o locutor quer indicar uma outra perspetiva.

*Se **por um lado**, comercialmente este produto é de algum valor, **por outro lado**, quando chega ao consumidor, não constitui um produto com alto teor de nutrientes para o consumo humano. **Durante** a congelação, seja ela lenta ou rápida, o pescado **depois de** descongelado, **não só** torna a musculatura flácida pela perda de água, **mas sobretudo** perde boa percentagem de substâncias nutritivas.*

4.2 A frequência dos operadores discursivos

Como frisámos na introdução deste capítulo, o levantamento e a análise dos dados nos dez relatórios selecionados, para a apresentação estatística dos resultados, vai permitir-nos mensurar a frequência destas unidades linguísticas.

Para o *Dicionário de Termos Linguísticos* (Braga-Boulard, 2012:347):

Frequência é o número relativo de ocorrências de um determinado elemento numa amostra representativa de contextos. Esta frequência de ocorrências de um elemento mantém uma relação inversa com a sua capacidade informativa.

Como se sabe, todos os falantes de uma língua partilham entre si um conhecimento do vocabulário básico dessa língua, sabem como combinar os significados de maneira a apreenderem o sentido de expressões e frases, não sentindo qualquer dificuldade em comunicar uns com os outros. (cf. Fromkin e Rodman, 1993:177). Neste sentido, as palavras mais frequentes estão sempre disponíveis no léxico mental do falante. A frequência exerce um papel importante nos fenómenos linguísticos. Daí o nosso interesse em detetar o número de ocorrências dos operadores discursivos, na medida em que vai permitir-nos aferir o grau de proficiência linguística dos alunos.

Assim, vamos apresentar, relatório a relatório, os dados de uma perspetiva estatística.

4.2.1 Relatório 1

Como já referimos na seção (3.1) do capítulo III, no que à frequência diz respeito, detetámos sessenta e oito operadores discursivos, dos quais cinco foram os mais usados, a saber:

Operadores	Ocorrências	Percentagem (%)
“porém”	7	10,29
“por outro lado”	6	8,82
“no entanto”	4	5,88
“também”	3	4,41
“para que”	3	4,41

Tabela 2. Operadores mais frequentes R1

Na tabela e gráfico que se seguem, encontramos, de forma sintética, os dados relativos à frequência dos operadores no R1.

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativas (%)
no primeiro	1	1,47
de que	1	1,47
no início	1	1,47
mas depois	1	1,47
a seguir	1	1,47
de modo semelhante	1	1,47
já	2	2,94
porém	7	10,29
mas	1	1,47
embora	2	2,94
enquanto	1	1,47
inicialmente	1	1,47
mesmo antes	1	1,47
segundo	1	1,47
e depois	1	1,47
também	3	4,41
por outro lado	6	8,82
para que	3	4,41
de forma a	1	1,47
onde	1	1,47
ainda que	1	1,47
é exemplo	1	1,47
regra geral	1	1,47

na medida em que	1	1,47
na realidade	1	1,47
no entanto	4	5,88
de modo a	1	1,47
em que	2	2,94
sendo que	1	1,47
assim que	1	1,47
após	1	1,47
de seguida	1	1,47
para finalizar	1	1,47
entanto	1	1,47
uma vez que	1	1,47
isto é	1	1,47
pelo que	1	1,47
sendo então	1	1,47
depois de	1	1,47
pois	1	1,47
tal como	1	1,47
no caso de	1	1,47
atualmente	1	1,47
devido a	1	1,47
pelo facto de	1	1,47
de acordo	1	1,47
além de	1	1,47

TOTAL	68	100
--------------	-----------	------------

Tabela 3: Frequência dos operadores R1

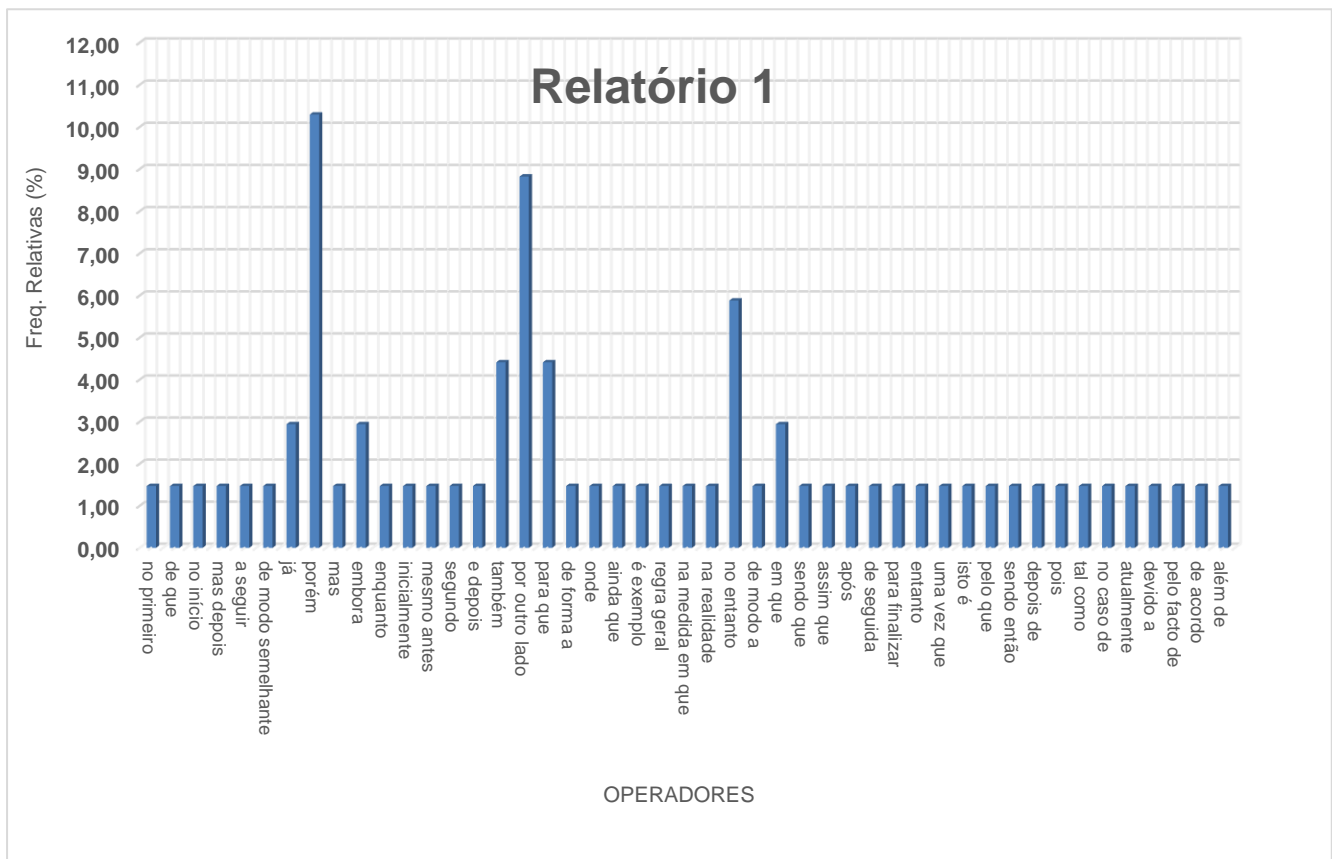


Gráfico 2: Síntese R1

4.2.2 Relatório 2

No relatório 2 encontrámos cinquenta operadores discursivos, dos quais nove foram os mais utilizados, a saber:

Operadores	Ocorrências	Porcentagem (%)
“e depois”	4	8,00
“para que”	2	4,00
“ou seja”	2	4,00
“isto é”	2	4,00
“portanto”	2	4,00
“por exemplo”	2	4,00
“no entanto”	2	4,00
“por outro lado”	2	4,00
“após”	2	4,00

Tabela 4. Operadores mais frequentes R2

Podemos observar, a seguir, um quadro e respetivo gráfico síntese onde se encontram as unidades acima referidas.

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativa (%)
primeiramente	1	2,00
para que	2	4,00
por isso	1	2,00
de forma a	1	2,00
até mesmo	1	2,00
ou seja	3	6,00
isto é	2	4,00
portanto	2	4,00
como	1	2,00
por exemplo	2	4,00
como podemos observar	1	2,00

de acordo	1	2,00
enquanto	1	2,00
de modo que	1	2,00
no entanto	2	4,00
então	1	2,00
somente	1	2,00
quando	1	2,00
por um lado	1	2,00
por outro lado	2	4,00
razão pela qual	1	2,00
e, portanto	1	2,00
como por exemplo	1	2,00
para assim	1	2,00
a primeira	1	2,00
a segunda que por sua vez	1	2,00
e depois	4	8,00
e por sua vez	1	2,00
e assim	1	2,00
onde	1	2,00
antes que	1	2,00
com isso	1	2,00
mesmo que	1	2,00
após	2	4,00
razão no qual	1	2,00

a seguir	1	2,00
depois	1	2,00
que de princípio	1	2,00
TOTAL	50	100

Tabela 5: Frequência dos operadores R2

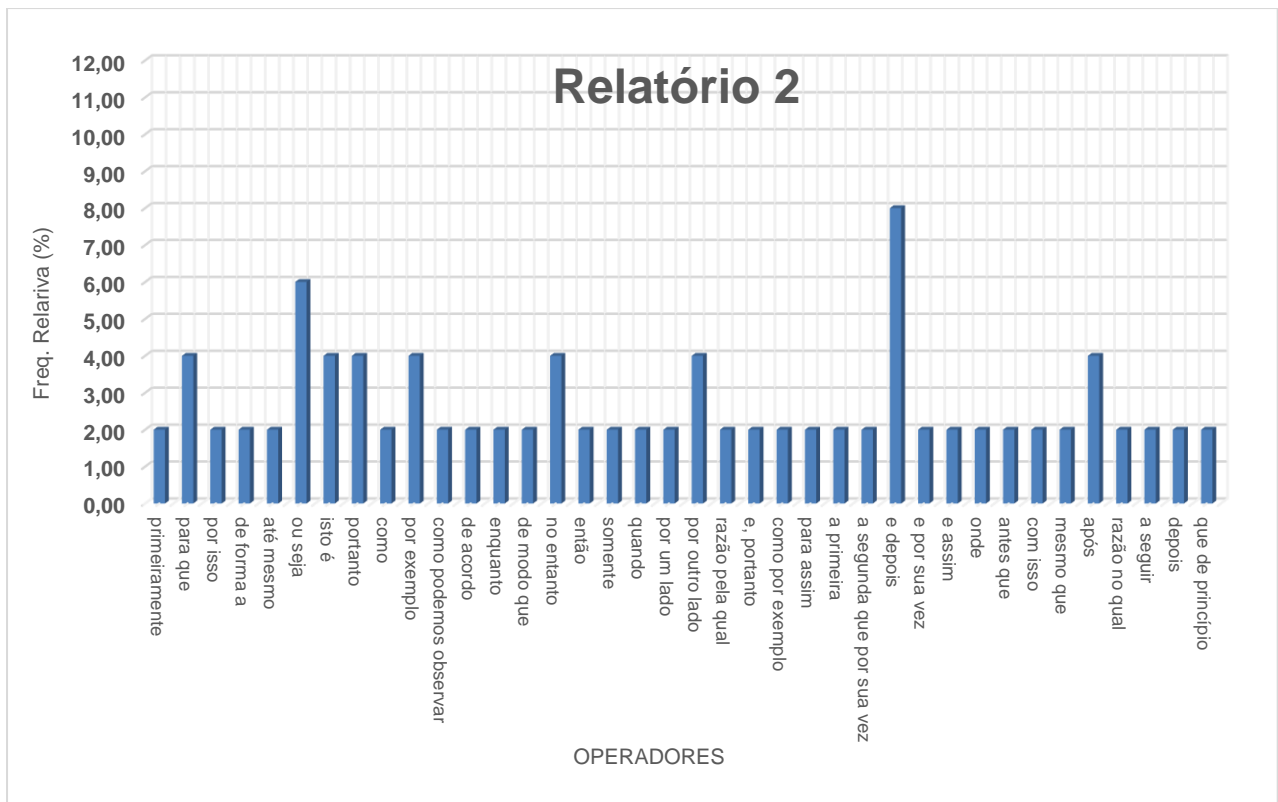


Gráfico 3: Síntese R2

4.2.3 Relatório 3

Quanto ao relatório 3, encontramos quarenta e um operadores e os mais usados foram:

Operadores	Ocorrências	Porcentagem (%)
“assim”	5	12,20
“inicialmente”	2	4,88
“por exemplo”	2	4,88
“para que”	2	4,88

Tabela 6: Operadores mais frequentes R3

No quadro seguinte podemos confirmar o número de operadores e no gráfico a informação mais sinteticamente representada.

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativas (%)
visto que	1	2,44
o que tange	1	2,44
enfim	1	2,44
assim como	1	2,44
com isso	1	2,44
e em seguida	1	2,44
como, por exemplo	1	2,44
assim	5	12,20
inicialmente	2	4,88
ou até mesmo	1	2,44
por exemplo	2	4,88
tal como	1	2,44
a fim de	1	2,44
desta forma	1	2,44
ou seja	1	2,44
ou então	1	2,44

e conseqüentemente	1	2,44
no entanto	1	2,44
caso	1	2,44
durante	1	2,44
e por parte	1	2,44
como	1	2,44
para que	2	4,88
no que tange	1	2,44
como também	1	2,44
de tal modo que	1	2,44
mas também	1	2,44
para as quais	1	2,44
inclusive	1	2,44
como já	1	2,44
mas	1	2,44
no que	1	2,44
porque	1	2,44
atualmente	1	2,44
TOTAL	41	100

Tabela 7: Frequência dos operadores R3

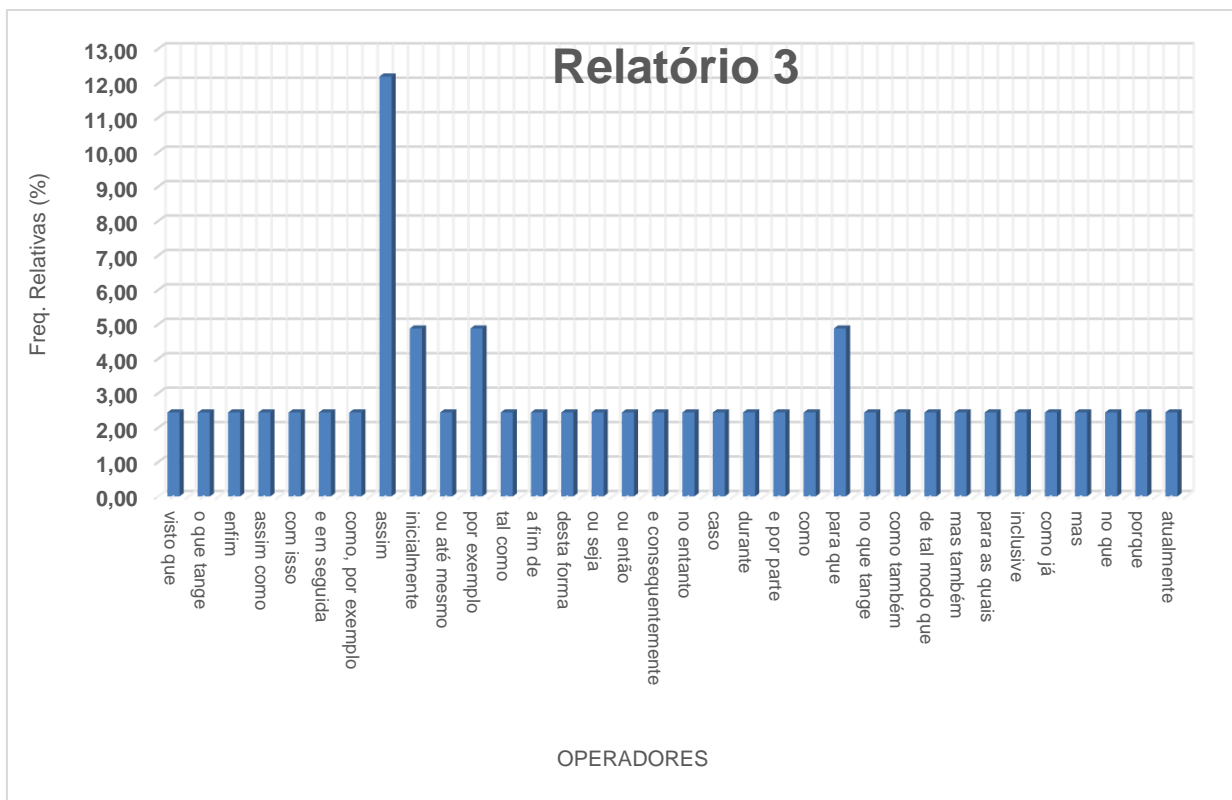


Gráfico 4: Síntese R3

4.2.4 Relatório 4

No relatório 4 detetámos setenta e cinco operadores discursivos, sendo os mais frequentes seis.

Operadores	Ocorrências	Percentagem (%)
“uma vez que”	7	9,33
“pois”	7	9,33
“ou seja”	6	8,00
“contudo”	4	5,33
“para que”	3	4,00
“de modo a que”	3	4,00

Tabela 8: Operadores mais frequentes R4

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativas (%)
embora como	1	1,33
ou até mesmo	1	1,33
por um lado	2	2,67
ou seja	6	8,00
por outro lado	1	1,33
no entanto	2	2,67
e como tal	1	1,33
mas	1	1,33
pois	7	9,33
contudo	4	5,33
também	2	2,67
logo	2	2,67
e para no qual	1	1,33
conforme	1	1,33
ainda que	1	1,33
mas sim	1	1,33
por isso	3	4,00
uma vez que	7	9,33
pelo qual	1	1,33
para que	3	4,00
deste modo	1	1,33
mas, por um lado	1	1,33
de forma a	3	4,00

embora	2	2,67
pelo que	3	4,00
por forma a	2	2,67
como consequência	1	1,33
a primeira parte	1	1,33
a segunda parte	1	1,33
sendo que	1	1,33
depois	1	1,33
enquanto	1	1,33
após	1	1,33
de modo a que	3	4,00
isto é	1	1,33
tal como	1	1,33
em suma	1	1,33
de modo a	1	1,33
enquanto a primeira parte	1	1,33
TOTAL	75	100

Tabela 9: Frequência dos operadores R4

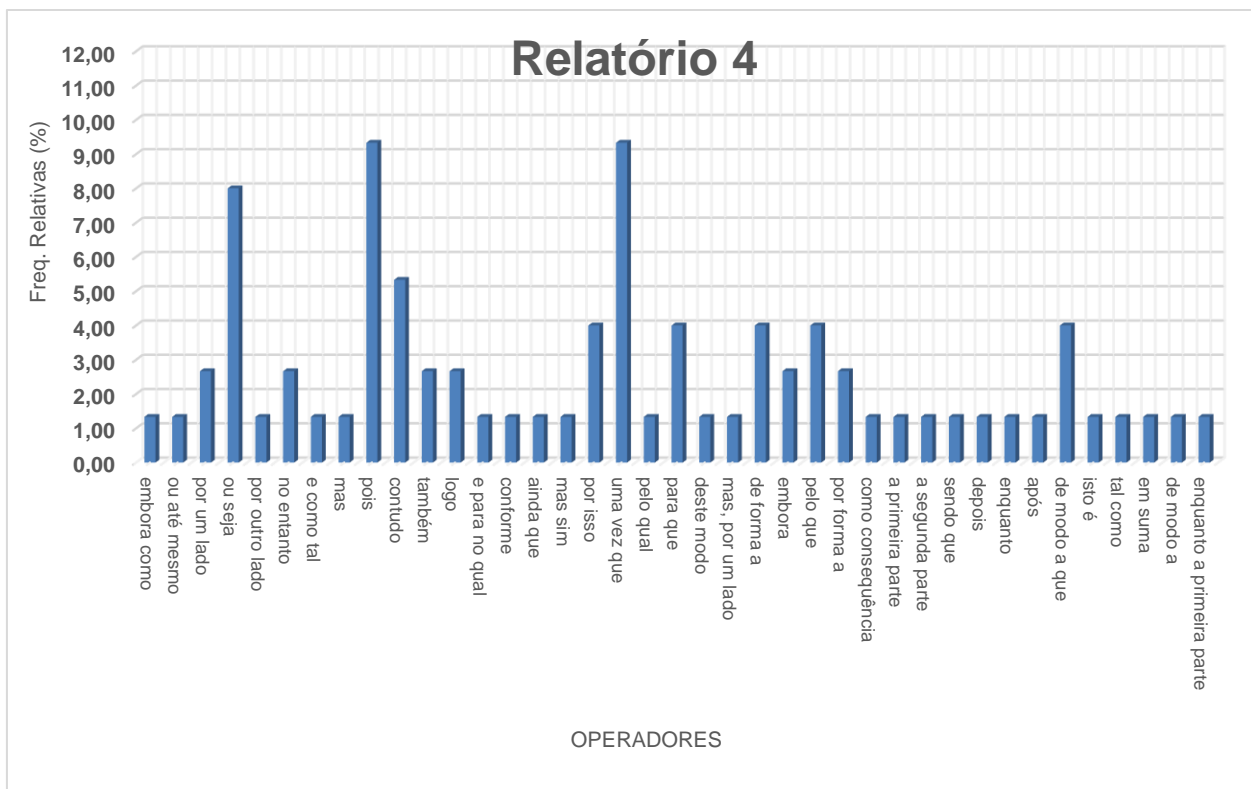


Gráfico 5: Síntese R4

4.2.5 Relatório 5

Detetámos no relatório 5, cinquenta unidades linguísticas, das quais dez foram as mais utilizadas, a saber:

Operadores	Ocorrências	Percentagem (%)
“isto é”	3	6,00
“ainda”	3	6,00
“enquanto”	3	6,00
“também”	2	4,00
“todavia”	2	4,00
“por isso”	2	4,00
“por exemplo”	2	4,00

“para isso”	2	4,00
“no entanto”	2	4,00
“além disso”	2	4,00

Tabela 10: Operadores mais frequentes R5

O quadro e o gráfico abaixo sintetizam a informação.

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativa (%)
desde em	1	2,00
também	2	4,00
e assim	1	2,00
todavia	2	4,00
isto é	3	6,00
no entanto	2	4,00
e com isso	1	2,00
depois de	1	2,00
portanto	1	2,00
desta maneira	1	2,00
para isso	2	4,00
nesse exemplo	1	2,00
ainda	3	6,00
de tal forma que	1	2,00
pensando nisso	1	2,00
depois	1	2,00
de forma a	1	2,00
enquanto	3	6,00
de tal modo que	1	2,00

ainda que	1	2,00
uma vez que	1	2,00
porém	1	2,00
por exemplo	2	4,00
por outro lado	1	2,00
embora	1	2,00
e, finalmente	1	2,00
por isso	2	4,00
além disso	2	4,00
efetivamente	1	2,00
à direita	1	2,00
à esquerda	1	2,00
mais	1	2,00
em torno da qual	1	2,00
pois	1	2,00
isto significa que	1	2,00
inclusive	1	2,00
sendo que	1	2,00
Total	50	100

Tabela 11: Frequência dos operadores R5

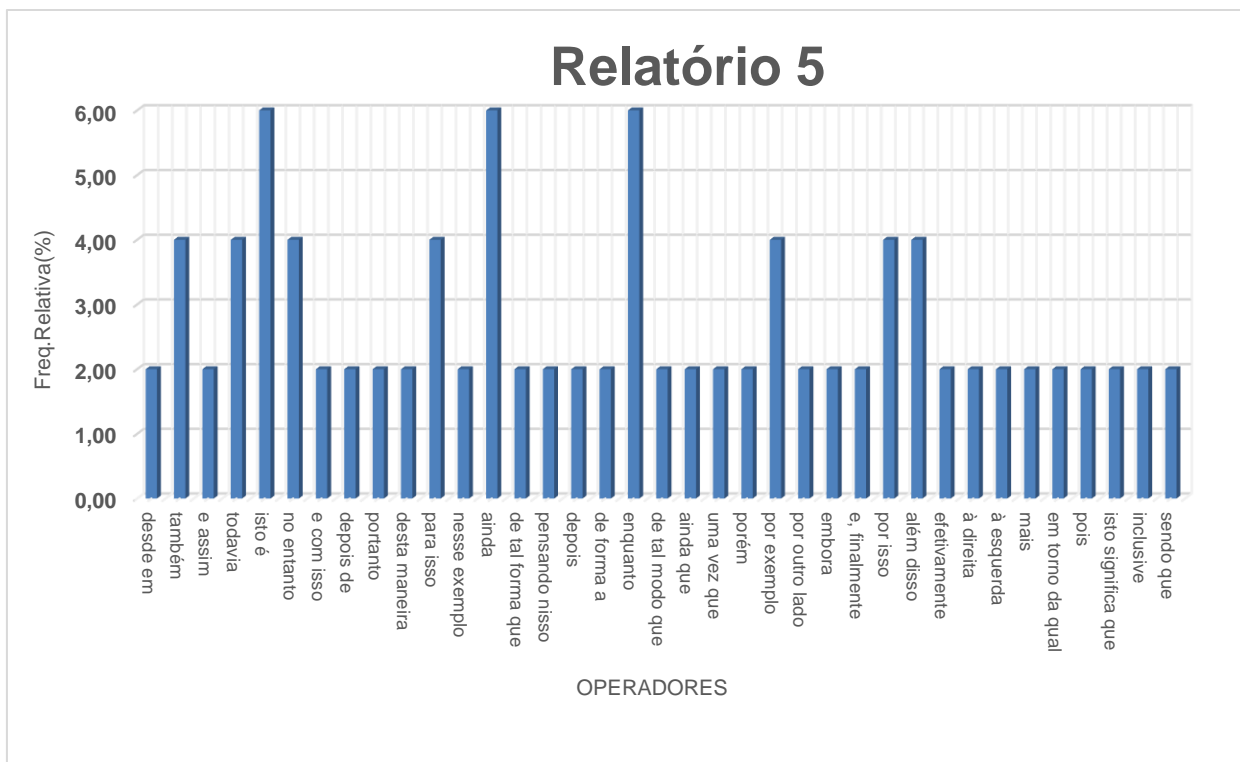


Gráfico 6: Síntese R5

4.2.6 Relatório 6

No relatório 6 encontramos quarenta e dois operadores, seis dos quais foram os mais usados e todos com a mesma frequência, como podemos verificar no quadro e no gráfico 6:

Operadores	Ocorrências	Porcentagem (%)
durante	2	4,76
atualmente	2	4,76
ou seja	2	4,76
pois	2	4,76
aonde	2	4,76
depois	2	4,76

Tabela 12: Operadores mais frequentes R6

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativa (%)
durante	2	4,76
sem as quais	1	2,38
devido a isso	1	2,38
e ainda	1	2,38
entretanto	1	2,38
atualmente	2	4,76
e assim	1	2,38
podemos concluir que	1	2,38
desta forma	1	2,38
porém	1	2,38
ou seja	2	4,76
é claro	1	2,38
pois	2	4,76
antes que	1	2,38
e também	1	2,38
também	1	2,38
aonde	2	4,76
em poucas palavras	1	2,38
depois	2	4,76
assim	1	2,38
de forma	1	2,38
isto é	1	2,38
de princípios	1	2,38

por conseguinte	1	2,38
de seguida	1	2,38
deste modo	1	2,38
em pouca palavra	1	2,38
primeiro	1	2,38
em seguida	1	2,38
e por fim	1	2,38
ainda assim	1	2,38
mesmo qe	1	2,38
que se segue	1	2,38
conclui-se	1	2,38
por isso	1	2,38
a fim de	1	2,38
Total	42	100

Tabela 13: Frequência dos operadores R6

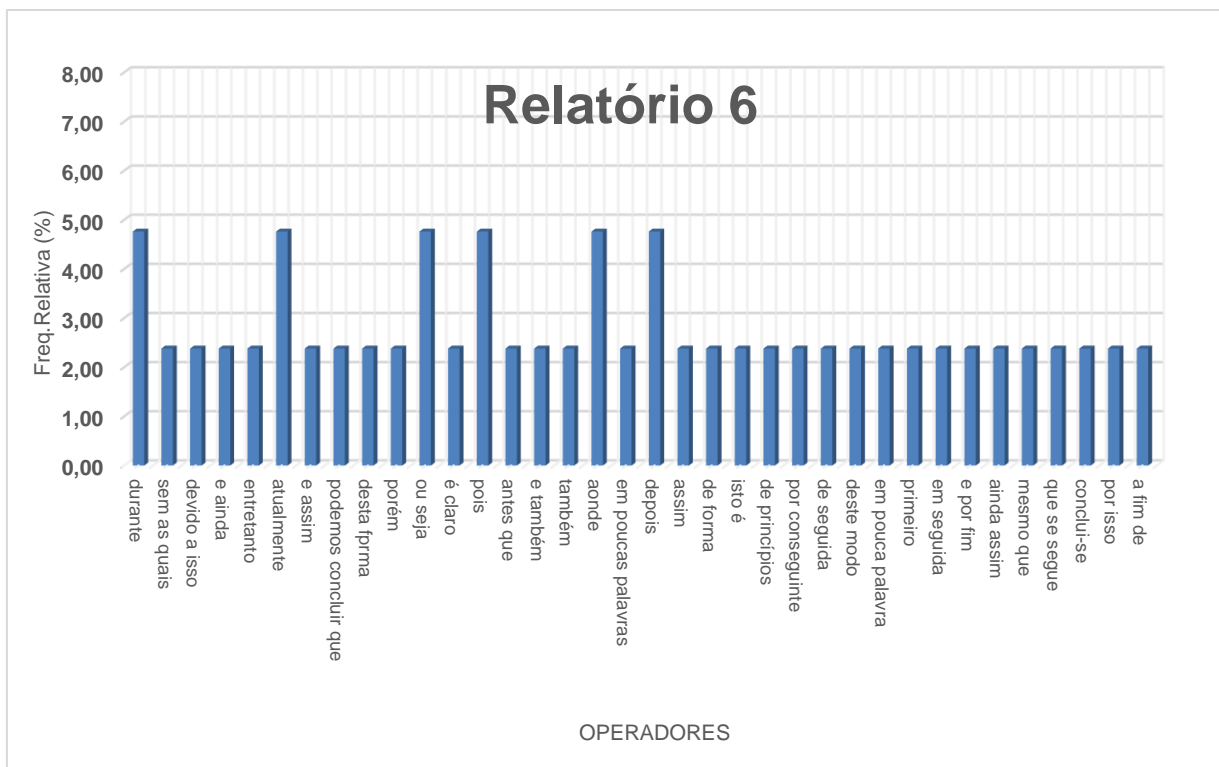


Gráfico 7: Síntese R6

4.2.7 Relatório 7

Em relação ao R7, encontrámos quarenta e um operadores e os mais frequentes foram seis, todos com a mesma frequência (4,88%):

Operadores	Ocorrências	Percentagem (%)
“como”	2	4,88
“então”	2	4,88
“já que”	2	4,88
“porém”	2	4,88
“depois”	2	4,88
“como também”	2	4,88

Tabela 14: Operadores mais frequentes R7

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativa (%)
em que	1	2,44
como	2	4,88
inicialmente	1	2,44
desta forma	1	2,44
a fim de	1	2,44
entretanto	1	2,44
ao passo que	1	2,44
desde	1	2,44
então	2	4,88
e mais tarde	1	2,44
a seguir	1	2,44
só depois	1	2,44
assim	1	2,44
por exemplo	1	2,44
já que	2	4,88
ainda	1	2,44
porém	2	4,88
somente	1	2,44
tanto	1	2,44
enquanto	1	2,44
depois	2	4,88
à medida que	1	2,44
aí então	1	2,44

até	1	2,44
o que também	1	2,44
também	1	2,44
e exemplo	1	2,44
por isso	1	2,44
ou seja	1	2,44
de forma	1	2,44
sendo assim	1	2,44
a finalidade de	1	2,44
isto é	1	2,44
como também	2	4,88
e não só	1	2,44
Total	41	100

Tabela 15: Frequência dos operadores R7

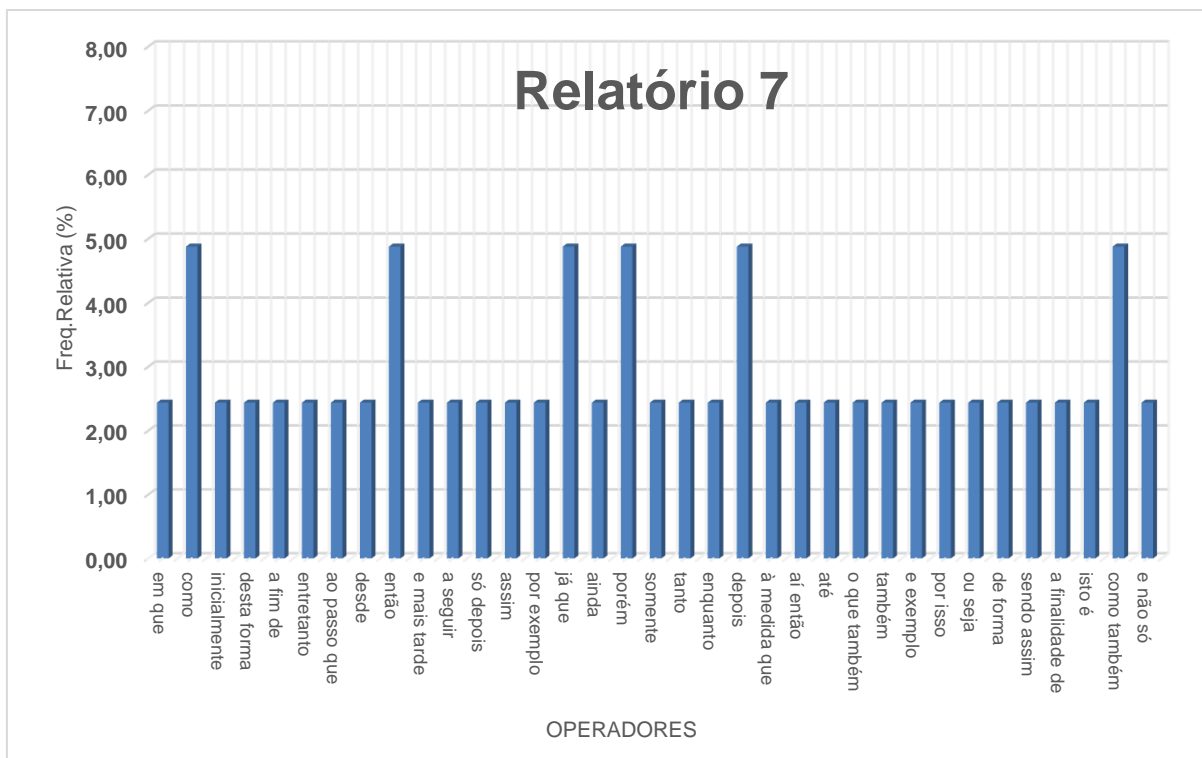


Gráfico 8: Síntese R7

4.2.8 Relatório 8

Em relação ao relatório 8, dos trinta e quatro operadores discursivos contabilizados, os mais frequentes foram cinco, a saber:

Operadores	Ocorrências	Percentagem (%)
“ou seja”	3	8,82
“então”	3	8,82
“uma vez que”	3	8,82
“contudo”	2	5,88
“como”	2	5,88

Tabela 16: Operadores mais frequentes R8

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativa (%)
assim	1	2,94
como por exemplo	1	2,94
ou seja	3	8,82
então	3	8,82
diante de tudo	1	2,94
contudo	2	5,88
uma vez que	3	8,82
enquanto	1	2,94
como também	1	2,94
como	2	5,88
entretanto	1	2,94
como dito	1	2,94
devido a	1	2,94
portanto	1	2,94
desde que	1	2,94
embora	1	2,94
atualmente	1	2,94
até	1	2,94
porque quando	1	2,94
concluimos que	1	2,94
visto que	1	2,941
também	1	2,94
para que	1	2,94

pois	1	2,94
com que	1	2,94
pelo que	1	2,94
Total	34	100

Tabela 17: Frequência dos operadores R8

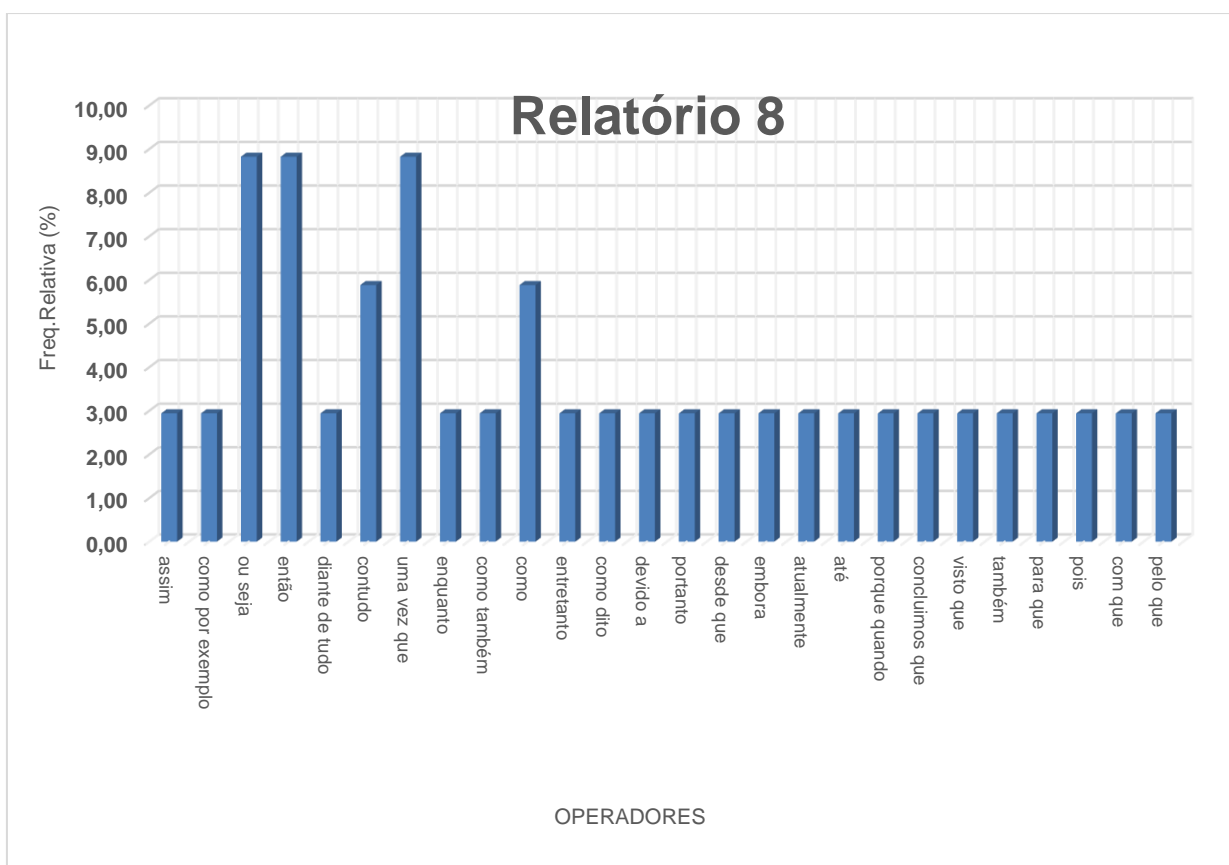


Gráfico 9: Síntese R8

4.2.9 Relatório 9

Neste relatório, encontramos quarenta operadores coesivos. Seis deles foram os mais usados e todos com a mesma frequência (5,00%), a saber:

Operadores	Ocorrências	Porcentagem (%)
“enquanto”	2	5,00
“desta forma”	2	5,00
“como também”	2	5,00
“também”	2	5,00
“bem como”	2	5,00
“após”	2	5,00

Tabela 18: Operadores mais frequentes R9

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativas (%)
e também	1	2,50
ainda hoje	1	2,50
enquanto	2	5,00
desta forma	2	5,00
como também	2	5,00
com a finalidade	1	2,50
também	2	5,00
bem como	2	5,00
ao contrário	1	2,50
como, por exemplo	1	2,50
ainda assim	1	2,50

entretanto	1	2,50
para que	1	2,50
dessa forma	1	2,50
assim	1	2,50
de uma maneira geral	1	2,50
de forma a	1	2,50
após	2	5,00
por consequência	1	2,50
de tal forma que	1	2,50
para tal	1	2,50
tais como	1	2,50
porque	1	2,50
não só	1	2,50
de modo geral	1	2,50
que na qual	1	2,50
embora	1	2,50
sempre que	1	2,50
a fim de	1	2,50
antes de	1	2,50
desde que	1	2,50
segundo	1	2,50
somente	1	2,50
como	1	2,50
TOTAL	40	100

Tabela 19: Frequência dos operadores R9

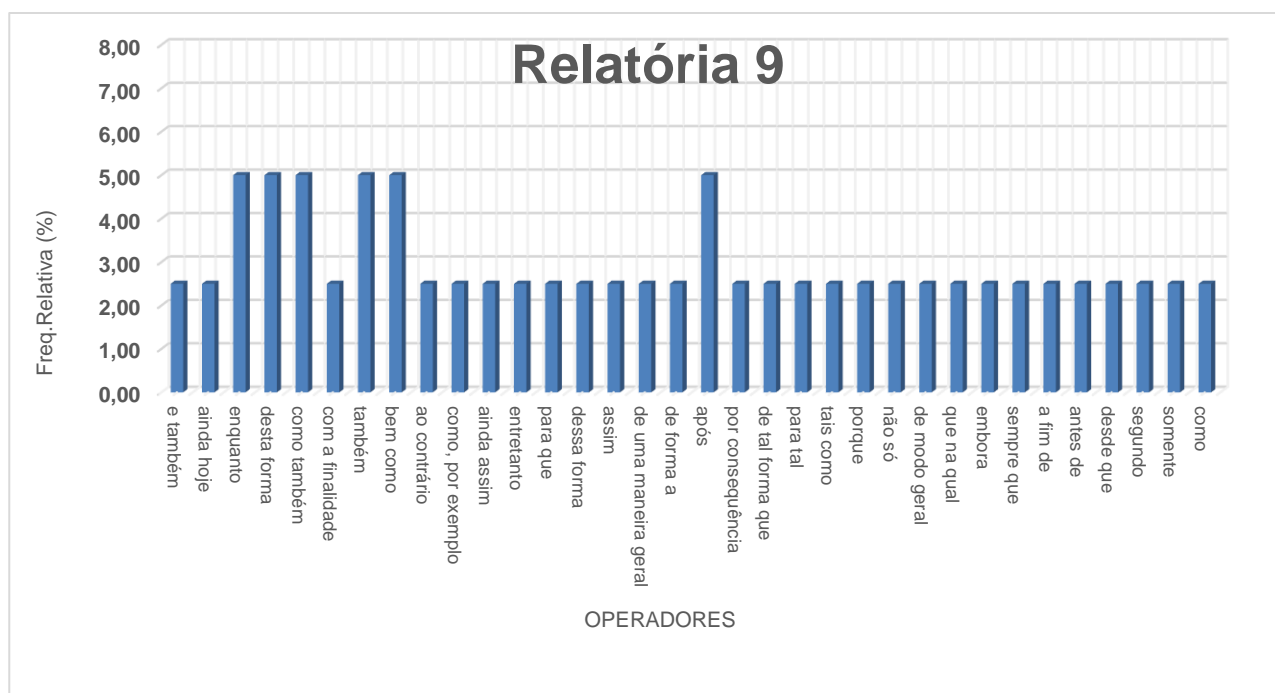


Gráfico 10: Síntese R9

4.2.10 Relatório 10

Em relação ao último relatório (10), detetámos quarenta e oito operadores, dos quais oito deles foram os mais usados, nomeadamente:

Operadores	Ocorrências	Percentagem (%)
“devido a”	3	6,25
“durante”	3	6,25
“de modo que”	2	4,17
“no entanto”	2	4,17
“à medida que”	2	4,17
“já que”	2	4,17
“como”	2	4,17
“uma vez que”	2	4,17

Tabela 20: Operadores mais frequentes R10

O quadro e o gráfico 10 abaixo, sintetizam a percentagem das ocorrências.

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativa (%)
devido a	3	6,25
assim como	1	2,08
de modo que	2	4,17
no entanto	2	4,17
no qual	1	2,08
e, portanto	1	2,08
inicialmente	1	2,08
à medida que	2	4,17
pois	1	2,08
já que	2	4,17
como	2	4,17
contudo	1	2,08
por isso	1	2,08
de forma a que	1	2,08
enquanto	1	2,08
durante	3	6,25
como também	1	2,08
em seguida	1	2,08
que por sua vez	1	2,08
de acordo	1	2,08
de maneira a que	1	2,08

tais como	1	2,08
uma vez que	2	4,17
para que	1	2,08
em suma	1	2,08
ou seja	1	2,08
isto é	1	2,08
de forma a	1	2,08
para o fim que	1	2,08
no entanto	1	2,08
apesar de	1	2,08
tal facto	1	2,08
por outro lado	1	2,08
neste caso	1	2,08
por um lado	1	2,08
não só	1	2,08
depois de	1	2,08
mas sobretudo	1	2,08
Total	48	100

Tabela 21: Frequência dos operadores R10

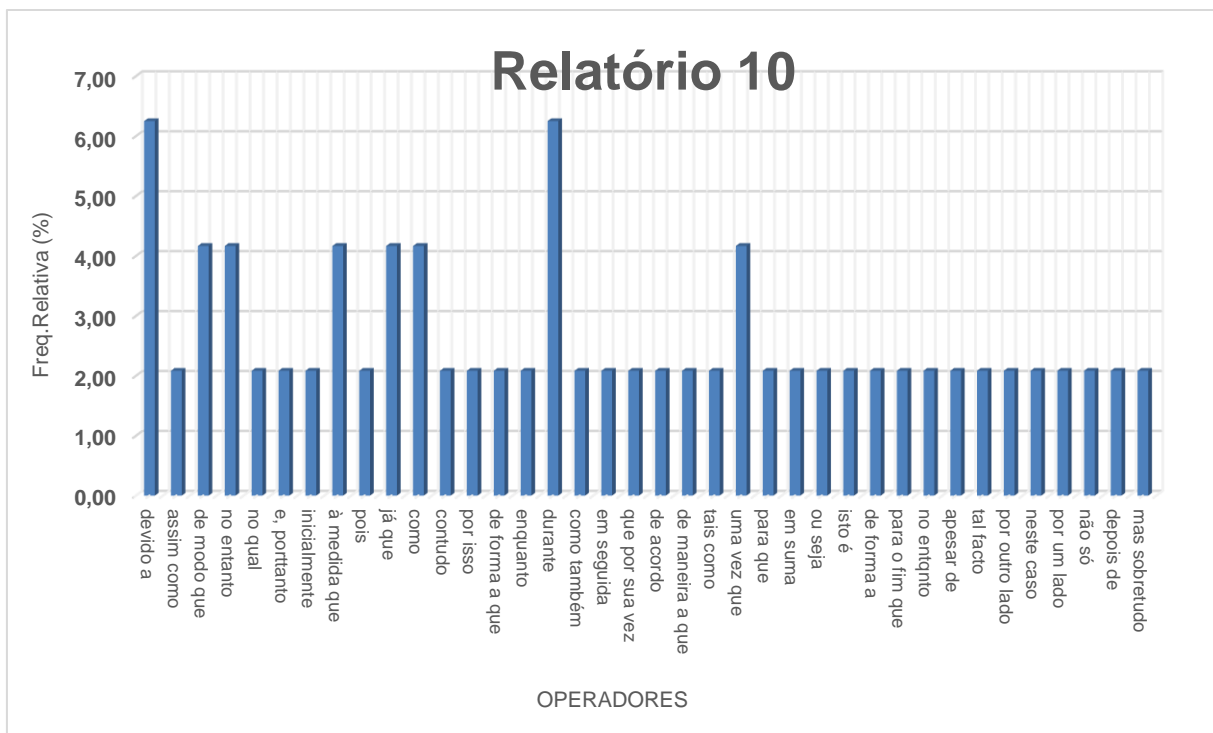


Gráfico 11: Síntese R10

4.3 Ocorrências de operadores discursivos nos relatórios

O levantamento das ocorrências permite-nos observar que encontramos um emprego considerável de operadores discursivos. Portanto, não temos dúvidas de que a presença dessas expressões, que são o foco da nossa pesquisa, deve ser levada em linha de conta quando se trata de textos dissertativos / argumentativos. Desta forma, tais expressões são relevantes tanto na estruturação textual, como nos efeitos de sentido. Para Desmet (2005:238):

D'un point de vue strictement linguistique, la linguistique textuelle se distingue des autres disciplines d'interprétation qui constitué le champ multidisciplinaire de l'analyse de discours, bien qu'elle en soit connexe et qu'elle y trouve des éléments communs d'analyse. Dans cette perspective, les textes sont, dans un premier plan, la

source des données pour l'analyse de tous les plans de la langue.⁷

Assim, relativamente aos resultados individuais, destacar os R1 e 4 que obtiveram um maior número de operadores discursivos detetados, mas menor frequência. Assim, podemos, talvez, assumir que os indivíduos que redigiram esses relatórios têm um melhor domínio / conhecimento dessas estruturas lexicais, i.e., têm mais facilidade em produzir textos coesos, coerentes e com menos desvios à norma do PE.

Quanto aos R2, 5, 6, 7 e 10, em comparação com os relatórios acima referenciados, apresentam um menor número de operadores selecionados e apresentaram ocorrências em maior número.

Os R3 e 9, quanto ao número de operadores encontrados, têm quase a mesma média se comparados com os anteriores, só que nestes o número de ocorrências é inferior. Já o R8 é o que apresenta o menor número de operadores detetados, com um número menor de ocorrências e com a mesma frequência.

Isso faz-nos pensar que esses sujeitos revelam maior dificuldade em elaborar textos eficientes. Quanto à produção global (coletiva), detetámos nos 10 relatórios, quatrocentos e oitenta e nove operadores (cf. Apêndice II), dos quais dezanove foram os mais usados, a saber:

⁷ Tradução nossa, feita do original – “Do ponto de vista da linguística, a linguística textual distingue-se das outras disciplinas de interpretação que constituem o campo multidisciplinar da análise de discursos, bem como em sua conexão, embora esteja relacionado a ele e encontre um primeiro plano, a fonte dos dados para a análise de todos os planos da linguagem.”

Operadores	Ocorrências	Porcentagem (%)
“ou seja”	17	3,48
“uma vez que”	14	2,86
“no entanto”, “para que”, “pois”	13	2,66
“também”	12	2,45
“porém”, “enquanto”, “por outro lado”	11	2,25
“isto é”	10	2,04
“por isso”, “como”, “assim”	9	1,84
“de forma a”	8	1,64
“embora”, “por exemplo”, “depois”, “contudo” e “como também”	7	1,43

Tabela 22: Frequência global dos 10 relatórios

Os resultados obtidos irão permitir aferir o grau de proficiência dos alunos que produziram esses relatórios, i.e., vamos verificar, com a ajuda do QECR⁸, em que patamar de proficiência linguística se encontram.

4.4 Proficiência Linguística

Como já fizemos referência nos pressupostos teóricos (cf. 2.2), o termo *competência* é um conceito controverso, tanto na área da Linguística quanto na área da Linguística Aplicada.

A proficiência linguística está relacionada com a capacidade e a

⁸ Apesar de o QECR estar orientado para determinar níveis de proficiência de uma língua estrangeira, acreditamos que este é um instrumento que pode ser adaptado para a realidade angolana.

competência que um indivíduo possui, que lhe permitem agir linguisticamente, de forma a modificar a língua que utiliza e suprir deficiências na comunicação. Por proficiência linguística, o QECR define uma competência geral, analisável em competências parciais, que habilita os indivíduos a participar ativamente utilizando a língua nas suas interações sociais. Ressalta-se, neste caso, a importância do QECR na questão em estudo, ainda que seja necessária uma adaptação à realidade que estudamos. Procuramos a capacidade de buscar a coerência, reconstruindo a mensagem, de acordo com a situação e a função comunicativas subjacentes.

O Quadro Europeu Comum de Referência foi apresentado em 2001 pelo Conselho da Europa no âmbito do Projeto “Políticas Linguísticas para a Europa Multilíngue e Multicultural”. É um instrumento de regulação que fornece uma base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais, etc., na Europa.

Este instrumento descreve exaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua comunicação.

Define ainda os níveis de proficiência que permitem medir as etapas da aprendizagem e ao longo da vida (cf. QECR, 2001:19). Para Leitão (2007:1):

(...) procurar orientar todos aqueles que estejam envolvidos, direta ou indiretamente, no ensino e aprendizagem de idiomas no espaço europeu, com particular destaque para professores, autores de materiais didáticos, examinadores, centros de certificação e avaliação, formuladores e agentes que tutelem a educação.

O ensino da língua portuguesa, no contexto angolano, tem uma relevância semelhante àquela que tem o ensino de outras línguas, pelos cidadãos da União Europeia, na medida em que temos o português como língua oficial e de escolaridade. Este facto significa que a língua portuguesa é ensinada até aos dias de hoje como língua materna, seguindo a norma do português padrão europeu. Por isso, há que desenvolver ações para o aumento da competência comunicativa dos falantes. De modo a cumprir as suas funções, o QECR tem que ser abrangente, transparente e coerente, isto é, deve tentar especificar um leque de conhecimentos linguísticos, de capacidades e de uso tão amplo quanto possível e deve procurar também que todos os utilizadores sejam capazes de descrever os seus objetivos, etc., tomando-o como referência.

Deverá diferenciar as várias dimensões consideradas na descrição da proficiência em língua e fornecer uma série de pontos de referência (níveis ou patamares) que permitam calibrar o progresso na aprendizagem (cf. QECR, 2001:27).

O QECR não deve esquecer que o processo de aprendizagem é contínuo e individual. Um falante de uma língua não tem nunca as mesmas competências, nem as desenvolve da mesma maneira que outro, quer se trate de falantes nativos ou de aprendentes estrangeiros (QECR, 2001:40). Tendo em conta a abordagem do QECR relativamente à aprendizagem de línguas não maternas, a finalidade do ensino da língua é tornar os aprendentes competentes e proficientes na língua em causa (Conselho da Europa, 2001:13).

An Introductory Guide to the Common European Framework (CEFR)

ocupa três capítulos (do capítulo 3 ao capítulo 5) com abordagens em torno dos níveis comuns de referência, as categorias necessárias, a descrição da utilização da língua pelo aprendente/utilizador e as suas competências gerais e comunicativas.

Desta forma, é possível a implementação do ensino das línguas nos diferentes países usando um mesmo padrão de referência (cf. Pinto, 2020:117).

Os níveis de proficiência linguística no QECR estão divididos em três: A, B e C, em sistema de árvore ou pirâmide, começando de uma base e encaminhando-se para o topo, à medida que ele for aumentando. Cada nível possui ainda dois subníveis (A1 e A2; B1 e B2; C1 e C2).

O nível A corresponde ao utilizador elementar, o nível B ao utilizador independente e o nível C ao utilizador avançado. Os subníveis podem ser classificados como A1 – iniciante; A2 – Básico; B1 – Intermediário; B2 – intermediário superior; C1 – Avançado e C2 – Avançado superior.

O nível A1, de iniciação, é considerado o nível básico do uso da língua, em que o aprendente consegue interagir, com ajuda do interlocutor, sobre assuntos concretos do seu quotidiano, usando frases feitas, vocabulário e expressões de uso muito frequente. (QECR, 2001:61).

O nível A2, chamado de nível elementar, incorpora os descritores que indicam relações sociais, onde o aprendente manifesta competência pragmática para lidar com situações simples do quotidiano. Neste nível são desenvolvidos o saber fazer / saber atuar (QECR, 2001:61).

Quando um utilizador alcança o nível B1, considerado o nível intermediário, verifica-se nele a capacidade de manter a interação com outros

falantes em contextos variados, nos domínios privado, público, educativo e profissional. Manifesta já algumas competências discursivas e pragmáticas para lidar de forma eficiente, e com alguma autonomia, com situações comuns do quotidiano. (QECR, 2001:61-62).

No nível B2, o aprendiz já é capaz de fazer uma utilização independente da língua, podendo manifestar os seus pontos de vista e defender as suas ideias, exprimindo-se com maior autonomia. É capaz de evidenciar os seguintes descritores (QECR, 2001:63-64):

1. Eficácia da argumentação – o aprendiz é capaz de argumentar com propriedade e eficácia;
2. Eficácia do discurso social – o aprendiz é capaz de manter uma conversação fluente e autónoma;
3. Consciencialização linguística e autocorreção de erros linguísticos – o aprendiz tem uma maior consciência dos seus erros e controla o seu discurso.

Em Angola, as expectativas em relação às capacidades de um aprendiz de uma língua como língua segunda apontam para a capacidade de comunicação oral fluente sobre qualquer tópico ao seu nível intelectual, a capacidade de leitura e de escrita prática, e a capacidade de funcionar linguisticamente no seio de uma ampla comunidade de falantes.

No nível B2+, denominado Vantagem Forte, o aprendiz mantém a atenção à argumentação, à eficácia do discurso social e à consciencialização linguística verificada em B2. Todavia, o destaque dado à argumentação e ao discurso social pode também ser interpretado como uma nova atenção às capacidades discursivas. (QECR, 2001:64).

O nível C1, denominado como o de Autonomia, é caracterizado pelo fácil acesso a uma ampla gama de recursos linguísticos, que permitem uma comunicação espontânea e fluente, i.e., é capaz de se exprimir fluente e espontaneamente, quase sem esforço. Tem bom domínio de um repertório lexical amplo que permite que as lacunas sejam reconhecidas rapidamente com circunloquções.

Há pouca procura óbvia de expressões ou de estratégias de evitação; só um assunto conceptualmente difícil impede o fluxo normal e corrente do discurso.

O nível C2, denominado Mestria, não pretende implicar uma competência igual ou próxima à do falante nativo. Os descritores listados aqui incluem (QECR, 2001:64):

1. Transmite com precisão subtileza de significado, utilizando, com razoável exactidão, um amplo leque de mecanismos modalizadores;
2. Tem um bom domínio de expressões idiomáticas e de coloquialismos e a consciência dos significados conotativos;
3. Volta atrás e reestrutura uma dificuldade com tanta facilidade que o interlocutor mal se apercebe disso.

O QECR é um sistema de apoio adequado aos agentes envolvidos no ensino, aprendizagem e avaliação de línguas, uma vez que sugere métodos para promover a aprendizagem da língua e promover a confiança nos aprendentes.

Daí a importância desse instrumento no estabelecimento do nível de proficiência, já que intervém no sistema de ensino e aprendizagem, usando

padrões comuns em qualquer país da comunidade.

Assim, como o objetivo de ressaltar questões ao nível semântico e pragmático vamos perceber como este Quadro aborda os operadores de sequencialização do discurso.

4.4.1 Operadores discursivos e o QECR

A língua dispõe de diferentes operadores discursivos, partículas gramaticais, que, ao introduzirem diferentes partes de textos (períodos, parágrafos), representam estratégias discursivas distintas para a apresentação da conclusão.

O QECR advoga que o aprendiz adquira uma competência comunicativa. Desta competência fazem parte as seguintes componentes: linguística, sociolinguística e pragmática. A primeira engloba «conhecimentos e capacidades lexicais, fonológicas e sintáticas, bem como outras dimensões da língua enquanto sistema. O aprendiz deve ter conhecimento da gramática da língua». (QECR, 2001:34).

A segunda refere-se «às condições socioculturais do uso da língua. O aprendiz deve conhecer regras sociais que orientem o uso da língua e deve saber adequá-las às características dos interlocutores, do contexto e da situação de comunicação». (QECR, 2001:35).

Por último, a terceira componente tem a ver «com o uso funcional dos recursos linguísticos, ao domínio do discurso, da coesão e da coerência» (QECR, 2001:35). «O aluno deve ser capaz de desenvolver um discurso com organização temática, coesão e coerência». (QECR, 2001:178).

Como se pode ver, a escolha de determinadas unidades linguísticas

constitutivas da gramática é determinada pelos aspetos macroestruturais do texto. Neste sentido, o QECR apresenta um quadro intitulado “coerência e coesão” em que caracteriza os vários níveis de proficiência, de acordo com este parâmetro:

COERÊNCIA E COESÃO	
C2	É capaz de criar um texto coeso utilizando toda uma variedade de padrões organizacionais adequados e um amplo leque de mecanismos de coesão.
C1	É capaz de produzir um discurso claro, fluido e bem estruturado, que revela um domínio de padrões organizacionais, de conectores e de mecanismos de coesão.
B2	É capaz de utilizar, de forma eficaz, uma variedade de palavras de ligação para marcar claramente a relação entre as ideias.
	É capaz de utilizar um número limitado de mecanismos de coesão para ligar os enunciados num discurso claro e coerente, embora numa intervenção longa possa haver alguns ‘saltos’.
B1	É capaz de ligar uma série de elementos curtos, distintos e simples e construir uma sequência linear de informações.
A2	É capaz de utilizar os conectores que ocorrem mais frequentemente para ligar frases simples e contar uma história ou descrever algo como uma lista simples de informações.
	É capaz de ligar grupos de palavras com conectores simples, como <i>e</i> , <i>mas</i> e <i>porque</i> .
A1	Não há descritor disponível.

Tabela 23: QECR (2001:178).

4.4.2 Os dados do *corpus* e o nível de proficiência

As competências linguística e a comunicativa são um processo cujos níveis ascendem progressivamente. À medida que o falante aumenta o seu nível de escolaridade é provável que os níveis de proficiência aumentem, do mais elementar à excelência.

Na nossa realidade, devido às debilidades, o ensino de massas dirige-se a um público diferenciado, principalmente nas grandes cidades. Deve ter em conta as diferenças de desenvolvimento entre os alunos, mesmo que sejam da mesma faixa etária. A proficiência linguística pode ser vista como um indicador do nível de conhecimento alcançado pelo falante, independentemente da idade.

Neste sentido e em função dos parâmetros do QECR acima referenciados, os produtores destes relatórios foram classificados por níveis de proficiência - A, B e C, assim como os seus subníveis A1, A2, B1, B2, C1 e C2.

Para o estabelecimento do nível de proficiência, levamos em consideração o número de operadores selecionados, e o número de incoerências (uso inadequado dos operadores) em cada relatório. Por exemplo, podemos observar que os R1 e R4 foram produzidos por alunos que se encontram num nível de proficiência C1, porque selecionaram um maior número de operadores discursivos e cometeram menos incoerências e/ou desvios à norma do PE.

Desta maneira, neste nível, também denominado (Autonomia), esses alunos foram capazes de produzir um relatório mais bem estruturado. Para Peixoto (2016:159):

A adequação do emprego e diversidade do uso de operadores discursivos e de conectores lógicos caracterizam um bom texto dissertativo / argumentativo. A adequação do emprego garante que os elos semânticos criados por esses elementos sejam corretamente estabelecidos. Já a diversidade garante a utilização de diferentes estratégias discursivas na formulação e reformulação de argumentos.

Em relação aos R2, 5, 6, 7 e 10, verificámos que podemos enquadrá-los também no nível C1, só que esses são menos eficazes, na medida em que utilizam menos operadores discursivos, mas um número maior de frequência e cometeram mais incongruências. Significa que, os produtores destes relatórios utilizaram entre 40 – 50 e os mais usados entre 5 -10 operadores discursivos, que lhes permitiram uma elaboração mais / menos bem conseguida.

Quanto aos alunos que produziram os R3 e 9, podemos inseri-los no nível B2 de proficiência, porque utilizam um número limitado de operadores discursivos, o que dificulta, em certa medida, o seu poder de argumentação. Segundo os parâmetros do QECR acima referenciados, esses alunos foram capazes de utilizar, de forma eficaz, uma variedade de partículas de ligação para marcar claramente a relação de ideias, mas cometeram mais irregularidades de ordem sintática, semântica e/ou pragmática.

Os alunos que produziram o R8, também podem ser nivelado em B2. A diferença, em comparação com os outros alunos do mesmo nível de proficiência, reside no número ainda mais limitado de operadores discursivos, o que nos faz deduzir que tenham um mais fraco domínio dessas estruturas, resultando daí maiores dificuldades na estruturação e fluidez do discurso. Significa que estes alunos cometem incongruências ao nível da ordenação lógica do pensamento, da pontuação e da ortografia de certos operadores.

A abordagem semântico-pragmática dos operadores de sequencialização do discurso revela que eles nos ajudam a compreender e a interpretar, com maior clareza, o ato comunicativo, uma vez que essas unidades linguísticas cumprem funções muito importantes na construção do sentido do discurso em que estão presentes de forma que, ao funcionarem como sinalizações para a interpretação textual e argumentativa, facilitam a compreensão.

Por outro lado, devemos ter em linha de conta que, com base nesta abordagem, verificámos que essas unidades constituem evidências óbvias de que o que se diz não é tudo o que se comunica, mas que, quando comunicamos, apresentamos o que foi dito como estímulos para desencadear inferências que se orientam por determinadas formas linguísticas.

Conforme apresentado no capítulo do enquadramento teórico (Capítulo II), na abordagem de Ducrot (1980); Zorraquino e Portolés (1999), a língua dispõe de diferentes operadores lógicos, partículas gramaticais, que, ao introduzirem diferentes partes do texto, estabelecem entre elas relações semânticas. Neste sentido, esperamos ter ilustrado o nível de proficiência linguística, no que diz respeito aos operadores discursivos na construção coesa e coerente desses relatórios.

No quadro abaixo apresentamos uma síntese dos níveis em que se encontram os produtores desses relatórios, onde demonstramos que os alunos que utilizaram um maior número dessas unidades linguísticas, com função de conexão, elaboraram um texto com maior fluidez e com menos desvios; já os que usaram um número inferior, construíram textos menos estruturados e com um maior número de incorreções:

Nº de R.	Nº de operadores	Percentagem (%)	Nível de proficiência
01	68	13,96	C1
02	50	10,22	C1
03	41	8,38	B2
04	75	15,33	C1
05	50	10,22	C1
06	42	8,58	C1
07	41	8,38	C1
08	34	6,95	B2
09	40	8,17	B2
10	48	9,81	C1
Total	489	100	

O gráfico sintetiza a informação da tabela acima relativa ao nível de proficiência dos sujeitos que produziram estes relatórios:

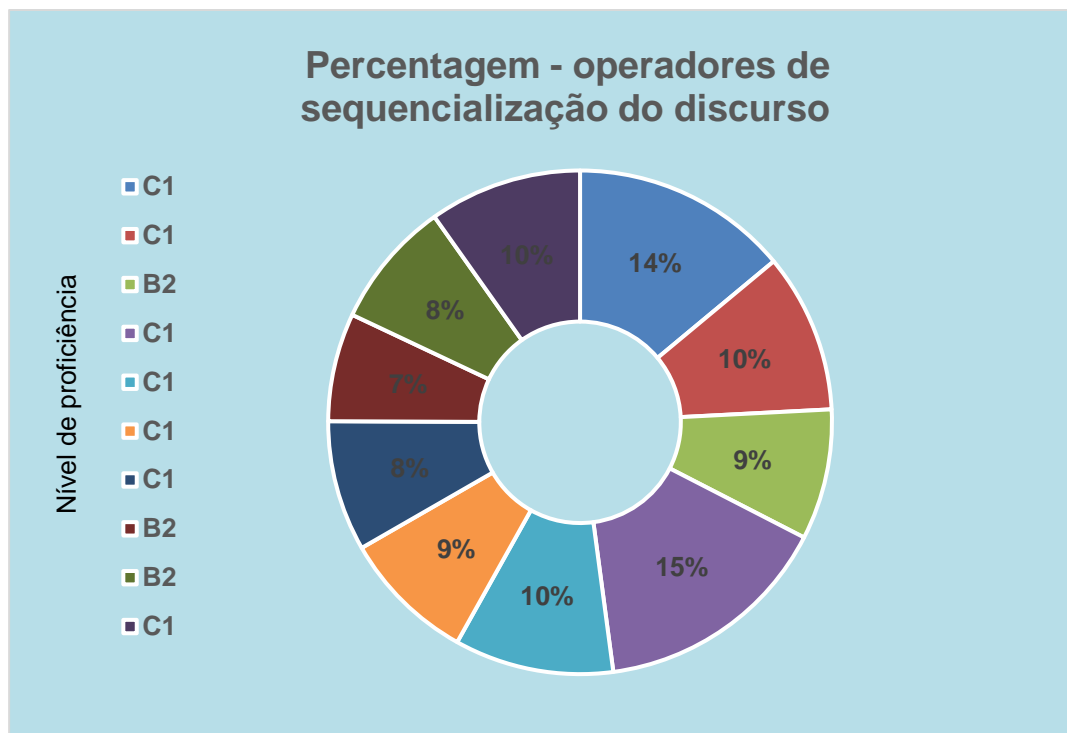


Gráfico 12: Operadores do discurso em %

É nossa convicção, na senda de Raposo (2013:288), que «(...) os elementos lexicais ou gramaticais que passam a desempenhar funções ao nível da organização do discurso.» são denominados operadores discursivos.

Por esse motivo e, partindo do papel que eles têm na construção dos textos, nomeadamente, no encadeamento das ideias e na expressão de intenções e de pontos de vista, procurámos, sobretudo, chamar a atenção para a classificação do nível de proficiência linguística. Tal exigiu de nós uma sensibilidade linguística para perceber as estratégias coesivas usadas nos relatórios, de forma a adequadamente o sentido pretendido ser veiculado.

4.5 Síntese

No capítulo que acabámos de ver, analisámos as incongruências no uso

dos operadores de sequencialização do discurso nos relatórios produzidos pelos alunos da instituição em causa. Sabemos que essas unidades linguísticas se encontram ao serviço da conexão discursiva, uma vez que explicitam a relação que une um determinado segmento textual.

Tivemos a oportunidade de observar que este tipo de ligação é imprescindível para a criação da textura, pois compreender um texto traduz-se na construção de uma representação mental coerente e razoavelmente próxima da pretendida pelo locutor na fase da produção do texto.

Depois da análise efetuada, concluímos que as incongruências que se verificam, quanto aos operadores de sequencialização do discurso, são decorrentes do fraco conhecimento dessas unidades por parte dos alunos, mas também por parte daqueles professores não especialistas na área de Linguística, que não transmitem de maneira sólida estes conteúdos.

Se ao facto exposto adicionarmos a materialização linguística levada a cabo por estes alunos no domínio da coesão e da coerência intra e interoracional, ocorrem determinados estrangulamentos de ordem sintático-semântica que envolvem todo um processo que exige a intervenção dos níveis linguísticos e discursivo-textual.

Em relação à produção escrita, no que diz respeito aos operadores discursivos, é razoável apesar da interferência da oralidade, isto é, alguns alunos escrevem certas expressões da mesma maneira que as pronunciam.

Verificámos também, com a análise dos excertos, o nível de proficiência linguística dos alunos à saída do IIº ciclo do ensino secundário e constatámos que ainda possuem algumas dificuldades no uso dessas estruturas linguísticas.

Em face dos dados apresentados, podemos perceber que os alunos

possuem um conhecimento razoável dos operadores discursivos na construção dos seus relatórios. No entanto, há uma evidente assimilação de tais recursos na prática, pois de entre os excertos analisados notámos poucos onde foram utilizados variada gama de operadores e grafados de forma correta.

Notámos, ainda, enunciados contraditórios e de difícil compreensão e interpretação, em função do uso inadequado dos operadores de sequencialização do discurso, razão pela qual deduzimos que existem ainda, neste nível de ensino, muitas debilidades no desenvolvimento de uma produção textual coesa e coerente.

CONCLUSÃO

Uma vez concluída a pesquisa, resta-nos apenas tecer algumas considerações em guisa de conclusão. O balanço foi claramente positivo, embora tenhamos encontrado, ao longo desta caminhada, alguns obstáculos.

Pensamos ter conseguido aquilo a que nos propusemos no início do presente trabalho: analisar o uso de operadores de sequencialização do discurso nos trabalhos de fim de curso dos alunos do IMPPL.

A abordagem semântico-pragmática dessas unidades linguísticas vai colocar em destaque o facto de que elas nos ajudam a entender e a interpretar com maior clareza o ato comunicativo, já que estas unidades são fundamentais na construção do sentido do discurso. Assim, «É pela interpretação não só do código, mas pela capacidade inferencial que o ser compreende as mensagens.» (Marçalo, 2008:261).

Para além do capítulo introdutório de contextualização da língua portuguesa em Angola, a pesquisa que nós desenvolvemos apresenta três momentos claramente separados entre si, mas entre os quais existem elos. O primeiro momento constitui o enquadramento teórico, onde foi realizada uma abordagem usando referenciais teóricos de estudiosos renomados e de elevado grau de reconhecimento, no que aos estudos dos operadores discursivos diz respeito. São os casos de Zorraquino, Portolés, Adam, Ducrot, van Dijk, Vilela e, tantos outros, que deram um contributo relevante. No segundo momento, traçámos o desenho metodológico que nos permitiria o desenvolvimento da nossa investigação. Particularizando, recorreremos a um *corpus* escrito e, deste, fizemos uma abordagem quantitativa, onde aferimos o nível de proficiência dos relatórios, e predominantemente qualitativa, onde fizemos uma análise interpretativa. Do *corpus* por nós recolhido, seleccionamos

e analisamos os excertos.

Os objetivos e as hipóteses elencados na introdução do estudo permitiram-nos chegar a algumas conclusões:

- A análise da utilização dos operadores discursivos permitiu apontar algumas incorreções, devido ao facto de os alunos enquadrarem inadequadamente certos operadores discursivos. Tivemos, igualmente, a oportunidade de observar que as incongruências linguísticas não se manifestam apenas ao nível da dimensão semântica e pragmática, mas também ao nível da dimensão sintática e ortográfica, como por exemplo, a falta de concordância entre os elementos do texto, a falta de pontuação e a escrita incorreta de alguns conectores: “mais”, “uma vês que”, “é”, etc.
- Quanto às propostas de melhoramento da coesão e da coerência do texto, percebemos que os alunos utilizaram os elementos essenciais pertencentes a este género de texto, isto é, os relatórios apresentaram uma estruturação boa, na medida em que encontramos elementos necessários para a compreensão, interpretação e momentos de sequencialização do discurso. No entanto, houve também que notar incoerências em muitos excertos, devido ao uso inadequado dos operadores.
- Em relação ao nível de proficiências linguística, observamos que os alunos que produziram estes relatórios mostraram possuir um nível razoável, e aceitável, que varia entre o B2 e o C1. É aceitável, na medida em que na nossa realidade um aluno do IIº Ciclo do Ensino Secundário e, em transição para o Ensino Superior, e/ou para o

mercado de emprego deve ingressar, no mínimo, com o nível B2. Destacar aqui as palavras de Grosso (2008:109), que explicitam a utilidade e a importância da proficiência linguística, quando afirma que:

É pela observação e descoberta, que o aprendente, num tempo gerido eficazmente, desenvolve potencialidades para a proficiência da língua, usando estratégias de aprendizagem de acordo com o perfil e as suas necessidades. Estas por sua vez, são evidenciadas pelo ensinante, quando descreve, de forma clara e simples, as regras de uso e de emprego da língua-alvo e mostra, embora de modo lacunar, o que o funcionamento da língua-alvo tem de particular.

Assim, nestes níveis de proficiência, o aluno deve saber «(...) exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso.» (QECRL, 2001: 49).

- Em relação ao conhecimento adequado dos operadores discursivos, observámos que os alunos que produziram os relatórios analisados possuem um conhecimento satisfatório, uma vez que detetamos nos seus trabalhos um número considerável, e diversificado, de operadores discursivos (cerca de 489 operadores discursivos - ver apêndice II).

De forma geral e, de acordo com as perguntas de partida, colocadas na introdução, concluímos que os alunos, neste nível de ensino, revelam:

- I) Uma noção e um domínio razoável sobre a utilização dos operadores discursivos.
- II) Apresentam algumas dificuldades no emprego destas unidades linguísticas, embora tenham uma noção e um

domínio razoável.

- III) Um nível de proficiência aceitável de acordo com os critérios do QECR.

A contribuição que pudemos dar aos estudos linguísticos, tal como a vimos, e especificámos ao longo da pesquisa, mesmo que seja modesta em termos descritivos do fenómeno linguístico, teria o mérito de chamar a atenção, de forma sistemática, para o uso e importância destas unidades linguísticas e poder consubstanciar um subsídio para o trabalho com estes operadores, sobretudo, o trabalho didático no ensino da língua portuguesa como língua segunda a que fizemos referência no início desta pesquisa.

Limitações do estudo e perspectivas futuras

As limitações incidiram sobre a dificuldade que tivemos em recolher o material que serviu de base para a análise deste estudo, visto que tínhamos de nos deslocar a Angola e as condições financeiras, na altura, não eram as mais favoráveis. Ainda assim, não desmoralizámos e, em meados (julho / agosto) de 2018, com a anuência do Consulado de Angola em Lisboa, viajámos para o país. Fomos à Instituição que serviria de base para a nossa pesquisa, pedimos autorização à direção e foi-nos concedido o levantamento dos relatórios.

Neste contexto, vamos assumir as insuficiências e possíveis aspetos que podiam ser tratados, mas que não foram por limitações temporais. Sabemos que os estudos possuem as suas limitações que lhe são próprias e podem servir de base para futuros trabalhos, restando a necessidade de

melhor explorar o t3pico aqui discutido a partir da amplia33o de par3metros e do *corpus* de an3lise. Da3 que, Luke e Andr3 (1986:22) explicitam que «a import3ncia de determinar os focos de investiga3o e estabelecer os contornos do estudo decorre do facto de que nunca ser3 poss3vel explorar todos os 3ngulos do fen3meno num tempo razoavelmente limitado».

Vamos esperar, assim, que esta pesquisa represente mais uma possibilidade de discuss3o destas unidades lingu3sticas. Neste sentido, poderemos incluir, no futuro, alunos do Ensino Superior e todos aqueles que, de maneira cr3tica, veem a l3ngua portuguesa como um instrumento de comunica3o e que, ao se apropriarem dela, aproveitam as suas m3ltiplas facetas para a constru3o do sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adam, J. M. (2011). *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*. Coll. Cursus (3ème édition revue et complétée. Paris: Armand Colin.
- Adam, J. M. (2008). *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Tradução: Maria das Graças Rodrigues et al. São Paulo: Cortez.
- Adriano, P. S. (2014). *Tratamento Morfossintático de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola – Divergências em relação à Norma Europeia*, Tese de Doutoramento em Linguística. Évora: Universidade de Évora.
- Alcobia-Gomes, M. A. C. F. (1998). *Alfabetizar em Cabo-Verde – Um Processo Isomorfo Sociocultural*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta.
- Almeida, L. (2001). *Análise semântica de operadores argumentativos em textos publicitários*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.
- Ançã, M. H. S. F. (2003). “O ensino da língua portuguesa na construção de memórias”, *In Colloque Franco-Capverdien sur langue et mémoire*, Praia (Cabo-Verde), Org. Université de Paris X, Nanterre / ISE).
- Anscombe, J. C. & Ducrot, O. (1988). *L'argumentation dans la langue*. 2ª ed. Belgique: Pierre Mardag.
- Bakthin, M.; Volochinov, V. (1976). *Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)*. Tradução do inglês por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Versão em língua inglesa de I. R. Titunik (original de 1926). New York: Academic Press.
- Barbeitos, A. (1983). O português em Angola, *In Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*, 2ª mesa-redonda sobre a língua portuguesa

- no mundo: Unidade e diversidade do português, Moderador Salvato Trigo, Actas-volume I, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, pp.421-424.
- Bassols, M. & Torrent, A. M. (2003). *Modelos textuales: Teoría y práctica*. Barcelona: Eumo / Octaedro.
- Beaugrande, R. (1997). *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge of Society*. Norwood, New Jersey: Ablex.
- Bechara, E. (2003). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed. ver. e ampl. – Rio de Janeiro: Lucerna.
- Benveniste, E. (1995). *Problemas da Linguística Geral I*. São Paulo: Pontes.
- Blass, R. (1990). *Relevance relations in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cabral, L. A. V. (2005). *Complementos Verbais Preposicionados do Português em Angola*, Tese de Mestrado em Linguística. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Calsamiglia, H. & Túson, A. (2008 [1999]). *Las cosas del decir. Manual de análisis del discurso*. Barcelona: Ariel.
- Canale, M.; Swain, M. (1980). *Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing*. Applied Linguistics, Vol.1, Nº1. Oxford University.
- Carvalho, A. D. (org.) (1995). *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, J. A. B. (2001). "O Ensino da Escrita". In: F. Sequeira, J. A. B. Carvalho & A. Gomes (orgs). *Actas do Encontro de Reflexão sobre o Ensino da Escrita: Ensinar a Escrever*. Teoria e Prática. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia.
- Carvalho, J: G.H. (1979). *Teoria da Linguagem: natureza do fenómeno linguístico e a*

- análise das línguas*. Tomo II, 3ª tiragem. Coimbra: Atlantida Editora, S.A.R.L.
- Cassany, D. (1993). *La cocina de la escritura*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- Castilho, A. T. (2012). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- Castro, I. (2006): “Norma Linguística e Ensino do Português”. In: *Caderno Escolar. Pensar a Escola*, n.º 3. Lisboa, pp. 30-34.
- Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (2012). *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução de Fabiana Komseu. São Paulo: Editora Contexto.
- Charolles, M. (1988). “Les plans d’organisation textuelle : périodes, chaînes, portées et séquences”, In *Pratiques n°57 : L’organisation des textes*. Éditeur : Centre de recherche sur les médiations (CREM), pp. 3-13.
- Chicuna, A. M. (2018). *Tratamento lexicográfico dos Portuguesismos nas línguas bantu: para um dicionário português- Kiyombe*, 3ª edição. Tese de Doutoramento em Linguística, Especialidade: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – FCSH.
- Chomsky, Noam (1965). *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Tradução José António Meireles e Eduardo P. Raposo. 2. ed. Coimbra: Arménio Amado Editor.
- Coelho, S. (2002). Angola – Língua Oficial e línguas nacionais. Seabra, J.A. (coord.) *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº2, pp.25 – 40.
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência Para as Línguas*. Porto: Edições Asa.
- Coseriu, E. (1962). “Determinación y entorno”. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, pp. 2282-323.
- Costa Val, M. G. (2006). *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Costa, A. F. (2006). *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola*, Luanda: Universidade Católica de Angola (UCAN).

Coutinho, M. A. D. C. (1999) *Texto (s) e Competên*

cia Textual. Tese de Doutoramento em Linguística. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, FCSH.

Cuesta, P. V., Luz, M.^a A. M. (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*, 2^a ed., Lisboa: Edições 70.

Cuq, J. P. (1991). *Le Français Langue Seconde*. Paris: Hachette.

Desmet, I. (2005). “Mots, Termes et Contextes”. In : *Actes de septièmes Journées scientifiques du réseau de chercheurs. Lexicologie, Terminologie, Traduction*. Bruxelles, Belgique – 8,9 et 10 septembre 2005.

Dooley, L. M. (2002). “Case Study Research and Theory Building”. In: *Advances in Developing Human Resources* (4), 335-354.

Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa. Instrumentos de análise*. Universidade Aberta.

Duarte, I. (2003). “Aspectos linguísticos da organização textual”. In Mateus et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5^a ed. Revista e Ampliada. Lisboa.

Ducrot, O., Todorov, T. (2001). *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 3^a ed., São Paulo: Perspectiva.

Fagherazzi, D. (2007). *Uma abordagem Semântico-Pragmática da Comunicação on-line via Orkut*. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Sul: Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Fávero, L. L., Koch, I. G. V. (2000). *Linguística Textual: Introdução*, 5^a ed. São Paulo: Cortez Editora.

Fernanda, I. (2013). “Marcadores discursivos e efeitos de sentido: além das fronteiras dos estudos sobre coesão”. In: *Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo*. São Paulo: Editora Paulistana, 42 (3), pp. 1073-1087, set-dez 2013.

- Ferreira, P. C. (2005). *A Reformulação do texto*. Coleção Cadernos do CRIAP. Lisboa: Asa.
- Fonseca, F. I. (1994). *Gramática e Pragmática: Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora.
- Fonseca, J. (1988). "Coerência do Texto". In *Revista da Faculdade de Letras/Línguas e Literaturas*, vol. V. Porto: Faculdade de Letras, 7-18.
- Fonseca, J. (1993). *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*. Porto: Porto Editora.
- Fonseca, J. (1992). *Linguística e texto / Discurso - Teoria, Descrição, Aplicação*. 1ª edição. ICALP: Lisboa.
- Foucault, M. (1997). *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Trad. Luiz Filipe Baeta neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Galisson, R. e Coste, D. (1983). *Dicionário de didáctica das línguas*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Gonçalves, P. (2000). "A Situação Linguística em Moçambique – Opções de Escrita, Construção / Abandono de uma variedade de Português em Moçambique". In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa: AULP.
- Grosso, M. J., et al. (2011). *Documento orientador do Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro*. Lisboa: Texto Editores.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipia Editora, Lda.
- Halliday, M. A. K. e Hassan, R. (1990). *The Role of Discourse Analysis for Translation and in Translator Training*. London: Edward Arnold.
- Halliday, M. A. K. & Hassan, R. (1989). *Language, Context and Text: Aspects of Language in a Social Semiotic Perspective*. 2.ed. Oxford: Oxford University

Press.

- Halliday, M. A. K. & Hassan, R. (1976). *Cohesion in English*. London: Longman.
- Holzner, B. (1964). *Methodology*. In: *A Dictionary of the Social Sciences*. Julius Gold, William L. Kolb (eds.), pp.425-426.
- Hymes, D. H. (1979). On Communicative Competence. In: Brumfit, C. J. & Johnson, K. *The Communicative Approach to Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, pp.350-365.
- Inverno, L. (2008). “Transição de Angola para o português vernáculo: uma história sociolinguística”. In Luís Reis Torgal (coord.) *Comunidades Imaginadas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.169-182.
- Koch, I. (2005). *O texto e a construção dos sentidos*. 8.ed. São Paulo: Contexto.
- Koch, I. (1993). *Argumentação e Linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora.
- Koch, I.; Elias, V. M. (2010). *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto.
- Koch, I.; Travaglia, L. C. (2003). *A Coerência Textual*. 15ª ed. São Paulo: Contexto.
- Kochman, T. (1982). *Black and White Styles in conflict*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kukanda, V. (2000). Diversidade Linguística em África. *Africana Studia* número 3. CEAUP: Porto.
- Lado, R. (1972). *Introdução à Linguística Aplicada*. Petrópolis: Vozes.
- Leiria, I. (2006). *Léxico, Aquisição e Ensino do Português Europeu Língua não Materna*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lessard – Hébert, M. et al. (2008). *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto PIAGET.
- Leitão, A. R. B. (2007). *Etapas para a aplicação de cursos de PLE (geral e para fins*

- específicos): refletir para agir* (Comunicação apresentada no 4º. Encontro de PLE do Rio de Janeiro). Disponível em: http://proformar.pt/revista/edição_21/etapas.pdf. Consultado em maio de 2019.
- Levinson, S. C. (1983). *Pragmática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lopes, A. C. (2014). “Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos ‘quer dizer’, ‘ou seja’ e ‘isto é’ no português europeu contemporâneo”. *Revista Diacrítica*, 28 (1), 33-50. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S08078967201400010000&lng=pt&nrm=iso . Consultado em outubro de 2019.
- Madeira, A. (2017). “Aquisição de língua não materna”. In Maria João Freitas & Ana Lúcia Santos (eds.). *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*, 305 – 330. Berlin: Language Science Press.
- Maingueneau, D. (1997). *Introdução à Linguística*. 1ª ed. Lisboa: Gradativa.
- Marçalo, J. B. M. (2009). *Fundamentos para uma gramática de funções aplicada ao Português*. Centro de Estudos em Letras. Universidade de Évora.
- Marcushi, L. A. (2010). *Da fala à Escrita: atividades de retextualização*. 10 ed. São Paulo: Corez.
- Marcuschi, L. A. (1989). “Marcadores Conversacionais do Português Brasileiro: formas, posições e funções”. In Castilho, Ataliba de (Org.). *Português Culto Falado no Brasil*. São Paulo: Campinas, pp. 281-322.
- Martinet, A. (1995). *Função e Dinâmica das Línguas*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Mata, I. (2003). “Para uma pedagogia intercultural no ensino da literatura dos outros: A dupla aprendizagem do estudante estrangeiro”. In *1.ªs Jornadas de Língua e Cultura Portuguesa*, Lisboa: Departamento de Língua e Cultura Portuguesa,

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp.55-62.

Mateus, M. H. M. e Carneira, E. (2008). *Norma e Variação*, Lisboa: Editorial Caminho.

Mateus, Maria H. Mira; Brito, Ana Maria; Duarte, Inês; Ferreira, Isabel Hub, (2003).
Gramática da Língua Portuguesa, Lisboa: Caminho.

Mendes, A. (2016). Linguística de corpus e outros usos dos corpora em linguística”. In
Martins, A. M. & Carrilho, E. (Eds.). *Manual de linguística portuguesa*. De
Gruyter.

Miguel, M. H. (2014). *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda*. 1ªed.
Luanda: Mayamba.

Mingas, A. A. (1998). “O português em Angola: Reflexões”. In *VIII Encontro da
Associação das Universidades de Língua Portuguesa* (Vol. 1). Macau: Centro
Cultural da Universidade de Macau, pp.109-126.

Morais, M. F. A. (2011). *Marcadores da Estruturação Textual: Elementos para a
descrição do papel dos Marcadores Discursivos no processamento do texto*,
Tese de Doutoramento. Vila Real de Trás-os-Montes: Universidade de Trás-os-
Montes e Alto Douro.

Neves, M. H. de M. (2002). *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo:
UNESP.

Orlandi, E. L. P. (2008). *Discurso e Texto. Formulação e circulação dos sentidos*. 3.ed.
Campinas: Pontes.

Peixoto, J. dos S. (2016). “A avaliação do emprego de operadores e conectivos
argumentativos”. In: Garcez, Lucília e Corrêa, Vilma (orgs.) *Textos
dissertativos-argumentativos: subsídios para a qualificação de avaliadores*. –
Brasília: Cebraspe, pp.154-163.

Pereira, A. A.; I. V. (2014). “Ensino-Aprendizagem: Referenciação e Progressão

- Textual no Ensino Superior”. In: *Trabalhos de Linguística Aplicada*. Campinas, n (53.1): 183-199, jan. / jun. 2014.
- Pons Bodería, S. (1998). “Connexion y Conectores. Estudio de su relación en registro informal de la lengua”. Anexo nº XXVII da revista *Cuadernos de Filología*. Valência: Universidade de Valência.
- Ponte, J.P. (1994). “O Estudo de caso na Investigação em Educação Matemática”. *Quadrante*, 3 (1), 3 – 18.
- Portolés, J. (1998). “La teoría de la argumentación en la y los marcadores del discurso”. In Martín Zorraquino, M^a. A. & E. Montolío Duran (coords.) *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis*. Madrid: Arco Libros, 71-91.
- Quibongue, M. (2013). *Da Lexicologia e Lexicografia de Aprendizagem ao Ensino da Língua Portuguesa: No II Ciclo do Ensino Secundário: 10^a, 11^a, 12^a e 13^a Classes na E. F. P. Escola de Formação de Professores “COR MARIAE” do Uíje*. Tese de Doutoramento em Linguística. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Quino, A. (2005). *A importância das Línguas Africanas de Angola no processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa*. Monografia para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências da Educação na especialidade de Linguística / Português. Luanda: Instituto Superior de Ciências de Educação de Luanda, Universidade Agostinho Neto.
- Raposo, E. B. P., Nascimento, M.F.B., Mota, M. A.C., L. Segura, L., Mendes, A., & Andrade, A.(eds.) (2020). *Gramática do Português* (Vols. III). Lisboa: FCG.
- Raposo, E. B. P., Nascimento, M. F. B., Mota, M. A. C., Segura, L., & Mendes, A. (eds.) (2013). *Gramática do Português* (Vols. I-II). Lisboa: FCG.
- Reyes, G. (1995). *El abecê de la pragmática*. 1^aed. Madrid: Arcos Libros.

- Richards, J. C., Platt, J. and Platt, H. (1992). *Dictionary of language teaching and applied linguistics*. London : Longman.
- Schneuwly, B., Rosat, M.-C. & Dolz, J. (1989). “Les organisateurs textuels dans quatre types de textes écrits (élèves de 10, 12 et 14 ans)”. *Langue Française* 81, pp.40-58.
- Schneuwly, B. (1988). *Le Langage Écrit chez l’Enfant : la production des textes informatifs et argumentatifs*. Lausanne: Delachâux e Niestlé.
- Sebastião, I. C. dos S. (2012). *Interatividade entre Práticas e Aprendizagens de Estruturas Discursivo-textuais no Ensino Básico – o discurso epistolar*. Tese de doutoramento. Lisboa: FCSH.
- Selinker, L. (1972). “Interlanguage”. *International Review of Applied Linguistics*, 10, pp. 209-241.
- Sim-Sim, I. et al. (1997). *A língua materna na educação básica: competências nucleares e níveis de desempenho*, Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da educação básica.
- Solla, L. (2009). *Aprendizagem de Português L2 – Criação e aplicação de estratégias e materiais conducentes ao sucesso educativo dos alunos*. Porto: Edições ASA.
- Sousa, O. C. (2015). *Textos e Contextos: Leitura, Escrita e Cultura Letrada*. Coleção: Estudos e Reflexões. Porto: Media XXI.
- Spinassé, K. P. (2006). *Os Conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil*. In *Revista Contingentia*, Vol.1, novembro 2006. 01 – 10.
- Stroud, C.; Gonçalves, P. (1997). *Panorama do Português Oral de Maputo: Volume I – Objectivos e Métodos*. Maputo: INDE.

- Tavares, C. F. (2007). *Didáctica do Português, Língua Materna e Não Materna, no Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Undolo, M. E. da S. (20014). *Caracterização da Norma do Português em Angola*. Tese de Doutoramento. Évora: Universidade de Évora.
- Urbano, H. (2001). “Marcadores conversacionais”. In PRETI, Dino (Org.) (2001). *Análise de textos orais*. 5ª edição. São Paulo: Humanitas.
- Van Dijk, T. A. (1984) *Texto y Contexto. (Semántica y Pragmática del discurso)*. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A.
- Vilela, M. (2002). *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Vilela, M. (1995) *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Zorraquino, M. & Portóles, L. (1999). Los marcadores del discurso. In I. Bosque y V. Belmonte (orgs.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Cap. 63, 4051-4213. Madrid: Espasa Calpe.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Contexto de ocorrência do operador e valor

semântico/pragmático

Relatório 1

Contexto de ocorrência do operador		Valor semântico / pragmático
(1)	[...] No primeiro capítulo, abordaremos sobre a resenha histórica da drenagem [...] [...] mostraremos algumas fórmulas de que se utilizará no quarto capítulo para resolução dos cálculos. (pág.vii)	Enumerativo de integração linear Consequência
(2)	Drenagem é um caminho em que a água procura de tubagens [...] No início , a drenagem era basicamente [...], mas depois evoluiu para ... Para melhor entendimento do desenvolvimento das técnicas de drenagem ao longo dos milhares de anos da existência do homem no planeta, a seguir será exposto um rápido estudo [...] (pág.8)	Sequência temporal do discurso, enumerativa Enumerativo
(3)	[...] Suas plantações eram irrigadas com água desviada de uma nascente. De modo semelhante , 800 quilômetros ao Norte, na Ásia menor [...] (pág.9)	Enumerativo/aditivo
(4)	Por volta de 3.500 a. C., os excedentes agrícolas da região já alimentavam uma civilização dispersa com cerca de 870 mil habitantes, que desenvolveram ofícios especializados, um panteão de deuses e a arte de escrever com hieróglifos. Porém , ao contrário da Mesopotâmia [...] (pág.10)	Tempo Adversidade/argumento forte
(5)	[...] o metal era apropriado para a manufatura de armaduras e pontas de armas cortantes. Mas foi somente 1000 anos mais tarde que se conseguiu [...] (pág.11)	Adversidade
	Em volta, espalhavam-se os subúrbios residenciais dos cidadãos. Embora ao contrário do solo mesopotâmico,	Concessão/argumento fraco

(6)	no Egito existissem enormes [...] Enquanto os mesopotâmicos e os egípcios trabalhavam para erguer muralhas, túmulos e templos... (pág.12)	Tempo entre o segmento do discurso
(7)	... surgiu a ideia de construir ductos cobertos para a drenagem urbana. Inicialmente , empregaram-se blocos de argila [...] Os holandeses tornaram-se mestres na arte de resgatar grande parte das terras baixas do mar ou lagos, por meio da utilização [...] (pág.13)	Sequência temporal meio
(8)	As pessoas também se lavavam [...] Embora banheiros e tubulações de esgotos sejam construções comuns encontradas nas escavações, não existiam banheiras. (pág.14)	Concessão/argumento fraco
(9)	Estudos biográficos sobre o filósofo Empedócles indicam que mesmo antes [...], os gregos já haviam estabelecido uma associação... Segundo o historiador Diógenes, Empedócles livrou de uma epidemia o povo de Salinute [...] (pág.15)	Sequência temporal Escopo enunciativo (fonte do saber)
(10)	Atribuiu-se a construção do grande esgoto de Roma, a cloaca máxima, ao quinto rei romano [...], porém essa obra se origina [...] [...] drenando o solo encharcado do Capitólio, e depois de serpentear [...] (pág.16)	Adversidade/orientação argumentativa forte Sequência temporal
(11)	[...] tornou-se um triunfo estético, permitindo que os arquitectos projetassem as cidades segundo padrões de simetria. Também permitiu o desenvolvimento..., bem como a melhor disposição da [...] (pág.17)	Continuidade/acrescento aditivo
(12)	Poucas casas possuíam instalação sanitária além de latrinas [...], porém cada cidade tinha seus lavatórios públicos [...]. A cidade era abastecida por onze aquedutos, porém água canalizada era privilégio de poucos [...] No final do séc.X, quando a dinastia Tang foi derrubada, a capital desmoronou, pois tal como todas [...], era também construída com materiais perecíveis [...]	Adversidade/orientação argumento forte Valor casual

	<p>Por outro lado, como exemplo de carência de serviços [...], cita-se a capital egípcia. (pág.18)</p>	<p>Continuidade/acrescento</p> <p>Enumerativo/integração linear</p>
(13)	<p>Sistema de drenagem: é um conjunto de ligações feitas para que as águas drenem de forma a serem depositadas em locais [...]</p> <p>Os sistemas unitários são constituídos por uma única rede de colectores, onde são conjuntamente [...]</p> <p>A ausência de tratamento das águas residuais, ainda que diluídas nas águas pluviais [...] (pág.19)</p>	<p>Finalidade</p> <p>Inferência</p> <p>Responsabilidade enunciativa/contraste</p>
(14)	<p>É exemplo de pseudo-separativo, a ligação de tubagens de telhados, pátios [...]</p> <p>Regra geral, os sistemas do tipo separativo são os mais indicados, na medida em que previnem a contaminação dos meios receptores [...]</p>	<p>Explicitação – particularização</p> <p>Relação causa-efeito</p>
(15)	<p>Na realidade, de acordo com a legislação portuguesa “na concepção de sistemas de drenagem pública de águas residuais em novas áreas de urbanização deve ser adaptado o sistema separativo”.</p> <p>Porém, podem existir condicionamentos [...]</p> <p>Há também a opção de tubos plásticos, apresentando maior facilidade de instalação. No entanto, para diâmetros grandes, como é comum [...] (pág.22)</p>	<p>Reforço arg. e de concretização, escopo enunciativo (fonte do saber)</p> <p>Adversidade/orientação arg. Forte</p> <p>Continuidade</p> <p>Seq. Temporal do discurso</p>
(16)	<p>Semidouros de grades – são dispositivos habitualmente implantados no pavimento, cuja entrada da água é feita pela parte superior. Deve existir uma grade de modo a garantir [. . .]</p> <p>[...] nos pontos de confluência dos colectores, nos pontos de mudança de direcção, de diâmetro e de inclinação dos colectores e, nos casos em que haja um grande desnível [...] (pág.23)</p>	<p>Finalidade</p>
(17)	<p>Nalguns regulamentos municipais podem ser impostas outras exigências. No caso de Lisboa [...]</p> <p>[...] Por outro lado, será de considerar que, as câmaras de inspecção</p>	<p>Enumerativo/integração linear</p>

	podem ser executadas [...] (pág.25)	
(18)	[...] devem possuir descarregadores de superfície com o mínimo de 0,30 m de altura, para que eventual transbordo se faça para o exterior do edifício. No caso de edifícios [...] (pág.28)	Finalidade
19)	Actualmente , estas câmaras não são muito utilizadas em edifícios, [...] O princípio de funcionamento baseia-se na diferença de densidade das partículas envolvidas que, devido à quebra na [...] A retenção dos hidrocarbonetos é de relevante importância, pelo facto de grande parte destes formarem [...] (pág.28)	Organizador temporal Causa/razão Finalidade
20)	[...] o que permite que os hidrocarbonetos formem uma camada flutuante sobre a água. De acordo com as características da instalação [...] A sua instalação principal é efectuada em oficinas, estações de serviço e postos de lavagem, no entanto , podendo, no entanto , ser instaladas noutras situações em que se revelem necessárias. (pág.29)	Escopo enunciativo (fonte do saber) Oposição do discurso/Contra-argumentação forte
(21)	Nestes sistemas, os acessórios de ligação destas tubagens nem sempre são do mesmo material, sendo que muitas vezes recorre-se a acessórios de cobre. As tubagens deverão ser assentes num leito perfeitamente regularizado, permitindo assim que as tubagens disponham de um apoio [...]. Após a sua colocação no leito, [...] (pág.30)	Causa/razão Conclusão/inferência Sequência temporal
22)	[...] De seguida procede-se à sua compactação. Feito isto, volta-se a colocar areia até a altura de 0,15 m... Para finalizar , enche-se o que resta da vala com material de [...] (pág.31)	Enumerativo/ ordenar a informação Enumerativo/integração linear
23)	Este material devido ao seu elevado custo é pouco utilizado como tubagem de drenagem de águas pluviais. No entanto se assim o justificar, por exemplo, por questões de baixos custos de manutenção devido a sua grande durabilidade, esta é uma boa opção. Por outro lado , o alumínio apresenta	Contraste Adversidade/contra-arg.forte Enumerativo/integração

	peso reduzido, boa flexibilidade [...] (pág.35)	linear
24)	Como principais características, este material apresenta rigidez, elevada densidade, baixo coeficiente de dilatação [...] No entanto, por outro lado , a sua utilização requer um custo elevado [...] (pág.36)	Contraste, enumerativo
25)	A principal aplicação das tubagens de betão é apenas subterrânea, para principalmente indústria ou em sistemas públicos de drenagem, uma vez que este material é apropriado para grandes diâmetros. Sendo assim , fica descartado o seu uso na [...] (pág. 38)	Valor casual/razão
26)	Dependendo da origem da instalação do equipamento pode variar consoante a sua função. Neste caso, uma vez que a instalação elevatória é para fins de drenagem predial, o horizonte de projecto é instantâneo, isto é , o caudal manter-se-á o mesmo ao longo da vida útil do equipamento. Se por outro lado , o objectivo é dimensionar um sistema elevatório para a drenagem urbana, este passará a ser de 20 anos, pelo que deverá ser definido um caudal de bombagem para os primeiros 20 anos de funcionamento do sistema e um outro caudal de bombagem para os 20 anos seguintes. Sendo então o horizonte de projecto das condutas de 40 anos. (pág.48)	Valor casual / razão Reformulador do discurso Enumerativo/ordenar informação Conclusão/inferência
27)	Depois de várias pesquisas encerramos o presente trabalho e podemos dizer que a execução de uma [...] Com os estudos feitos chega-se a entender que a execução de uma rede de drenagem de águas pluviais exige um estudo completo, para que se evite erros que possam prejudicar [...] (pág.57)	Sequência temporal do discurso, reforçar ideias Finalidade

Relatório 2

Contexto de ocorrência do operador		Valor semântico / pragmático
(1)	<p>O nosso agradecimento primeiramente vai para Deus pai todo-poderoso por ter nos dado [...]. Agradecemos também aos nossos colegas, professores do IMPPL, em particular os professores [...]</p> <p>Obrigado a todos que direita ou indirectamente para que este projecto se concretiza-se. (pág.III)</p>	<p>Enumerativo de integração linear</p> <p>Particularização</p> <p>Alternativo</p> <p>Finalidade</p>
(2)	<p>Neste trabalho de projecto tecnológico iremos de abordar um tema bastante pertinente por isso vimos à necessidade de [...] (pág.6)</p>	<p>Consequência, resultado, efeito</p>
(3)	<p>Refrigeração é a ação de resfriar determinado ambiente de forma controlada, tanto para viabilizar processos, conservar, manter conforto ou até mesmo efectuar climatização. (pág.7)</p>	<p>Função argumentativa</p>
(4)	<p>Calor latente, [...], é a grandeza física relacionada à quantidade de calor que uma unidade de massa de determinada substância deve receber ou ceder para mudar de fase, ou seja, passe do sólido para o líquido, do líquido para o gasoso e vice versa. (pág.8)</p>	<p>Reformulador: explicação/retificação</p>
(5)	<p>Quando um sistema esta em equilíbrio, isto é, suas propriedades não variam com o tempo, diz-se que ela esta em um determinado estado. Isto é, a pressão, a temperatura e o volume não variam. (pág.9)</p> <p>Vapor saturado é o vapor na temperatura de saturação. Portanto, as condições de temperatura e pressão devem estar em algum [...]</p>	<p>Reformulador: explicação/retificação</p> <p>Conclusão, inferência (dedução lógica a partir do exposto)</p>
(6)	<p>As temperaturas de congelamento e estocagem situam-se, geralmente, entre -5°C a -30°C. Como regra geral, os equipamentos industriais são maiores que [...] (pág.10)</p>	<p>Exemplificação</p>
	<p>A refrigeração marítima, refere-se a bordo da embarcação e inclui, por exemplo, a refrigeração para barcos de</p>	<p>Reforço e concretização de ideias</p>

(7)	<p>pesca [...]. A refrigeração de transporte, relaciona-se com equipamentos de refrigeração em caminhões e vagões ferroviários refrigerados. Como podemos observar, as aplicações [...]</p> <p>O condicionamento de ar pode ser dividido em duas categorias distintas de acordo com sua aplicação: para o conforto e industrial. Enquanto o condicionamento de ar [...] (pág.11)</p>	<p>Reforço e concretização de ideais</p> <p>Fonte do saber</p> <p>Sequência de tempo</p>
(8)	<p>Não há fluido refrigerante que reúna todas as propriedades desejáveis, de modo que, um refrigerante considerado bom [...]</p> <p>Um refrigerante satisfatório deveria possuir certas propriedades químicas, físicas e termodinâmicas que faz o seu uso seguro, no entanto, não existe um refrigerante ideal.</p> <p>As largas diferenças entre as condições operacionais e as exigências das várias aplicações fazem com que o refrigerante ideal seja uma meta impossível de se alcançar. Então, um refrigerante só se aproxima das condições ideais somente quando suas propriedades [...] (pág.12)</p>	<p>Finalidade, objetivo</p> <p>Oposição</p> <p>Conclusão</p>
(9)	<p>[...]. Se por um lado pressões elevadas exigem tubulações e reservatórios de maior espessura, por outro lado (pressões) refrigerantes de baixa pressão [...].</p> <p>Os refrigerantes R404A, R502 e R13, por exemplo, apresentam pressões superiores, razão pela qual são utilizados [...]</p> <p>As pressões exercidas por um refrigerante estão associadas a sua pressão crítica. Quanto maior a sua pressão crítica, menos volátil é o refrigerante, exercendo, portanto, menores pressões [...]</p> <p>Refrigerantes de baixa temperatura crítica e, portanto, de temperatura de ebulição normal [...]. Por outro lado, refrigerantes de elevada [...], como por exemplo, em bombas de calor. (pág.13)</p>	<p>Ordenadores de informação</p> <p>Reforço e concretização de ideias</p> <p>Conclusão</p> <p>Conclusão, inferência (dedução lógica a partir do exposto)</p> <p>Ordenador de informação,</p>
	<p>Trabalha com óleos sintéticos:</p>	

(10)	apenas esses se misturam com o R134a; No entanto a combinação de ambos absorve mais água [...] (pág.14)	Oposição
(11)	As pressões correspondentes às temperaturas disponíveis com os meios de condensação normais não devem ser excessivas, para assim eliminar a necessidade de construção extremamente pesada. As pressões correspondentes às temperaturas necessárias para maior parte dos processos de condicionamento de ar e refrigeração devem ser acima da pressão atmosférica para assim evitar penetração de ar e vapor d'água. (pág.15)	Finalidade Finalidade
(12)	O sistema de compressão de vapor Ele funciona a partir da aplicação dos conceitos de calor e trabalho, utilizando-se um fluido refrigerante, como dito anteriormente, é uma substância que [...] Filtro secador: tem duas funções importantes... A primeira é reter partículas sólidas [...]. A segunda é absorver totalmente a humidade residual [...] (pág.16)	Enumerativo, ordenar a informação
(13)	O compressor que por sua vez tem a função de comprimir o gás refrigerante elevando a sua pressão e temperatura e depois envia para o condensador. (pág.17)	Sequência temporal
(14)	A válvula de expansão recebe o fluido do condensador no estado líquido, em pressão e temperatura alta, e depois reduz a pressão e temperatura. E por sua vez envia para o evaporador [...] O evaporador recebe o fluido vindo da válvula de expansão no estado líquido em pressão e temperatura baixa, e depois evapora o fluido para [...]. E por sua vez envia para o compressor em pressão [...] e repetisse o ciclo assim sucessivamente (pág.18)	Sequência temporal Inferência
(15)	Manutenção preventiva: é a actuação realizada para reduzir ou evitar falhas, ou quedas no desempenho do equipamento, obedecendo a um planeamento baseado em intervalos regular	

	do tempo, ou seja , a manutenção preventiva consiste [...] (pág.20)	Reformulador de discurso
(16)	Manutenção preditiva: é uma variação da manutenção preventiva, onde os componentes são trocados ou verificados antes que apresentem qualquer defeito, ou seja , é toda a intervenção programada [...] (pág.21)	Sequência temporal Reformulador
(17)	[...] para reduzir ao mínimo os desperdiço, rejeições e reclamações de produtos. O faço é apoiado o esforço e venda da empresa, evitando atrasos ou interrupções da produção, com isso há o esforço para reduzir os custos de consumo [...] Sociais, os grupos sociais afectados pela operação dos equipamentos [...] podem exercer pressões para que sejam reduzidos ou anulados os efeitos e incómodos [...]. Mesmo que que haja uma imposição legal, [...] (pág.23)	Reforço de ideias Finalidade Conclusão/concessão
(18)	Após recuperação do aparelho, o mesmo apresentava impurezas no seu interior razão no qual levou-nos a fazer uma limpeza geral [...] Após de termos feito a manutenção, a seguir foi necessário fazermos o diagnóstico [...] (pág. 25 - 26)	Ordenador de informação Causa, razão Ordenador de informação
(19)	Feito o diagnóstico no aparelho e solucionadas as avarias [...] (pág.33)	Sequência temporal
(20)	Depois do tema do projeto nos ser dado e depois de comprarmos o aparelho que de princípio apresentava fugas na tubagem do evaporador e depois de serem solucionadas as avarias [...] (pág.35)	Ordenadores da informação

Relatório 3

Contexto de ocorrência do operador		Valor semântico / pragmático
(1)	<p>Lembrando que tal contorno é de grande valia, visto que é frequente os transtornos causados pela avenida.</p> <p>Todo o dimensionamento e materiais utilizados seguiu o que tange as mais atualizadas normas técnicas brasileiras e manuais dos órgãos de trânsito. Enfim, neste apresentamos todas as memórias de cálculo, considerações adoptadas, detalhes de projeto, assim como, detalhadamente das armaduras e plantas. (pág.v)</p>	<p>Causa/razão</p> <p>Mudança de topicalização</p> <p>Enumerativo/integração linear</p> <p>Comparação</p>
(2)	<p>Na idade do Bronze a vida torna-se cada vez mais sedentária, e aumenta a necessidade de pontes mais duradouras e resistentes, com isso, surgem as pontes de lajes de pedra, e em seguida as pontes em arcos com vestígios de até 4.000 anos a.C.</p> <p>[...] são algumas pontes que perduram até aos nossos dias, como, por exemplo, a ponte Aelius (hoje ponte Sant'Angelo), [...] (pág.1)</p>	<p>Inferência</p> <p>Ordenador de informação</p> <p>Explicitação</p>
(3)	<p>[...], as actuais pontes não suportavam as pesadas locomotivas a vapor, assim novas técnicas e materiais foram desenvolvidas, [...] inicialmente com correntes metálicas e depois com cordoalhas, [...]</p> <p>Vale lembrar que apesar destas novas técnicas as pontes em todo o mundo continuaram a serem feitas com técnicas antigas ou até mesmo com o desenvolvimento de técnicas paralelas, por exemplo, as pontes de madeira em treliça [...] (pág.2)</p>	<p>Inferência</p> <p>Gradação/conclusão</p> <p>Reforço/explicitação</p>
(4)	<p>O presente trabalho tem por objectivo a execução tal como o dimensionamento dos elementos estruturais de uma ponte para pedestres, que será construída na Avenida Deolinda Rodrigues, a fim de melhorar o tráfego de pessoas e bens naquela zona.</p> <p>Para realização deste trabalho, inicialmente, verificou-se qual a característica mais adequada para a ponte</p>	<p>Adição</p> <p>Finalidade</p> <p>Ordenar a informação</p>

	em questão. Desta forma , vários meios foram utilizados [...] [...] (pág.3)	Conclusão, inferência
(5)	Ponte: quando o obstáculo a ser vencido é um curso de água, um lago, um canal, ou seja , uma superfície com líquido. Antes de iniciar um projecto de uma ponte, é preciso ter em mente os principais requisitos que a obra deve possuir, por exemplo , funcionalidade, segurança, estética, economia e durabilidade, já que são factores fundamentais para [...] (pág.4)	Reformulador/explicitação Reforço/explicitação Causa/razão
(6)	Ponte Viga – a sua construção é feita com vigas de aço em baixo, e betão ou então em peças pré fabricadas. Este é o tipo de ponte tecnicamente mais simples e consequentemente mais fácil de se construir. (pág.5)	Alternativa Conclusão/inferência
(7)	Ponte de Arco: tem este nome devido à sua forma. A ponte mais antiga deste tipo existe e foi construída na Grécia [...]. No entanto quem ficou conhecido por construir pontes deste tipo foram os romanos. (pág.6)	Oposição
(8)	A viga é usada no sistema laje-viga-pilar para transmitir uma carga concentrada, caso sirva de apoio a um pilar, [...] (pág.10)	Condicionalidade
(9)	Em viadutos e pontes as vigas são do tipo comumente biapoiadas. São apoios são chamados livres, assim a estrutura pode oscilar nos seus apoios, evitando aparecimento de trincas [...] (pág.11)	Conclusão/inferência
(10)	Durante o nosso percurso nas visitas de trabalho que realizamos constatou-se que a fiscalização dentro e ao redor das pontes não se faz sentir, o que origina assim o grau de liberdade a quem pretende marginalizar este bem público, [...] (pág.13)	Sequência temporal Conclusão/inferência
	Constata-se que a nível da nossa capital todas as pontes são ocupadas para essas praticas que são prejudiciais, e por parte dos órgãos competentes nada se faz	

(11)	como essa prática, não põem somente as suas vidas em perigo como também as outras pessoas e congestionam o trânsito. (pág.14)	Comparação
(12)	Todos os metais podem sofrer o processo de oxidação. O motivo que nós constatamos é o contacto directo do metal desprotegido (sem pintura, por exemplo) com o ar, vapor de água ou água dando assim o início do processo de degradação [...] (pág.15)	Conclusão/inferência
(13)	As passarelas da cidade de Luanda na sua maioria apresentam este fenómeno de ferrugem, consequente da acumulação de água, e urina, nota-se há pouca fiscalização [...] (pág.16)	Conclusão/inferência Reforço de ideias
(14)	A conservação de uma estrutura, inclusive de uma ponte, é definida como o conjunto das ações necessárias para que ela se mantenha com as características resistentes, [...] (pág.17)	Finalidade
(15)	A ponte amarela encontra-se apresenta problemas sérios no que tange ao saneamento, bem como também a degradação dos seus elementos estruturais. (pág.19)	Comparação
(16)	Com o surgimento de mais estradas e a consequente fluidez no trânsito surge a necessidade de acomodar as pessoas no que se refere a circulação com segurança e as passarelas surgem com essa finalidade, elas possuem grande importância diminuindo assim a morte nas estradas, de tal modo que a sua utilização apenas não basta mas também a sua conservação. (pág.20)	Mudança de topicalização Conclusão Consequência Adição de informação

Relatório 4

Contexto de ocorrência do operador		Valor semântico / pragmático
(1)	<p>Um dos equipamentos que é usado para implementar essa transferência de calor é o evaporador, embora como se sabe, existem outros equipamentos, como por exemplo, aquecedores, serpentinas, [...]</p> <p>[...] a transferência de calor de um corpo para o outro corpo, ou para o meio envolvente, ou até mesmo através do próprio corpo. Na verdade, é possível encontrar, por um lado, uma troca de calor o mais [...], ou seja, no condensador e no evaporador. Por outro lado, não tão perfeito, é o que [...]</p> <p>(pág.11)</p>	<p>Concessão</p> <p>Ordenador de informação, reformulador do discurso</p>
(2)	<p>[...] a energia é transmitida de um corpo para o outro sem qualquer tipo de intervenção. No entanto nem todos os corpos permitem esta propagação de calor e como tal, estes são distinguidos por corpos diatérmicos e atérmicos, ou seja, os corpos diatérmicos [...]</p> <p>(pág.12)</p>	<p>Oposição/contraste</p> <p>Conclusão/inferência</p> <p>Reformulador/explicação</p>
(3)	<p>[...] e quanto mais for a diferença entre a temperatura do evaporador e do espaço a refrigerar, mas elevada será a taxa de circulação do ar. Isto pode tornar-se desvantajoso, pois faz com que a humidade diminua [...]</p> <p>Os evaporadores de convecção são utilizados na refrigeração comercial, pois estes são de maior capacidade [...]</p> <p>(pág.13)</p>	<p>Adversidade</p> <p>Conclusão/inferência</p>
(4)	<p>É possível afirmar que os evaporadores que contenham mais percentagem de fluido líquido no seu interior, têm maiores coeficientes de transferência de calor por convecção. Contudo, convém referir que este coeficiente também depende das temperaturas do fluido frigorígeno e da superfície da tubagem, pois para garantir coeficientes [...]</p> <p>Isto acontece, porque os</p>	<p>Oposição/contraste</p> <p>Adicionador de informação</p> <p>Conclusão/inferência</p>

	<p>evaporadores inundados têm maiores quantidades de fluido líquido no seu interior, logo, conseguem obter coeficientes mais elevados [...] (pág.14)</p>	<p>Conclusão</p>
(5)	<p>A condutividade térmica (k), quantifica a capacidade dos materiais em conduzir ou transportar energia térmica, ou seja, designa a capacidade dos materiais em proporcionar calor.</p> <p>[...], o coeficiente de condutividade térmica para temperaturas e pressões mais elevadas, vai sempre aumentando no estado de vapor saturado, contudo, é no estado líquido [...]</p> <p>O ponto onde se verificam igualdade entre os coeficientes de condutividade entre o líquido e o vapor saturado, é denominado por ponto crítico, pois este é ponto de transição entre o líquido e vapor saturado e para no qual os estados de líquido e vapor saturado são idênticos, conforme se pode ver na figura 3. (pág.15)</p>	<p>Reformulador</p> <p>Oposição/contraste</p> <p>Conclusão/inferência</p> <p>Finalidade</p>
(6)	<p>De referir ainda que o título varia entre 0% a 100%, sendo o valor [...]</p> <p>[...] não é propriedade primária na caracterização de um fluido, mas sim uma propriedade secundária. Contudo, a viscosidade é uma propriedade [...] (pág.16)</p>	<p>Concessão</p> <p>Adversidade</p> <p>Oposição/contraste</p>
(7)	<p>Esta resistência à deformação ao corte evidenciado pelos fluidos, é chamada de viscosidade, por isso, o valor desta varia de fluido [...]</p> <p>O fenómeno de turbulência está muito relacionado com esta propriedade, uma vez que, a viscosidade para além de oferecer uma resistência à deformação, esta também tenderá a evitar o livre escoamento, pelo qual, desempenha um papel semelhante [...]</p> <p>(pág.17)</p>	<p>Conclusão/inferência</p> <p>Causa/razão</p> <p>Conclusão/inferência</p>
(8)	<p>[...], é saber qual a viscosidade que um fluido deve possuir. Por um lado, deve ser baixa, para que deste modo as forças de atrito também sejam, mas, por outro lado, deve ser elevada para permitir que o fluido escoe com maior rapidez.</p>	<p>Ordenador de informação, Finalidade</p> <p>Ordenador de informação</p>

	(pág.18)	
(9)	<p>[...], o ideal é optar por velocidades recomendadas, de forma a otimizar o sistema de refrigeração.</p> <p>Contudo, convém referir que os fluidos gasosos são fluidos compressíveis, logo, a queda de pressão, provoca um aumento gradual da velocidade ao longo do escoamento. Embora, esta velocidade seja limitada, uma vez que, a velocidade máxima de escoamento ocorre no fim da tubagem, ou seja, onde a pressão é mais baixa. (pág.19)</p>	<p>Finalidade</p> <p>Oposição/contraste</p> <p>Conclusão</p> <p>Concessão</p> <p>Causa/razão</p> <p>Reformulador/explicação</p>
(10)	<p>A vantagem dos fluidos no estado de vapor, é que estes conseguem atingir maiores velocidades de escoamento, pelo que, em circuitos de menor dimensão, os seus ciclos de refrigeração tenham mais vantagens e menos custos associados às quantidades de fluido frigorígeno. (pág.20)</p>	<p>Conclusão/inferência</p>
(11)	<p>Esse fluido, ao passar por estes equipamentos importantíssimos num sistema de refrigeração, adquire diferentes estados termodinâmicos, embora regresse sempre ao seu estado inicial, por isso, é que se chama "ciclo".</p> <p>[...], tem como consequência uma mudança nos outros processos, uma vez que, todos precisam de trabalhar eficientemente e sucessivamente, para que a eficiência do ciclo seja o mais favorável possível. (pág.21)</p>	<p>Concessão</p> <p>Conclusão/inferência</p> <p>Causa/razão</p> <p>Finalidade</p>
(12)	<p>[...] é possível através deste ciclo real, criar-se um ciclo ideal para as mesmas condições de trabalho, por forma a retirar-se o melhor proveito possível. (pág.22)</p>	<p>Finalidade, intenção</p>
(13)	<p>No ciclo de refrigeração, o fluido frigorígeno utilizado tem de passar pelos seus componentes essenciais, por isso, é importante conhecer cada processo existente no ciclo de refrigeração, pois qualquer mudança de estado provocada no fluido adoptado num destes processos, tem como consequência uma mudança de estado nos processos seguintes, uma vez que, todos precisam de trabalhar de forma</p>	<p>Conclusão/inferência</p> <p>Conclusão/inferência</p> <p>Causa/razão</p> <p>Finalidade/intenção</p>

	eficiente e sucessiva. (pág.23)	
(14)	<p>Após o processo de compressão, ocorre o processo de condensação que acontece no condensador. No entanto, quando um fluido refrigerante sai do compressor no estado de vapor sobreaquecido, arrefece até à sua temperatura de condensação e geralmente é na sua parte superior do condensador que ocorre a primeira parte deste processo [...]. A segunda parte deste processo, é a condensação do fluido refrigerante [...]. (pág.24)</p>	<p>Posição/contraste</p> <p>Enumerativo/adicionar informação</p>
(15)	<p>O processo de evaporação do fluido refrigerante acontece no evaporador, sendo que, num ciclo ideal este [...]. Depois deste processo, o fluido refrigerante no estado de vapor seco regressa ao compressor, por forma a dar continuidade ao ciclo de refrigeração. (pág.25)</p>	<p>Ordenador de informação</p> <p>Finalidade</p>
(16)	<p>Outra diferença importante, é relativamente ao processo de compressão, pois este processo é feito isentropicamente no ciclo ideal, enquanto no ciclo real, este processo é feito politropicamente [...]. O efeito de sobreaquecimento, traduz-se na diminuição da temperatura do fluido refrigerante, após o processo de condensação, ou seja, o fluido [...], pelo que “força” este a mudar de fase por completo. (pág.26)</p>	<p>Conclusão/inferência</p> <p>Sequência temporal</p> <p>Reformulador,</p> <p>Conclusão/inferência</p>
(17)	<p>A potência teórica do compressor é definida pela quantidade de energia fornecida ao fluido refrigerante por unidade de tempo, através do compressor, de modo a que o fluido refrigerante passe [...]. (pág.28)</p>	<p>Finalidade/intenção</p>
(18)	<p>[...] nenhuma máquina térmica pode converter em trabalho todo o calor que recebe, pois é impossível a qualquer máquina que funcione por ciclos receber calor de uma única fonte e produzir uma quantidade de trabalho equivalente, isto é o mesmo que dizer, nenhuma máquina térmica consegue ter um rendimento de eficácia total, ou seja, de 100%. (pág.29)</p>	<p>Conclusão/inferência</p> <p>Reformulador</p> <p>Reformulador</p>

(19)	Os evaporadores de expansão directa, possuem um dispositivo de controlo do fluido refrigerante, pelo que , este só admite a quantidade de líquido suficiente para que seja totalmente evaporado [...] (pág.30)	Reformulador Finalidade
(20)	A principal função do separador de líquido, tal como o seu próprio nome indica é separar a parte líquida do fluido refrigerante da parte de vapor do fluido. Geralmente é colocado no circuito de baixa pressão, para reduzir a velocidade de escoamento de modo, a que a separação das gotículas de líquido do vapor seja mais eficiente, [...] (pág.33)	Comparação Finalidade/intenção
(21)	[...]. Em suma , os evaporadores de expansão directa, são aqueles que trabalham com alimentação, de forma intermitente, [...] Este tipo de evaporador não trabalha repleto de líquido, de modo a evitar a entrada de líquido no compressor, uma vez que , estes têm como função enviar vapor saturado, [...] (pág.35)	Síntese/reforço de ideias Finalidade, Intenção, objetivo Causa/razão
(22)	Quando se produz um fluido refrigerante, é fundamental produzi-lo de modo a que seja o mais neutro possível [...] (pág.37)	Finalidade, intenção, objetivo
(23)	O balanço térmico da instalação frigorífica tem como principal objectivo determinar a capacidade frigorífica necessária, uma vez que , este balanço térmico é determinado [...] (pág.38)	Causa/razão
(24)	As cargas externas são associadas à transmissão de calor através das paredes, tectos e pavimentos, das renovações de ar e da abertura de portas a que a câmara está sujeita. Enquanto , as cargas internas, estão associadas às condições de armazenamento [...] A primeira parte da metodologia de cálculo, destina-se às cargas térmicas que envolvem a câmara frigorífica, e estas podem ser internas ou externas, uma vez que , quando os produtos são congelados [...] (pág.39)	Sequência temporal Adicionar sequências Causa/razão

Relatório 5

Contexto de ocorrência do operador		Valor semântico / pragmático
(1)	Nessa função se inclui o uso desde em situações de emergência de evacuação ou catástrofe. Também tem um carácter representativo e assim se constrói em edifícios administrativos, residenciais e culturais. (pág.5)	Relação de tempo Aditivo Consequência
(2)	A dimensão mais longa da abertura da escada pode ser paralela ou perpendicular aos barrotos do segundo piso. Todavia é muito mais fácil estudar a abertura [...] (pág.6)	Oposição/contraste
(3)	As barras laterais suportam uma carga e servem de apoio aos elementos de degraus, isto é , o cobertor e o espelho, [...] A marcação de escadas na obra deve seguir o projecto, no entanto na maioria das vezes, na execução da obra muda-se as cotas e com isso cabe ao profissional adaptar a escada a novas medidas. Com o auxílio de uma galga com dimensão do piso e um nível de bolha, marca-se a escada. Depois de marcá-la, faremos a forma da mesma maneira das lajes, pontaletada e contra ventada, sendo portanto os lances formados por painéis inclinados de tábuas [...] (pág.7)	Reformulador/explicação Oposição/contraste Reforço de ideias Enumerativo de integração linear Conclusão
(4)	No molde horizontal isto pode ser realizado de modo sensato em cima de um palete ou uma mesa de fabricação. Desta maneira é possível economizar o dispositivo [...] (pág.8)	Intenção, objetivo Conclusão/inferência
(5)	Os cobertores devem ter cerca de 20 cm largura total. Todavia em virtude de pequenas diferenças de altura entre os dois pisos, muitas vezes as dimensões dos espelhos e coberturas devem ser calculadas. As escadas servem para unir os diferentes níveis de uma construção. Para isso deveremos seguir algumas normas: [...] (pág.9)	Oposição/contraste Consequência, resultado, efeito
	Geralmente o patamar tem o comprimento, no mínimo, igual a largura da	

(6)	escada. Nesse exemplo , a escada tem largura L=100 cm, logo o comprimento do patamar será, também, 100 m! (pág.10)	Explicitação/particularização Conclusão/inferência
(7)	As portas que abrem sobre o patamar não devem ocupar a superfície útil do mesmo. As escadas ainda deverão ser dispostas, de tal forma que , assegurem a passagem [...] São apresentadas as principais etapas construtivas das paredes. (pág.11)	Aditivo Finalidade, intenção, objetivo
(8)	Escadas quando fabricadas tem uma alta qualidade e uma vida bastante extensa. Pensando nisso , o projecto da escada terá [...] [...], os degraus percorrem o caminho que vai do início ao fim da escada. Depois , curvam-se e fazem todo o caminho inverso [...] (pág.12)	Reforço Ordenador de informação
(9)	Os degraus são cortados de forma a ficarem sempre na mesma posição enquanto sobem a escada. Os apoios das extremidades das rampas e passarelas devem ser devidamente dimensionados e fixos, de tal modo que suportem a carga a que serão submetidas. (pág.13)	Finalidade, intenção, objetivo Relação de tempo Finalidade, intenção, objetivo
(10)	São sistemas que funcionam baseados em filosofia completamente diversas ainda que coincidentes no efeito enquanto na rampa os pontos [...] Esses formatos seguem necessidades especiais de uma construção, uma vez que ocupam mais ou menos espaços em planta. Ainda seguem também necessidades estéticas: [...] (pág.14)	Concessão Relação de tempo Causa/razão Aditivo
(11)	As pedras mais usadas são o mármore, o granito e as estratificadas, serradas em chapas: é preciso, porém , considerar [...]. Os degraus são inseridos na espessura das paredes por um comprimento de 20% do vão do degrau. Por exemplo , uma escada que tem projecção do alinhamento [...]. Uma parte dos degraus é encaixada na parede, enquanto a outra é sustentada por uma	Oposição/contraste Reforço/exemplificação Relação de tempo

	parede adequadamente construída, [...] (pág.15)	
(12)	<p>Por outro lado, é necessário lembrar que as chapas não devem ser estriadas.</p> <p>Sua utilização pode conferir ao local um toque de tradição ou de rusticidade, conforme o acabamento utilizado. Embora muitas vezes, apresentem um custo mais elevado, [...] (pág.16)</p>	<p>Ordenador de informação</p> <p>Oposição/contraste</p>
(13)	<p>Possuem grande durabilidade, facilidade de manutenção e são bastante versáteis quanto à decoração do espaço. No entanto, requerem limpeza e pintura constantes [...] (pág.17)</p>	Oposição/contraste
(14)	<p>A construção inclui a rampa, a forma da laje com inclinação e desenho da escada na parede e, finalmente a construção dos degraus. (pág.18)</p>	Enumerativo
(15)	<p>As empresas de escadas pré-fabricadas fornecem a estrutura e a montagem, por isso, qualquer que seja a sua opção fique atento ao acabamento de sua escada. (pág.19)</p>	Conclusão/inferência
(16)	<p>Parafusos do projecto são feitos de diferentes materiais: metal, madeira, pedra, vidro, concreto. O mais popular deles madeiras e metal. Além disso, há diferentes combinações [...]</p> <p>O espaço livre pode ser efectivamente utilizado, e a casa própria vai se tornar mais espaçosa. Isto é especialmente verdadeiro para a habitação. [...]</p> <p>[...], você pode economizar consideravelmente em os trabalhos de montagem e montar este projecto sozinho. Para isso, você precisa adquirir um conjunto de elementos diferentes [...] (pág.21)</p>	<p>Aditivo</p> <p>Reforço/confirmação</p> <p>Reformulador/explicação</p> <p>Consequência, resultado, efeito</p>
(17)	<p>É basicamente uma escada recta de inclinação acentuada. Por isso, seus degraus são mais largos de um lado e estreitos do outro, [...]. Para melhorar a ergonomia do usuário dos degraus são recortados ora à direita, ora à esquerda.</p>	<p>Conclusão/inferência</p> <p>Alternativo</p>

	Assim, apesar da inclinação, [...] (pág.25)	
(18)	São as escadas que possuem uma curva, mais há um eixo central em torno da qual a escada circula dando voltas, são extensas as variações de escadas curvas, pois existem muitas possibilidades diferentes de arcos. (pág.26)	Oposição/contraste Conclusão/inferência
(19)	Todos os degraus de uma escada deve ter a mesma altura e a mesma largura. Isto significa que não é aceitável uma escada que tenha degraus com alturas diferentes [...] (pág.28)	Reformulador
(20)	A tolerância, isto é , a variação máxima entre um degrau e outro não pode ser maior que 0,5 centímetros.	Reformulador/explicação
(21)	Para o dimensionamento, na direcção transversal, pode-se utilizar a altura h1, inclusive no cálculo da armadura mínima. (pág.31)	Aditivo
(22)	Ela pode ser feita de vários materiais, sendo que as de concreto armado são as mais usadas [...] Uma localização bem estudada impede, por exemplo , que a parede seja riscada após o transporte de um móvel de um lado para o outro. Evita, ainda , o surgimento de cantos sem uso e problemas de circulação no ambiente. Além disso , ao saber o espaço [...] (pág.40)	Aditivo Reforço/explicação Aditivo Aditivo

Relatório 6

Contexto de ocorrência do operador		Valor semântico / pragmático
(1)	<p>Durante a realização deste trabalho tive o contributo de diversas pessoas. Sem as quais não seria possível aqui chegar, devido a isso gostaria de expressar os meus sinceros agradecimento. (pág.III)</p>	<p>Sequência temporal</p> <p>Conclusão/inferência</p>
(2)	<p>A manutenção pode ser definida, segundo o dicionário Aurélio como: “as medidas necessárias para a conservação ou permanência, de alguma coisa ou situação” e ainda “Os cuidados técnicos indispensáveis ao funcionamento regular e permanente dos motores e máquinas”. Entretanto, o mais comum é definir a manutenção [...] (pág.9)</p>	<p>Aditivo</p> <p>Sequência temporal</p>
(3)	<p>Esse tipo de climatização que fornece ao meio ambiente humidade e oxigenação, actualmente é utilizado dentro de estufas agrícolas, granjas, e actualmente faz parte dos sistemas de [...]</p> <p>Por usar o simples princípios copiados da natureza de evaporação da água, em função do seu calor latente, estes sistemas consomem pouquíssima energia, a assim é considerada sistemas que tendem [...]</p> <p>(pág.11)</p>	<p>Tempo não cronológico</p>
(4)	<p>Pelas citações anteriores, podemos concluir que o objectivo do condicionamento de ar consiste do controle automático [...]. Desta forma, deverão ser principalmente controladas: a pureza, a movimentação, a temperatura e a humidade do ar [...]</p> <p>(pág.12)</p>	<p>Conclusão/inferência</p>
(5)	<p>Porém na elaboração do projecto optou-se por três tipos de manutenção, correctiva, preventiva e preditiva. Manutenção correctiva: é a actividade realizada para corrigir uma falha que ocorreu ou que já foi prevista durante o teste de segurança do aparelho. [...]</p> <p>Razão que leva a realizar a manutenção correctiva: Baixa utilização anual dos equipamentos e máquinas. Quando há avaria no Aparelho ou seja, quando o aparelho queima.</p>	<p>Oposição/contraste</p> <p>Reformulador/explicitação</p>

	(pág.13)	
(6)	<p>É claro que se torna impossível eliminar completamente esse tipo de manutenção, pois não se pode prever em muitos casos, o momento exacto em que se verificará [...]</p> <p>O principal objectivo da manutenção preventiva é evitar falhas e avarias dos equipamentos antes que elas aconteçam, ou seja, prevenir fica mais económico. (pág.14)</p>	<p>Reforço</p> <p>Inferência</p> <p>Sequência de tempo</p> <p>Reformulador/explicitação</p>
(7)	<p>O ar condicionado Split Piso teto é ideal para ser instalado em espaços grandes, pois tem carga térmica elevada [...]</p> <p>O ar condicionado Windows split possui função turbo e também filtro biactiva que o faz se destacar também entre os outros. (pág.18)</p>	<p>Inferência</p> <p>Aditivo</p>
(8)	<p>O processo ou ciclo começa no compressor, porque é neste aparelho aonde se encontra o fluido [...]</p> <p>E depois que o mesmo é enviado para o condensador em alta pressão [...]</p> <p>Este dispositivo têm como objectivo interromper e diminuir o fluxo do líquido, em poucas palavras este aparelho regula o fluxo do fluido [...] (pág.19)</p>	<p>Síntese</p>
(9)	<p>[...]. Depois o líquido é regulado ou reduzido assim em baixa temperatura através de tubo de admissão o líquido é enviado para o evaporador a onde atinge a temperatura de saturação e vai evaporando assim de forma contínua o ciclo prossegue o seu processo. (pág.20)</p>	<p>Sequência temporal</p> <p>Síntese</p>
(10)	<p>Para a recolha do fluido deve-se fechar a linha de alta que é o tubo de menor diâmetro e deixar aberto o tubo de baixa que é o de maior diâmetro, deixa trabalhar 10 min, isto é, para a recolha do fluido, depois de recolher o fluido do sistema é necessário fechar a linha de baixa.</p> <p>Abriu-se o evaporador e retira-se de princípios filtros para uma lavagem. Por conseguinte desmontamos, passo a passo todos os componentes [...] (pág.25)</p>	<p>Reformulador</p> <p>Relação de tempo</p> <p>Enumerativo/integração linear</p> <p>Conclusão/inferência</p>
	<p>[...], com o teste feito não vimos nenhum erro na unidade condensadora. De</p>	<p>Enumerativo</p>

(11)	<p>seguida voltou-se a montar a unidade condensadora de volta no lugar [...]</p> <p>Analizamos o funcionamento do motor do cilindro e percebemos que o barulho vinha do campo magnético que ou corre quando há uma diferença de potencial. Deste modo substituiu-se o motor [...]</p> <p>(pág.26)</p>	<p>Alternativo</p> <p>Conclusão/inferência</p>
(12)	<p>O fluido refrigerante é um gás presente nos aparelhos frigoríficos ou de climatização, com objectivo de conservar os alimentos ou climatizar um espaço. Em pouca palavra podemos dizer que o fluido refrigerante é uma substância [...]</p> <p>(pág.27)</p>	<p>Reformulador</p>
(13)	<p>Terminada a operação de carregamento do fluido, fecha-se primeiro a válvula do cilindro, em seguida a válvula do manómetro e por fim, desconectar a mangueira da válvula de serviço. (pág.28)</p>	<p>Enumerativos/integração linear</p>
(14)	<p>[...], fez-se uma contribuição por parte de todos os membros do grupo, ainda assim, não chegou, [...]</p> <p>A manutenção dos aparelhos de ar condicionado deve ser feita periodicamente, mesmo que para os aparelhos que funcionam de vez em quando. O quadro que se segue apresenta a título indicativo, [...]</p> <p>(pág.29)</p>	<p>Concessão/contraste</p> <p>Concessão/contraste</p>
(15)	<p>Conclui-se todo e qualquer aparelho condicionador de ar, está exposto a degradação de qualquer componente, com o passar do tempo, por isso deve se fazer o acompanhamento dos aparelhos de ar através de um plano de manutenção, a fim de prevenir, prever, [...]</p> <p>(pág.32)</p>	<p>Conclusão</p> <p>Consequência</p> <p>Finalidade</p>

Relatório 7

	Contexto de ocorrência do operador	Valor semântico / pragmático
1)	[...], buscando a transposição de obstáculos dando continuidade à via em que possui um fluxo de veículos. Para a completa realização do seu projecto são exigidos conhecimentos em várias áreas da engenharia civil como hidrologia, geotécnica, topografia, [...] (pág.1)	Exemplificação
(2)	Para a realização deste trabalho, inicialmente, fez-se o estudo das características mais adequadas para a ponte em questão. Desta forma vários meios foram utilizados [...] (pág.2)	Conclusão/inferência
(3)	Transportes colectivos de Luanda, tem disponibilizado algumas camionetas que efectuam viagens gratuitas, a fim de apoiar aos cidadãos e evitar congestionamentos. Entretanto , a travessia do mar nos dois sentidos esteve sempre lotada, tendo em conta que muitos turistas aproveitam a ocasião para lazer, ao passo que alguns luandenses, regressam já a cidade, devido aos compromissos laborais. (pág.3)	Finalidade Sequência temporal Sequência temporal
(4)	Desde a era remota (antiguidade), quando a população começou a se agrupar em comunidade (nas aldeias, vilas e cidades) e apareceram as primeiras preocupações para a travessia de rios riasco e valas, então surgiu as pontes e mas tarde os viadutos. (pág.5)	Sequência temporal Aditivo Conclusão/inferência Sequência temporal
(5)	Os fios eram a seguir colocados em estendais para secagem. Só depois se procedia à sua aplicação para formar os cabos em cavaletes próprios. O fio era disposto continuamente dando a volta em cada extremidade oposta. Assim as extremidades de cada cabo forma [...] (pág.6)	Sequência temporal Conclusão/inferência
(6)	Nu princípio de um projecto de uma ponte, é preciso ter em mente os principais requisitos que a obra deve possuir, por exemplo, funcionalidade, segurança, estética, economia e durabilidade, já que são factores fundamentais [...] (pág.8)	Explicitação/particularização Causa/razão

(7)	<p>A ainda variedades de classificações para pontes, porém o mais importante é a correcta escolha de suas características baseadas no local de sua implementação. (pág.9)</p>	<p>Aditivo Oposição/contraste</p>
(8)	<p>Os eixos de todos os elementos são rectos e concorrentes nos nós ou juntas. A treliça propriamente dita e carrega somente nos nós. Este tipo de pontes é construído juntando elementos rectos. Tanto são feitas em metal como em madeira. A madeira mais usada para a compressão enquanto o metal é usada para suportar a tensão. (pág.11)</p>	<p>Enumerativo Conclusão/inferência Especificação/exemplificação Sequência temporal</p>
(9)	<p>Tubulação: os primeiros são tubos metálicos, com até 3 metros de diâmetro, cuja ponta é encravada no fundo do mar. Depois, a água do interior é bombeada pra fora. Um sistema de ar comprimido mantém o interior seco para permitir que se escave por ali a base na qual se assenta o tubo. À medida que a escavação prossegue, [...]. Aí então, a tubulação é enchida com concreto [...] (pág.17)</p>	<p>Sequência temporal Organizadores temporais</p>
(10)	<p>Enche-se a forma com concreto até transborda, o que também evita que a estrutura [...] (pág.19)</p>	<p>Ordenador de informação Enumerativo/aditivo</p>
(11)	<p>As formas podem ser de dois tipos: de madeira ou metálicas. As de madeira são removidas depois da estrutura pronta; já as de metal podem tornar-se parte da estrutura, [...] (pág.20)</p>	<p>Sequência temporal</p>
(12)	<p>Em algumas obras submersas pode-se usar também o concreto pré-moldado. A vantagem é a redução do trabalho em baixo da água, já que o tempo de mergulho é limitado e a mão – de – obra e equipamentos necessários são caros. (pág.21)</p>	<p>Aditivo Causa/razão</p>
(13)	<p>As fundações de seus pilares são construídas directamente em contacto com a água, e exemplo emblemático dessas construções é a ponte Rio-Niterói. Essa movimentação da massa de água pode levar a uma abrasão do concreto, por isso a importância de se utilizar um concreto de alta resistência. (pág.22)</p>	<p>Exemplificação Conclusão/inferência</p>
	<p>Existe, porém, um costume bastante</p>	<p>Oposição/contraste</p>

(14)	habitual de considerar que a vida das pontes é extraordinariamente longa, talvez até infinita. (pág.27)	
(15)	Entre as variedades das pontes o grupo escolheu um tipo de ponte para ser alterada e função ao nosso gosto (aplicando alguns artifícios ou seja conceitos arquitetónicos) [...] (pág.28)	Reformulador
(16)	A mesma será projectada segundo as realidades e por querer mesmo aproveitar o que ela oferece então trabalharemos de forma a aproveitar a beleza da natureza marinha. Sendo assim no centro da ponte criou-se três anéis, dois com as mesmas dimensões e uma diferente das outras [...] (pág.29)	Conclusão/inferência Finalidade, intenção Conclusão/inferência
(17)	Os anéis do centro terão a finalidade de um ponto para avistar a paisagem direccionada ao mar alto isto é ; um local onde as pessoas estrarão albergados para apreciação [...] (pág.30)	Objetivo Reformulador
(18)	Idealizamos que a proposta será colocada na ilha do mussulo em Luanda, um local escolhido por muitas famílias angolanas, para as festas de ano e não só, como também servindo de morada, [...] (pág.31)	Reforço de ideia Aditivo
(19)	A execução deste projecto tecnológico, consideramos que foi bastante benéfico para nós porque tivemos à oportunidade de por em prática muitos conhecimentos que adquiridos aqui no Instituto Médio Politécnico Pascoal Luvualu, e não só como também tivemos a oportunidade de obter [...] (pág.33)	Aditivos

Relatório 8

	Contexto de ocorrência do operador	Valor semântico / pragmático
(1)	<p>É sabido que a geleira é um eletrodoméstico utilizado para a conservação de alimentos e outras substâncias. Assim tomamos por importante tratar de um projeto que garante o bom de uma geleira [...]</p> <p>A manutenção é formada por um conjunto de ações que ajudam no bom e correto funcionamento de algo, como por exemplo a manutenção das máquinas de um avião. O termo manutenção também pode estar relacionado com a conservação periódica, ou seja, com os cuidados e consertos que são feitos em determinados períodos [...] (pág.1)</p>	<p>Conclusão/inferência</p> <p>Explicitação/particularização</p> <p>Reformulador/explicitação</p>
(2)	<p>A grande influência das máquinas no poder das nações, começou na primeira guerra mundial. A produção podia parar, então foram criadas equipes para a manutenção [...]</p> <p>Com a segunda guerra mundial, a indústria aeronáutica cresceu e os países envolvidos nesta, não podiam permitir erros, ou seja, era necessário preveni-los.</p> <p>Diante de tudo que vimos, entendemos que a manutenção cresceu [...]</p>	<p>Conclusão/inferência</p> <p>Reformulador</p> <p>Conclusão/inferência</p>
(3)	<p>[...] o seu tratamento quanto a higiene é segurança costuma a ser cuidado com atenção. Contudo na maior parte dos casos, é possível identificar [...]</p> <p>O termostato é um botão que serve para regular a temperatura. Uma vês removido o termostato [...] (pág.5)</p>	<p>Oposição/contraste</p> <p>Causa/razão</p>
(4)	<p>O condensador fica na parte interna do aparelho, enquanto o evaporador se localiza na parte externa.</p> <p>Em uma geleira, o líquido refrigerante é refrigerado em um condensador, como também o ar pelo contato com a bobina.</p> <p>Como este processo é automático, os cristais de gelo [...]. Entretanto, existem exceções que requerem um conserto [...] (pág.6)</p>	<p>Sequência temporal</p> <p>Aditivo</p> <p>Especificação</p> <p>Causa/razão</p>

(5)	<p>Um vapor aquecido entra no condensador e encontra uma superfície com uma temperatura inferior ao seu ponto de ebulição, então condensa (ou liquefaz).</p> <p>O sistema funciona a partir da aplicação dos conceitos de calor e trabalho, utilizando-se de um fluido refrigerante. O fluido refrigerante, como dito anteriormente, é uma substância que, [...] (pág.8)</p>	<p>Conclusão/inferência</p> <p>Reformulador</p>
(6)	<p>Devido a sua menor eficiência e maior volume, aos refrigeradores de ciclo de ar não são frequentemente aplicados em refrigeração terrestre. Contudo, a máquina de ciclo de ar bastante comum em aviões comerciais a jacto, uma vez que existe ar comprimido disponível, obtidos nas modelos de compressão dos reatores.</p> <p>O ciclo de Sterling é igualmente eficiente a todas as temperaturas e utiliza sempre o mesmo fluido, não sendo este, portanto particularmente vinculativo, desde que seja gasoso [...] (pág.9)</p>	<p>Oposição/contraste</p> <p>Causa/razão</p> <p>Conclusão/inferência</p> <p>Sequência temporal</p>
(7)	<p>O ciclo frigorífico Sterling, embora atualmente pouco conhecido e pouco utilizado, tem [...]</p> <p>O gás refrigerante é responsável pelo funcionamento de sistemas de refrigeração, como geladeiras, freezers e aparelhos de ar-condicionado. Estes ajudam a absorver o calor do ambiente interno e o transportam por todo o sistema, até chegar às saídas de ar da condensadora, ou seja, da unidade externa. (pág.10)</p>	<p>Concessão</p> <p>Explicitação/exemplificação</p> <p>Reformulador</p>
(8)	<p>Ao lavarmos o aparelho tivemos cuidado com a parte elétrica, porque quando entra água na parte elétrica e ligarmos o aparelho vai danificar vai o aparelho, uma vêz que a parte elétrica danifica o aparelho não funciona [...] (pág.13)</p>	<p>Causa/razão</p> <p>Causa/razão</p>
(9)	<p>Ao verificarmos se havia um problema na placa elétrica verificamos o capacitor, usamos um multímetro medimos a intensidade da corrente do capacitor notamos que não estava de acordo com a intensidade normal então concluímos que o capacitor estava danificado. (pág.14)</p>	<p>Conclusão/inferência</p>
	<p>Visto que o compressor estava</p>	

10)	danificado é não podíamos fazer a recuperação porque é um compressor hermético retiramos o compressor adquirimos outro que está a funcionar e fizemos a aplicação. (pág.15)	Causa/razão
-----	--	-------------

Relatório 9

Contexto de ocorrência do operador		Valor semântico / pragmático
(1)	Edifício são construções promovida com o objetivo de proporcionar espaços destinados à habitação das pessoas e também resguardar atividades humanas diversas. (pág.1)	Aditivo
(2)	Segundo as informações da época, somente a fachada do edifício permaneceu intacta. Ainda hoje , o edifício é considerado uma das estruturas existentes mais bem preservadas. (pág.2)	Sequência temporal
(3)	[...] um homem chamado William Jenney descobriu uma maneira de utilizar vigas de aço para o esqueleto do edifício, enquanto todos os outros edifícios, no momento utilizavam tijolos para dentro e para fora. Na realização deste trabalho, começamos a pesquisa, estudando o melhor modelo a se utilizar. Desta forma , vários meios foram utilizados [...] Ao visitarmos o local de implantação da obra, constatamos as diversas irregularidades que o terreno apresenta. Como também tivemos uma conversa [...] (pág.3)	Sequência temporal Conclusão/inferência Aditivo
(4)	As escadas são séries de degraus sucessivos, dispostos em plano inclinado, com a função de finalidade de unir diferentes pisos. Também é o elemento formado por duas barras paralelas [...] A escolha do tipo de escada a ser utilizada em uma edificação será em função da	Finalidade, objetivo Adicionar sequência

	utilidade, espaço, e cargas a suportar, bem como a altura a atingir. (pág.7)	Aditivo
(5)	As escadas constituem meio de circulação vertical não mecânico que permite a ligação entre planos de níveis diferentes. Ao contrário das rampas, não são acessíveis a todas as pessoas como, por exemplo , usuários de cadeiras de rodas. Ainda assim , quando é para uso coletivo, devem ser [...] (pág.11)	Contraste Explicitação Conclusão/concessão
(6)	As rampas, diferentemente das escadas, podem se constituir meios de circulação verticais acessíveis a todos, sem exceção. Entretanto, para que elas possam ser [...] Dessa forma , não se pode utilizar a mesma largura para uma rampa de [...] A sua utilização é, assim , obrigatória em locais que devam ser acessíveis a pessoas limitadas em sua capacidade de locomoção, como : idosos, enfermos e portadores de deficiências, ou ainda , permitir a circulação de [...]. Desta forma , escolas, hospitais, clubes, cinemas, teatros, museus, e edifícios públicos, de uma maneira geral , devem dispor de rampas (ou elevadores), de forma a garantir o acesso [...] (pág.14)	Sequência temporal Finalidade Conclusão/inferência Justificação/exemplificação Conclusão/inferência Finalidade, intenção
(7)	As características básicas que definem o elevador de passageiros são sua velocidade nominal e a lotação da cabina. Após determinadas essas variáveis, tem-se por consequência definidos os equipamentos que comporão o elevador. (pág.16)	Sequência temporal Conclusão/inferência
(8)	O contrapeso consiste em uma aração metálica formada por duas longarinas e dois cabeçotes, onde são fixados pesos (intermediários), de tal forma que o conjunto tenha peso [...] (pág.17)	Finalidade/intenção
(9)	Os equipamentos de tração passam a ser instalados na parte extrema superior da caixa enquanto os dispositivos de comando se distribuem pela cabina, [...] [...] (pág.18)	Sequência temporal
	Após a abordagem acerca da edificação, o grupo concluiu que para a edificação de qualquer tipo de edifício é necessário o cumprimento de parâmetros, bem como das	Aditivos

10)	normas que regem e definem os procedimentos a se cumprir para tal, tais como REGEU entre outras e deve-se também ter em conta o factor tempo [...], e também concluímos que um dos elementos [...]. Este tema edificação é muito importante tamém porque faz-nos a conhecer o conforto de se viver não só como também de modo geral chega a complementar o meio que na qual nós vivemos. (pág.24)	Causa/razão Aditivos
-----	--	-----------------------------

Relatório 10

	Contexto de ocorrência do operador	Valor semântico / pragmático
(1)	A importância dos entrepostos frigoríficos para um sistema de logística é grande e crescente devido ao aumento da população e sua distância dos centros de produção [...]. O ciclo de refrigeração requerido pela instalação frigorífica, assim como seus equipamentos serão especificados de modo que tenhamos o funcionamento adequado da instalação frigorífica. (pág.9)	Causa/razão Aditivo Finalidade/objetivo
(2)	Os resultados de conservação são bastantes numerosos e existem muitas técnicas consideradas boas. No entanto , por mais perfeita que seja, o método não resistiu ao consumidor o peixe no estado no qual se achava antes do beneficiamento (conservação do pescado). Seus objetivos são: evitar ou retardar as reações químico-enzimáticas; retardar o desenvolvimento de microrganismos e, portanto retardar a deterioração dos produtos. (pág.11)	Oposição/contraste Conclusão/inferência
	No congelamento o desenvolvimento de microrganismos é bruscamente inibido devido a um aumento da concentração relativa de soluto [...] Salga Seca – o peixe é colocado em	Causa/razão

(3)	<p>camadas alternadas com sal, de modo que a salmoura [...].</p> <p>O peixe é inicialmente salgado à seco. À medida que ocorre a formação da salmoura, este vai ficando imerso na solução, pois não é efetuada a retirada da salmoura formada. (pág.12)</p>	<p>Finalidade</p> <p>Sequência temporal,</p> <p>enumerativo de integração</p> <p>linear,</p> <p>inferência</p>
(4)	<p>A secagem tem a função de retirar água do peixe, já que o sal só retira uma parte.</p> <p>No comércio são encontrados produtos defumados, como frangos, presuntos e embutidos, sendo os pescados mais raros. Contudo, no exterior, é bastante difundido o consumo de pescados defumados. (pág.13)</p>	<p>Causa/razão</p> <p>Exemplificação</p> <p>Oposição/contraste</p>
(5)	<p>Nas câmaras de congelação a quantidade de vapor de água no ar e a superfície dos alimentos é muito pequena, por isso as diferenças das pressões parciais tem valores muito baixos. (pág.14)</p>	<p>Conclusão/inferência</p>
(6)	<p>Designa-se por navio congelador um navio cuja principal função será congelar o pescado, podendo no entanto, ocorrer a bordo as operações [...]. São embarcações de pesca industrial, com capacidade de transformar; processar; conservar; congelar; embalar e etiquetar o pescado a bordo, de forma a que este esteja pronto a entrar no circuito. (pág.16)</p>	<p>Oposição/contraste</p> <p>Finalidade, intenção,</p> <p>objetivo</p>
(7)	<p>O pescado é levado com água do mar salubre (limpa e filtrada), com o objetivo de libertar os crustáceos de alguma conspurcação ou contaminação adquirida, enquanto estiveram aprisionados na rede de arrasto, [...] (pág.17)</p>	<p>Sequência temporal</p>
(8)	<p>Durante a receção dos peixes são feitas análises químicas, e sensoriais, com também a verificação da temperatura [...]</p> <p>Retirada das vísceras pode ser feita ou não a bordo. É imprescindível pois,</p>	<p>Sequência temporal</p> <p>Aditivo</p> <p>Conclusão/inferência</p>

	juntamente com as vísceras, serão retiradas bactérias e enzimas [...]. Em seguida , procede-se à nova lavagem, [...] (pág.18)	Sequência temporal
(9)	As caixas são colocadas em paloxes, que por sua vez são empilhadas num porta paloxes, que com a ajuda de um guincho é arrumado no porão frigorífico, de acordo com o tamanho do pescado e sua classificação, [...] (pág.21)	Sequência temporal Responsabilidade enunciativa/fonte do saber
(10)	Congelar alimentos significa reduzir a temperatura para baixo do ponto de congelamento, de maneira que a maior parte [...]. O congelamento lento produz cristais de gelo muito grandes, que no descongelamento irão danificar a estrutura do peixe, tais como textura, cor e etc. (pág.22)	Finalidade, intenção, objetivo Aditivo
(11)	Congeladores de Placa - Se empregam principalmente no congelamento de filés dispostos em bandejas para o consumo, ou daqueles apresentados em blocos, já que o contato íntimo com o material a congelar [...] (pág.23)	Causa/razão
(12)	[...] em virtude da presença de sais minerais e de outras substâncias químicas nela dissolvidas. Devido a este facto o início da congelação tem lugar a uma temperatura de -1°C. À medida que a água vai congelando a concentração de [...]. Durante a congelação do pescado pode-se distinguir três fases como mostra a figura. (pág.24)	Consequência/resultado Sequência temporal Sequência temporal exemplificação
(13)	O volume do porão já está pré-definido, uma vez que as dimensões da embarcação e o fim para que os espaços <u>de</u> destinam, já foram bem definidos pelo Engenheiro Naval e o respectivo Construtor. [...], terá que adaptar o projeto ao espaço disponibilizado. Em suma , terá que adaptar o projeto às instalações e não pretender que as instalações se adaptem ao seu projeto. (pág.26)	Causa/razão Finalidade Conclusão/inferência
	O volume útil do porão frigorífico é o volume do porão que é ocupado pelo produto	

(14)	congelado, ou seja , pela soma do volume do conjunto paloxes, na situação de carga máxima do porão. (pág.28)	Reformulador/explicitação
(15)	As paredes exteriores laterais estão semi-submersas, isto é , uma parte estará em contato com a água do oceano [...] (pág.30)	Reformulador/explicitação
(16)	O porão está completamente isolado dos locais reservados à tripulação das máquinas, de forma a evitar qualquer tipo de contaminação [...] (pág.34)	Finalidade
(17)	São estes fluxos energéticos que importa mesurar e controlar, de forma a apresentarem valores que possibilitem a relação custo versus benefício ser economicamente sustentável e ajustada para ao fim que se destina. (pág.35)	Finalidade Finalidade
(18)	[...], que minimizam o caudal de ar exterior que imigra para o exterior do porão, quando está encerrado. No entanto , a simples existência de superfícies com descontinuidade, [...] Estas perdas não deverão ser submetidas, apesar de ser difícil quantificá-las de forma exata [...] (pág.37)	Oposição/contraste Concessão
(19)	O porão frigorífico possui uma abertura no tecto, para acesso dos marinheiros, carga e descarga dos crustáceos. Tal facto joga a favor da diminuição das perdas de energia, uma vez que o ar com maior energia (mais quente) e menos denso tenderá a acumular-se junto do tecto e é este ar que se perde pelas juntas do acesso ao portão. Por outro lado os evaporadores dinâmicos estão situados no tecto, provocando o efeito de cortina de ar [...] (pág.38)	Inferência Causa/razão Enumerativo/integração linear
(20)	Existem 28 paloxes e 7 estruturas de estiva guardadas no armazém de apetrechos para uma situação de emergência, de carga completa do porão. Neste caso , a carga térmica por eles introduzida é maior. (pág.39)	Conclusão/inferência
(21)	Se por um lado comercialmente este produto é de algum valor, nutricionalmente quando chega ao consumidor não constitui um produto de alto teor de nutrientes para o consumo humano. Durante a congelação	Enumerativo

	seja ela lenta ou rápida, o pescado depois de descongelado, não só torna-se a musculatura flácida pela perda de água, mas sobretudo perde boa percentagem de substâncias nutritivas. (pág.42)	Sequência temporal Aditivo
--	--	-------------------------------

Apêndice II - Quadro dos operadores, ocorrências e frequências dos 10 Relatórios

Operadores	Ocorrências	Freq. Relativas (%)
no primeiro	1	0,20
de que	1	0,20
no início	1	0,20
mas depois	1	0,20
a seguir	3	0,61
de modo semelhante	1	0,20
já	2	0,41
porém	11	2,25
mas	3	0,61
embora	7	1,43
enquanto	11	2,25
inicialmente	5	1,02
mesmo antes	1	0,20
segundo	2	0,41
e depois	5	1,02

também	12	2,45
por outro lado	11	2,25
para que	13	2,66
de forma a	8	1,64
onde	2	0,41
ainda que	3	0,61
é exemplo	1	0,20
regra geral	1	0,20
na medida em que	1	0,20
na realidade	1	0,20
no entanto	13	2,66
de modo a	2	0,41
em que	3	0,61
sendo que	3	0,61
assim que	1	0,20
após	6	1,23
de seguida	2	0,41
para finalizar	1	0,20
entanto	1	0,20
uma vez que	14	2,86
isto é	10	2,04
pelo que	5	1,02
sendo então	1	0,20
depois de	3	0,61

pois	13	2,66
tal como	3	0,61
no caso de	1	0,20
atualmente	5	1,02
devido a	5	1,02
pelo facto de	1	0,20
de acordo	3	0,61
além de	1	0,20
primeiramente	1	0,20
por isso	9	1,84
até mesmo	1	0,20
ou seja	17	3,48
portanto	4	0,82
como	9	1,84
por exemplo	7	1,43
como podemos observar	1	0,20
de modo que	3	0,61
então	6	1,23
somente	3	0,61
quando	1	0,20
por um lado	4	0,82
razão pela qual	1	0,20
e, portanto	1	0,20

como por exemplo	2	0,41
para assim	1	0,20
a primeira	1	0,20
a segunda que por sua vez	1	0,20
e por sua vez	1	0,20
e assim	3	0,61
antes que	2	0,41
com isso	2	0,41
mesmo que	2	0,41
razão no qual	1	0,20
depois	7	1,43
que de princípio	1	0,20
visto que	2	0,41
o que tange	1	0,20
enfim	1	0,20
assim como	2	0,41
e em seguida	1	0,20
como, por exemplo	2	0,41
assim	9	1,84
ou até mesmo	2	0,41
a fim de	4	0,82
desta forma	4	0,82
ou então	1	0,20

e conseqüentemente	1	0,20
caso	1	0,20
durante	6	1,23
e por parte	1	0,20
no que tange	1	0,20
como também	7	1,43
de tal modo que	2	0,41
mas também	1	0,20
para as quais	1	0,20
inclusive	2	0,41
como já	1	0,20
no que	1	0,20
porque	2	0,41
embora como	1	0,20
e como tal	1	0,20
contudo	7	1,43
logo	2	0,41
e para no qual	1	0,20
conforme	1	0,20
mas sim	1	0,20
pelo qual	1	0,20
deste modo	2	0,41
mas, por um lado	1	0,20
por forma a	2	0,41

como consequência	1	0,20
a primeira parte	1	0,20
a segunda parte	1	0,20
de modo a que	3	0,61
em suma	2	0,41
enquanto a primeira parte	1	0,20
desde em	1	0,20
todavia	2	0,41
e com isso	1	0,20
desta maneira	1	0,20
para isso	2	0,41
nesse exemplo	1	0,20
ainda	4	0,82
de tal forma que	2	0,41
pensando nisso	1	0,20
e, finalmente	1	0,20
além disso	2	0,41
efetivamente	1	0,20
à direita	1	0,20
à esquerda	1	0,20
mais	1	0,20
em torno da qual	1	0,20
isto significa que	1	0,20

sem as quais	1	0,20
devido a isso	1	0,20
e ainda	1	0,20
entretanto	4	0,82
podemos concluir que	1	0,20
desta forma	1	0,20
é claro	1	0,20
e também	2	0,41
aonde	2	0,41
em poucas palavras	1	0,20
de forma	2	0,41
de princípios	1	0,20
por conseguinte	1	0,20
em pouca palavra	1	0,20
primeiro	1	0,20
em seguida	2	0,41
e por fim	1	0,20
ainda assim	2	0,41
que se segue	1	0,20
conclui-se	1	0,20
ao passo que	1	0,20
desde	1	0,20
e mais tarde	1	0,20
só depois	1	0,20

já que	4	0,82
tanto	1	0,20
à medida que	3	0,61
aí então	1	0,20
até	2	0,41
o que também	1	0,20
e exemplo	1	0,20
sendo assim	1	0,20
a finalidade de	1	0,20
e não só	1	0,20
diante de tudo	1	0,20
como dito	1	0,20
desde que	2	0,41
porque quando	1	0,20
concluimos que	1	0,20
com que	1	0,20
ainda hoje	1	0,20
com a finalidade	1	0,20
bem como	2	0,41
ao contrário	1	0,20
dessa forma	1	0,20
de uma maneira geral	1	0,20
por consequência	1	0,20
para tal	1	0,20

tais como	2	0,41
não só	2	0,41
de modo geral	1	0,20
que na qual	1	0,20
sempre que	1	0,20
antes de	1	0,20
no qual	1	0,20
e, portanto	1	0,20
de forma a que	1	0,20
que por sua vez	1	0,20
de maneira a que	1	0,20
para o fim que	1	0,20
no entanto	1	0,20
apesar de	1	0,20
tal facto	1	0,20
neste caso	1	0,20
mas sobretudo	1	0,20
TOTAL	489	100,00